

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

# REVISTA PHILOLOGUS

ISSN 1413-6457



**RIO DE JANEIRO – ANO 07 – Nº 20  
MAIO/AGOSTO – 2004**

**R454**

**Revista Philologus / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. – Ano 8, nº 20, (maio/ago. – 2001) – Rio de Janeiro: CEFEL. 140 p.**

**Quadrimestral  
ISSN 1413-6457**

**1. Filologia – Periódicos. 2. Linguística – Periódicos.  
I. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**

**CDU 801(05)**

# *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

## EXPEDIENTE

A *Revista Philologus* é um periódico quadrimestral do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFiL) que se destina a veicular a transmissão e a produção de conhecimentos e reflexões científicas, desta entidade, nas áreas de Filologia e de Linguística por ela abrangidas.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

### Editora

**Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFiL)**

Rua Visconde de Niterói, 512/97 – 20.943-000 – Rio de Janeiro – RJ

Telefax: (21) 2569-0276 – E-mail: [pereira@uerj.br](mailto:pereira@uerj.br) e [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br)

**Diretor-Presidente:** Prof. Dr. José Pereira da Silva

**Vice-Diretora:** Profa. Dra. Maria Lúcia Mexias Simon

**1.º Secretário:** Prof. Dr. Alfredo Maceira Rodríguez

**2.º Secretário:** Prof. Dr. Ruy Magalhães de Araujo

**Diretor da Revista Philologus** Prof. Nataniel dos Santos Gomes

**Vice-Diretor da Revista Philologus** Prof. Me. Vito Cesar de O. Manzolillo

### Equipe de Apoio Editorial

Constituída pelos Diretores e Secretários do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFiL). Esta Equipe é a responsável pelo recebimento e avaliação dos trabalhos encaminhados para publicação nesta *Revista*.

**Redator-Chefe:** José Pereira da Silva

### Conselho Editorial

Afrânio da Silva Garcia

Aileda de Mattos Oliveira

Alfredo Maceira Rodríguez

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

Amós Coêlho da Silva

Cristina Alves de Brito

José Pereira da Silva

Maria Lúcia Mexias Simon

Nataniel dos Santos Gomes

Ruy Magalhães de Araujo

Salatiel Ferreira Rodrigues

Vito Cesar de Oliveira Manzolillo

**Diagramação, edição e editoração** José Pereira da Silva

**Projeto de capa:** Emmanoel Macedo Tavares

### Distribuição

A *Revista Philologus* tem sua distribuição endereçada a Instituições de Ensino, Centros, Órgãos e Institutos de Estudos e Pesquisa e a quaisquer outras entidades ou pessoas interessadas em seu recebimento mediante pedido e pagamento das taxas postais correspondentes.

SUMÁRIO

<b>0. EDITORIAL</b> – <i>José Pereira da Silva</i> .....	05
<b>1. A ascensão do dialeto dos negros norte-americanos como marca de identidade cultural</b> – <i>João Bittencourt de Oliveira</i> .....	08
<b>2. A estilística através dos textos – parte 2</b> – <i>Ruy Magalhães de Araujo</i> .....	24
<b>3. Algumas palavras sobre o empréstimo lingüístico</b> – <i>Vito Cesar de Oliveira Manzollilo</i> .....	38
<b>4. Hemetério José dos Santos, o demolidor de preconceitos</b> – <i>Antônio Martins de Araújo</i> .....	48
<b>5. Marcadores conversacionais na linguagem jornalística</b> – <i>Paulo de Tarso Galembeck e Luciane Rampazo Blanco</i> .....	53
<b>6. Mirandês: uma língua em andamento</b> – <i>Luiz Fernando Dias Pita</i> .....	65
<b>7. O Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC</b> – <i>Luísa Galvão Lessa</i> .....	75
<b>8. Observações sobre os clíticos</b> – <i>Nataniel dos Santos Gomes</i> .....	85
<b>9. Ocorrência das correções e reconstruções na fala</b> – <i>Adão Aparecido Molina</i> .....	92
<b>10. Os nomes próprios na sociedade fluminense</b> – <i>Maria Lucia Mexias Simon, Célia Regina Costa Corrêa e Castro e Helenice Villela da Costa</i> .....	111
<b>11. Processo de expressão popular na “Cena Trimalchionis” de Petrónio</b> – <i>Edison Lourenço Molinari</i> .....	122
<b>12. Aulas de português com estilo</b> – <i>Vito Manzollilo</i> .....	134
<b>13. Castro Alves em 68 versões de “o navio negreiro”</b> – <i>José Pereira da Silva</i> .....	137
<b>INSTRUÇÕES EDITORIAIS</b> .....	140

**EDITORIAL**

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos apresenta-lhe o número 20 da *Revista Philologus*, com onze artigos e duas resenhas, de autoria dos professores, filólogos e/ou lingüistas: Adão Aparecido Molina, Antônio Martins de Araújo, Edison Lourenço Molinari, João Bittencourt de Oliveira, José Pereira da Silva, Luciane Rampazo Blanco, Luiz Fernando Dias Pita, Luíza Galvão Lessa, Maria Lúcia Mexias Simon, Nataniel dos Santos Gomes, Paulo de Tarso Galembeck, Ruy Magalhães de Araújo, Salatiel Ferreira Rodrigues, Vito Cesar de Oliveira Manzolillo.

A *Revista Philologus* se mantém por um período de mais de seis anos ininterruptos, com uma segunda edição dos 15 primeiros números, em cinco volumes, buscando atender a demanda dos interessados, além da disponibilização de seus artigos na Internet, no domínio [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br), que o CiFEFiL criou e administra.

Neste número você poderá ler:

Nas páginas 7-22, a dialetologia é tratada de um modo novo, com a análise das condições de um dialeto norte-americano denominado *ebonics*, que é utilizado na literatura, no cinema e na música;

Nas páginas 23-36, a segunda parte do artigo do filólogo Ruy Magalhães em que o “sistema expressivo” e “eficácia estética” do português é analisado em diversos pontos;

Nas páginas 37-46, a lexicologia ganha mais uma contribuição sobre o empréstimo, abordando-se alguns de seus mais importantes aspectos lingüísticos e sociológicos;

Nas páginas 47-51, registram-se alguns elementos biobibliográficos do patrono da cadeira 25 da Academia Brasileira de Filologia, um intelectual exemplar, digno de admiração;

Nas páginas 52-63, discute-se o papel exercido pelos marcadores conversacionais na estruturação do discurso oral culto na lin-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

guagem jornalística, verificando-se a presença e função das posições do turno conversacional no início, no meio e no fim da elocução;

Nas páginas 64-72, novamente se trata de dialetologia da língua portuguesa, considerando-se o surgimento de uma nova língua, circunscrita ao uso cotidiano, sem expressão literária e falada numa região que é parte do território português e que se caracteriza por traços fonológicos e morfológicos fundamentais próprios;

Nas páginas 73-82, a Geografia Linguística Brasileira é apresentada nos moldes sugeridos por Antenor Nascentes, em trabalho etnolingüístico extremamente interessante na unidade federativa brasileira que tem o governo da floresta, com uma síntese teórica substancial para o seu estudo;

Nas páginas 83-89, o autor apresenta a descrição do comportamento dos clíticos em português e em outras línguas, com classificações feitas por diversos teóricos e algumas considerações sobre os afixos e sobre a concordância;

Nas páginas 90-108, partindo do princípio de que fala e escrita possuem estreitas relações, o autor observa os reflexos da oralidade na escrita e da escrita na fala, assim como a ocorrência dos mecanismos de correção e reconstrução, mais intensas e mais perceptíveis na linguagem oral do que na escrita;

Nas páginas 109-119, as autoras apresentam um registro de uma etapa de pesquisa maior, que já resultou em outros trabalhos e que ainda prossegue na busca de explicação para os topônimos e antropônimos curiosos do Estado do Rio de Janeiro;

Nas páginas 120-131, o autor nos mostra como Petrónio nos revela a mentalidade da plebe romana de seu tempo, além de registrar fatos do latim corrente. Apesar de utilizar o latim clássico quando fala na qualidade de narrador, apresenta o latim popular na fala dos libertos no jantar de Trimalquião, com suas características fonéticas, morfossintáticas e lexicais e o registro de inúmeras figuras de estilo de sabor popular e expressões proverbiais;

Nas páginas 132-124, há uma resenha do livro *Mal comportadas línguas*, de Sírio Possenti, que trata das aulas de português ministradas por grande número de jornais, à semelhança dos já meio

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

distanciados “consultórios gramaticais”.

Por fim, nas páginas 135-137, outra resenha trata do livro de Antônio José Chediak, com a recensão e preparo de uma edição crítica do mais conhecido poema de Castro Alves.

Agradeceremos a todos por quaisquer comentários críticos, que serão sempre acatados com respeito como uma contribuição para a melhoria da qualidade de nossa produção acadêmica e editorial.

Rio de Janeiro, junho de 2001.

*José Pereira da Silva*

**A ASCENSÃO DO DIALETO  
DOS NEGROS NORTE-MERICANOS  
COMO MARCA DE IDENTIDADE CULTURAL**

*João Bittencourt de Oliveira (UERJ)*

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho pretende apresentar um relato, sem nenhuma pretensão de eruditismo, de alguns aspectos da situação atual de um dos fenômenos lingüísticos mais curiosos de nossos tempos, ou seja, o **ebonics**<sup>1</sup> ou o dialeto dos negros norte-americanos, buscando investigar até que ponto justamente a ascensão desse dialeto contribui para a determinação da identidade cultural do grupo étnico que dele se utiliza, não apenas na comunicação diária, mas também nas manifestações artísticas, como na literatura, no cinema e na música.

Nos fins da década de 90, alguns jornais e revistas noticiaram a decisão das autoridades escolares da cidade de Oakland, no Estado da Califórnia, em reconhecer o **inglês negro** como idioma, e não como dialeto, gíria ou o uso “errado” do inglês americano padrão. Segundo os responsáveis pela decisão, os hábitos lingüísticos dos negros norte-americanos têm suas raízes numa cultura distinta da anglo-saxônica, e portanto devem receber tratamentos semelhantes aos dispensados aos imigrantes de outros países onde não se fala o inglês, e recebem educação bilíngüe em todo o país.

A prefeitura de Oakland chegou a solicitar ajuda do Estado da Califórnia e do Governo Federal para implementar o programa de ensino em **ebonics**, termo que vem suplantando os mais tradicionais **Black English (inglês negro)** ou **Black English Vernacular (inglês negro vernáculo)**.

Os movimentos em favor de se elevar o **ebonics** ao status de língua têm causado acirradas polêmicas nos grandes centros acadêmicos do país. De um lado seus defensores, entre eles o famoso lingüista e pesquisador William Labov, da Universidade de Pensilvânia, acham que tal decisão vai ajudar os alunos negros, muitos dos quais não falam sequer uma palavra em inglês padrão, a melhorar seu de-

---

<sup>1</sup> De **ebony** [Do grego *ébenos*, através do latim *ebenu*, português *ébano*.] Árvore que fornece madeira escura, pesada e muito resistente.

sempenho escolar em todas as disciplinas. De outro lado, os críticos acham que ela aumenta as segregações raciais e legitima o uso “errado” do inglês padrão. Alguns consideram o **inglês negro** um dialeto e, por isso, não deve receber tratamento de língua estrangeira. Em 1997, o deputado Republicano Peter King chegou a apresentar uma resolução para vetar o uso de verbas federais em programas de incentivo do ensino da linguagem usada pelos negros nas ruas. Segundo esse deputado, o **inglês negro** seria um “produto do politicamente correto radical e do afro-centrismo” que vai em breve “dividir o país racialmente e prejudicar o futuro dos estudantes negros, ensinando a eles algo que não faz sentido, em vez de ensinar-lhes o inglês.”

## 2. UM POUCO DE HISTÓRIA

Durante os primeiros anos da colonização, uma variedade bastante peculiar do inglês estava emergindo nas Antilhas e ao sul dos Estados Unidos. Essa variedade ou dialeto era falado pela população negra que começava a se assentar, como consequência da importação de escravos africanos para trabalhar nas plantações de cana de açúcar, uma prática iniciada pelos espanhóis já em 1517. A partir de século XVII, navios europeus partiam para a costa ocidental da África, que corresponde atualmente a Gana, Costa do Marfim, Libéria, Serra Leoa, Guiné, e Guiné-Bissau, onde foram construídas prisões para armazenar escravos até que pudessem ser vendidos ou trocados por mercadorias baratas. Esses escravos eram embarcados em condições bárbaras e subumanas para as Ilhas do Caribe e a costa norte-americana, onde eram sucessivamente trocados por mercadorias, como açúcar, rum e melado. Os navios, em seguida, retornavam à Inglaterra completando um triângulo pelo Atlântico, e o processo se repetia.

Os vinte primeiros escravos africanos comercializados nas colônias foram vendidos aos colonos de Jamestown (no Estado da Virgínia), em 1619, por um corsário holandês que por ali passava. Na época da Revolução, em 1776, o número de escravos alcançara a cifra de meio milhão, e já era de quatro milhões quando a escravidão foi abolida, no final da Guerra Civil, em 1865.

A estratégia dos mercadores de escravos consistia em trazer pessoas de diferentes ambientes lingüísticos juntos nos mesmos navios, exatamente para dificultar possíveis rebeliões. O resultado foi o

crescimento de diversas formas do **pidgin**<sup>2</sup> para fins de comunicação, em particular um **pidgin** entre os escravos e os marinheiros, muito dos quais falavam inglês. Chegando ao Caribe, esse **pidgin English** continuava a ser utilizado como principal meio de comunicação entre a população negra e os novos proprietários de terra, e entre os próprios negros. Então, quando seus filhos nasciam, o **pidgin** gradativamente passava a ser usado como língua materna, produzindo o primeiro dialeto **crioulo**<sup>3</sup> dos negros da região.

Foi exatamente esse **crioulo** de base inglesa que rapidamente veio a ser usado nas fazendas do sul e em diversas cidades costeiras. Ao mesmo tempo, o inglês britânico padrão ia se impondo como uma variedade de prestígio por toda a região devido à influência política emergente da Grã-Bretanha. Formas “crioulizadas” do francês, do espanhol, e do português estavam também emergindo no Caribe e proximidades, e algumas delas interagiam com o **crioulo** a as variedades do inglês padrão. As ilhas do Caribe conseqüentemente vieram a desenvolver um número extraordinário de variedades do inglês, refletindo suas histórias políticas e culturais próprias, com as suas formas “crioulizadas”, exibindo a influência da língua padrão em diferentes graus. Ademais, o discurso das Antilhas não se limitava às fronteiras geográficas das Ilhas do Caribe: foi levado com grandes comunidades posteriormente encontradas no Canadá, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Como era de se esperar, estas novas localidades favoreceram o surgimento de novas variedades lingüísticas.

#### DIFERENÇAS ENTRE O INGLÊS NEGRO E O INGLÊS PADRÃO

Assinalaremos apenas algumas das diferenças que nos parecem mais relevantes.

---

<sup>2</sup> Língua caracterizada por vocabulário limitado e estruturas gramaticais reduzidas que se desenvolve como uma língua de contato, quando grupos de pessoas que falam línguas diferentes tentam se comunicar.

<sup>3</sup> Uma modalidade de **pidgin** que se torna língua nativa de um grupo de falantes, sendo empregada para as suas necessidades comunicativas diárias. Os **crioulos** são geralmente classificados de acordo com a língua de que provém a maior parte de seu vocabulário; ex.: **crioulos** de base inglesa, francesa, portuguesa, etc.

### 3.1 Fonética

As diferenças fonológicas mais marcantes entre o **inglês negro** e o inglês norte-americano padrão são as seguintes:

1. O **inglês negro** segue o modelo dos dialetos norte-americanos em geral que consiste na supressão do [r] pós-vocálico, ou sua substituição por [a], como ocorre na pronúncia usual das regiões nordeste e sul, em palavras como *farm* “fazenda”, *part* “parte” e *park* “parque”. Pares de palavras como *guard* “guarda” e *God* “Deus”, *nor* “nem” e *gnaw* “roer”, *sore* “ferida” e *saw* (pretérito de *see* “ver”), *poor* “pobre” e *pa* “papai” (familiar), *fort* “forte” e *fought* (pretérito e particípio de *fight* “lutar”), *court* “corte” e *caught* (pretérito e particípio de *catch* “agarrar”) são pronunciadas de maneira idêntica no **inglês negro** devido a essa regra fonológica em sua gramática.

2. De mesmo modo que o [r], a consoante líquida [l], que se realiza no mesmo ponto de articulação, tende a vocalizar-se (tornando-se uma vogal de transição) sendo geralmente suprimida quando pós-vocálica nos dialetos do inglês norte-americano. Tal fenômeno pode ser visto como uma continuação do processo histórico que produziu a pronúncia do [l] de palavras como *walk* “andar” e *talk* “falar”. Em virtude da influência da grafia, muitos falantes norte-americanos vêm introduzindo um *l* em palavras como: *calm* “calmo”, *palm* “palma” e *balm* “bálsamo”.<sup>4</sup>

Pesquisas de campo constataam que a perda do *l* é muito mais freqüente entre os falantes negros do que entre os brancos das cidades do norte, acarretando a formação de homófonos, como *toll* “pedágio” e *toe* “dedo do pé”, *all* “todos” e *awe* “medo”, *help* “socorro” e *hep* “informado” (termo de gíria), *tool* “ferramenta” e *too* “também”, *fault* “falta” e *fought* (pretérito e particípio de *fight* “lutar”), *Saul* (personagem da Bíblia e prenome masculino, “Saul” ou “Saulo”) e *saw* (pretérito de *see* “ver”).

3. Uma tendência bastante comum nas línguas em geral é o enfraquecimento de consoantes finais, especialmente as oclusivas. Já que as oclusivas sonoras [b], [d] e [g] são freqüentemente ensurdecidas em posição final no discurso negro, podendo em alguns casos so-

---

<sup>4</sup> No inglês britânico padrão, o *Standard English* ou *RP* (De *Received Pronunciation*), o *l* é mudo em tais palavras.

frer uma queda final, Labov constatou os seguintes homófonos:

*boot* “bota” = *boo* “bu” (interjeição)  
*seat* “assento” = *seed* “semente” = *see* “ver”  
*road* “estrada” = *row* “remar”  
*poor* “pobre” = *poke* “empurrão” = *Pope* “Papa”  
*feed* “alimentar” = *fee* “taxa”  
*bit* “pedaço” = *bid* “lance em leilão” = *big* “grande”

4. O **inglês negro** tende a simplificar os grupos consonantais, particularmente em final de palavras e quando uma das duas consoantes é uma linguodental ou alveolar ([t], [d], [s], [z]). Como afirma Labov, a aplicação dessa regra pode resultar na supressão do morfema marcador do pretérito. Desse modo *meant* (pretérito de *mean* “significar”) e *mend* “consertar” são ambas pronunciadas *men* “homens”; *past* “passado” e *passed* (pretérito de *pass* “passar”) podem ambas ser pronunciadas como *pass* [pæs]. Quando os falantes desse dialeto produzem, por exemplo, a frase *I pass the test yesterday* (literalmente “\*eu passo no teste ontem”), eles não estão, como se supõe, demonstrando ignorância na distinção entre o pretérito e o presente do inglês padrão, mas estão pronunciando o pretérito em conformidade com esta regra estabelecida em sua própria gramática.

Esta regra de supressão nem sempre se aplica. Conforme revelam estudos mais recentes, sua aplicação tende a ocorrer quando o [t] ou [d] finais não representam o morfema indicador de pretérito, como em substantivos do tipo *paste* [peis], “pasta” em oposição a verbos como *chased* [tcheist] (pretérito de *chase* “caçar”), onde o morfema marcador de pretérito [t] nem sempre é suprimido.

Esse fenômeno tem se confirmado também com [s] ou [z] em posição final, que será mantido mais frequentemente por falantes do **inglês negro** em palavras como *seats* [si:t + s] “acentos”, onde o *s* é marca de plural, do que em palavras como *Keats* [ki:t], onde a probabilidade de supressão é maior.

5. O grupo consonantal [ks], convencionalmente grafado *x* em inglês, é geralmente reduzido a [k] no discurso negro: *six* “seis” é pronunciado do mesmo modo que *sick* “doente”, *Max* (hipocorístico de *Maximilian*) igual a *Mack* e *box* “caixa”, como *bock* “cerveja escura”.

6. A supressão do morfema indicador de plural regular previ-

sível por leis fonéticas [s] ou [z], conforme a sonorização do segmento imediatamente precedente, é bastante freqüente. Essa redução é favorecida pela presença de um quantificador, isto é, quando o marcador de plural passa a ser uma informação redundante. Eis alguns exemplos:

*I see four book.* “Vejo quatro livro”.

*I have fifty cent.* “Tenho cinqüenta centavo”.

Às vezes, a supressão atinge certos advérbios terminados em *s*, como: *always* (ao invés de *always* “sempre”), *sometime* (ao invés de *sometimes* “às vezes”).

A supressão do marcador do genitivo, convencionalmente grafado ‘s, é também bastante comum, uma vez que a noção de posse é de maneira inequívoca indicada pela ordem das palavras: *That is the man hat* (em vez de *That is the man’s hat* “Aquele é o chapéu do homem”).

7. As fricativas dentais [th] e [dh] sofrem diversas alterações no **inglês negro**, fenômeno que também se verifica em algumas variedades do inglês norte-americano em geral (e também no discurso de crianças). Em posição inicial realizam-se, respectivamente, como as oclusivas surda [t] e sonora [d] – daí *den* “cova” ou “toca” = *then* “então” e *thigh* “coxa” = *tie* “gravata”. O grupo consonantal [thr] é freqüentemente percebido com [fr], produzindo *three* “três” = *free* “livre”. Processo semelhante ocorre com [th] e [dh] em posição intervocálica e final após vogais. Assim *brother* “irmão” pode ser pronunciado [brâver] no discurso negro; *either* “também” (em frases negativas) pronuncia-se [Ifer], *Ruth* (prenome feminino *Rute*) e *tooth* “dente” pronunciam-se respectivamente [ruf] e [tuf].<sup>5</sup>

8. O tratamento das nasais no **inglês negro** é também uma extensão de processos evidentes em alguns dialetos do inglês norte-americano (particularmente o do sul). O sufixo *-ing*, por exemplo, é regularmente pronunciado [In], em vez de [Ing], onde se verifica a substituição da velar nasal sonora [ng] pela alveolar [n]. Ademais, as nasais freqüentemente não recebem o fechamento oral no **inglês negro**. A vogal precedente é nasalizada, mas a consoante não se realiza. Consequentemente, *dumb* “mudo”, *dun* “credor importuno” e

---

<sup>5</sup> Essa correspondência [th] – [f] é também observada em alguns dialetos do inglês britânico, onde [th] não chega nem mesmo a se realizar como fonema.

*dung* “esterco” são todas pronunciadas [dâ].

9. Vários desenvolvimentos vocálicos são característicos do **inglês negro**, embora possam ocorrer em outras variedades do inglês norte-americano; daí o desaparecimento de certos traços distintivos como: [I] e [e] antes de nasais – *pin* “alfinete” = *pen* “caneta”, *bin* “caixa” = *Ben* (hipocorístico de *Benjamim*), e outras do mesmo tipo como: [i:] e [ei] antes de [r] e [l] – *beer* “cerveja” = *bear* “urso”, *cheer* “ânimo” = *chair* “cadeira”, *steer* “bezerro” = *stair* “escada”, *pe-el* “casca” = *pail* “balde”. De modo semelhante, [u] e [o] antes de [r] – *poor* “pobre” = *pour* “aguaceiro”, *sure* “certo” = *shore* “litoral”, *moor* “charneca” = *more* “mais”.

10. Antes de consoantes surdas, o ditongo [ai] é frequentemente reduzido à vogal [a] – como em [fa:t] *fight* “lutar”. Do mesmo modo, os negros reduzem o ditongo [au] à vogal central baixa, ao passo que a maioria das variedades sulistas alteram esse ditongo transformando o primeiro elemento em vogal posterior ou central. Embora os contrastes vocálicos possam ser mantidos, a mudança dos pontos de articulação pode levar os leigos – especialmente os habitantes do norte -- a imaginar que tanto os negros quanto os habitantes do sul tenham incorporado séries como *rat* “ratazana”, *right* “certo” e *riot* “tumulto”. Daí os seguintes homófonos terem sido identificados no **inglês negro** pelos falantes brancos do norte:

*find* “encontrar” = *found* “encontrou” = *fond* “aficionado”  
*boil* “ferver” = *ball* “bola”  
*time* “tempo” = *Tom* (hipocorístico de *Thomas*)  
*oil* “óleo” = *all* “todos”

### 3.2 Morfologia e s intaxe

A estrutura morfológica do **inglês negro** é bastante influenciada pelos processos fonológicos apresentados acima.

#### 3.2.1 O Paradigma verbal

O paradigma verbal é o mais fortemente afetado no **inglês negro**. Para a maioria dos falantes, o paradigma seguinte é possível, tanto para o presente simples quanto para o pretérito do verbo *talk* “falar”, por exemplo:

I talk            we talk  
you talk        you talk  
he/she/it talk    they talk

A supressão do morfema marcador da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo em alguns estilos pode resultar numa inserção generalizada do *s* em todo o paradigma em estilos mais formais: *I, you* (singular), *we, you* (plural) e *they talks*. Eis um exemplo curioso extraído de “Porgy & Bess”, ópera inspirada nos costumes e no folclore dos negros do sul dos Estados Unidos, do compositor judeu norte-americano George Gershwin:

“I loves you, Porgy.”

Essa hipercorreção pode atingir até mesmo o infinitivo: *he want to talks all the time* “ele quer falar o tempo todo”. Devido à perda do *l* pós-vocálico, as formas contratas do futuro e do condicional perifrásticos podem ser reduzidas tornando-se homófonas como as formas reduzidas do pretérito e do presente:

I’ll talk = I’d talk = I talk  
You’ll talk = you’d talk = you talk  
He’ll talk = he’d talk = he talk

*Gonna* vem se firmando como um marcador freqüente do futuro no discurso negro, como em *I gonna talk* “vou falar”. As formas contratas do auxiliar do “present perfect”, *have* e *has*, podem sofrer reduções adicionais: *I’ve talked three hours* passa a *I talk three hours*, que tanto poderia significar *I talked three hours* “falei durante três horas” quanto *I talk three hours* “falo durante três horas” (habitualmente). A fusão desse contraste é, entretanto, equilibrada por um maior uso do “past perfect” em narrativas pelos falantes do **inglês negro**, desse modo *I had talked three hours* “tinha falado durante três horas” marca o aspecto perfectivo, em contraste com o imperfectivo *I talk three hours*.

Do mesmo modo que as variedades não-padronizadas dos suelistas, o discurso negro possui um aspecto completivo não encontrado no discurso padrão: *I done talked myself tired* “falei até me cansar” enfatiza a realização por inteiro de uma atividade. Uma noção de aspecto temporal remoto é peculiar ao discurso negro: *I been talked myself tired to that old man* “tinha falado com aquele velho até me cansar” exprime a idéia de que a ação havia ocorrido há muito

tempo. Tanto as construções do aspecto completivo quanto as do aspecto remoto são raras no discurso negro do norte e estão em vias de desaparecimento.

### 3.2.2 Negativas duplas

Os falantes do **inglês negro** compartilham dos principais padrões sintáticos do discurso geral americano. Até mesmo as divergências seguem padrões desenvolvidos em outras variedades não-padronizadas. A área de diferença mais importante, e a melhor estudada, é a forma negativa. O **inglês negro**, bem como a maioria das variedades americanas não-padronizadas e as variedades mais antigas do inglês, faz largo uso da negação múltipla. As variedades padronizadas, naturalmente, acolhem apenas um elemento numa frase negativa. Exemplos:

*I don't have any money.* “Eu não tenho nenhum dinheiro.”

*I have no money.*

O discurso negro tende a reforçar a negativa inserindo outro elemento na frase, produzindo:

\**I don't have no money.*

No inglês padrão, o sujeito indeterminado deve ser “negativado”:

*Nobody has money.* “Ninguém tem dinheiro.”

Seriam, portanto, agramaticais as transformações:

\**Anybody doesn't have any money.* “Ninguém não tem nenhum dinheiro.”

\**Anybody has no money.* “Ninguém tem nenhum dinheiro.”

A transformação equivalente no discurso negro é:

*Nobody don't have no money.*

Eis mais alguns exemplos de negativas duplas ou múltiplas:

*I ain't seen nobody.*

*I ain't never done nothing to nobody, and ain't never got nothing*

*from nobody no time.* (Trecho de uma canção de Bert Willi-

ams)

Conforme a orientação dos antigos gramáticos “prescritivos”, alguns eruditos e professores afirmam ser ilógico produzir tais frases, visto que duas negativas equivalem a uma afirmativa.

Já que essas construções negativas ocorrem no **inglês negro** com bastante frequência, alguns educadores são levados a concluir que os falantes desse dialeto são deficientes, pois usam a língua de modo “ilógico”. Talvez desconheçam o fato de que muitos escritores de renome antes deles haviam falado e escrito frases com duas ou mais negativas, como estas que se encontram em Chaucer<sup>6</sup>:

“Forwhy to tellen nas [ne was] nat his entente/  
To never no man, for whom that he so ferde.”

(Troilus and Criseyde I, 738-39)

“He nevere yet no veleynye ne sayde/  
In all his lyf unto no maner wight.”

(*Canterbury Tales*. Prologus 70-71)<sup>7</sup>

### 3.2.3 Supressão do verbo “to be”

Como resultado da convergência dos fatores fonológico, morfológico e sintático, o verbo *to be* “ser” ou “estar” possui formas e funções radicalmente diferentes no discurso negro. Primeiramente, o **inglês negro**, paralelamente a outras variedades não-padronizadas, revela uma forte tendência a regularizar este paradigma mais irregular do inglês. Para muitos falantes, especialmente as crianças e os negros das zonas rurais do sul, *is*, *was* e a negativa *ain't* são usadas com todas as pessoas do singular e do plural:

I's a real light yelleow color.  
He is better than the girls is, now.  
You ain't the best sounder, Eddie!  
I ain't! He is!

Eis mais alguns exemplos extraídos da obra de George Gershwin acima citada:

---

<sup>6</sup> Poeta inglês (Londres 1340-1400), autor dos *Contos da Cantuária*. Traduziu o *Romance da rosa* e imitou os poetas italianos. Sua obra contribuiu para fixar a gramática e a língua inglesas.

<sup>7</sup> *Apud* Pyles (1964, p. 227).

“Bess, you is my woman.”

“It ain’t necessarily so.”

Um segundo traço peculiar do **inglês negro** consiste na supressão de *be* como verbo de ligação. O linguísta William Labov mostra em suas pesquisas de campo que o verbo *be* tende a ser suprimido nos seguintes contextos sintáticos:

Antes de um sintagma nominal: *She the first.*

Antes de um adjetivo predicativo: *He fast in everything he do.*

Antes de locativo: *You out the game.*

Antes de uma negativa: *But everybody not black.*

Antes de formas verbais em –ing: *He just feel like he gettin’ cripple up from arthritis.*

f) Antes da forma do futuro “gonna”: *He gon’ try get up.*

Segundo Labov, esse verbo possui dois paradigmas de conjugação e que ele distingue como *be1* e *be2*. Além da irregularidade das formas flexionais do verbo *be1*, o **inglês negro** possui um morfológicamente invariável *be2*. O significado de *be2* tem sido interpretado de várias maneiras. Para Labov, o invariável *be* em frases como *He be always fooling around* “Ele está sempre gracejando” e *It be raining* “Está chovendo” geralmente exprime um aspecto durativo ou iterativo, dependendo da natureza da ação. O invariável *be2* é uma introdução recente no discurso dos negros norte-americanos de Salt Lake City, onde há uma comunidade isolada de negros desde a imigração Mormom em 1847, na região conhecida como Great Basin “Grande Bacia”, nos Estados de Nevada, Califórnia e Utah. Enquanto as origens desse traço permanecerem obscuras, duas observações se fazem necessárias. Primeiramente, as ocorrências de *be2* estão intimamente relacionadas às construções com *will* e *would*: *I be good* (literalmente “eu ser bom”) pode ser interpretada tanto como a forma reduzida de *I will be good* como *I would be good*. Em segundo lugar, a relação semântica para justificar essas duas variantes. A frequência com que se fala de ações habituais realizadas por sujeitos no plural é maior do que no singular. Mas não se pode ignorar o fato de que a forma *are* seja suprimida duas vezes mais do que a forma *is*. O morfema *be2* não pode ser afetado pelos processos fonológicos que atingem *are*, de modo que *be2* naturalmente preenche a lacuna deixada pela forma *are*.

Uma outra forma gramatical que tem sido atribuída unicamente aos dialetos dos negros é o emprego de *been* (particípio de *be*) em sentido intransitivo: *He been et* (*et = ate*), (literalmente “\*ele sido comeu”). Embora esta seja uma forma passiva, seu significado é provavelmente o de término de uma ação num passado remoto, em oposição a *He done ate* (literalmente (\*“ele feito comeu”), que representa o término de uma ação num passado mais recente. Embora não se registrem citações dessas construções em textos ingleses antigos, elas têm sido encontrados também no discurso dos habitantes de Terra Nova.

### 3.2.1 *It is = There is em frases existenciais*

O **inglês negro** emprega a construção *it is* (que indica oração sem sujeito) onde outras variedades exigem a forma estereotipada *there is* (que exprime noção de existência). Desse modo, no discurso negro a frase *It is a house on the corner of the street* “Há uma casa na esquina da rua” equivale no discurso padrão a *There is a house on the corner of the street*.

Toon (1982, p. 238) mostra que essa construção, entretanto, já era corrente no inglês medieval, mas, de acordo com o *Oxford English Dictionary*, foi substituída por *there is* no século XVII. Uma citação desse dicionário datada de 1617 encontra paralelo no **inglês negro** da atualidade “*It is no living with them.*” Não se sabe, entretanto, se o emprego moderno dessa construção é um remanescente da forma antiga ou se se trata de uma inovação.

### 3.3 O léxico

A presença afro-americana nos Estados Unidos tem causado um impacto substancial no vocabulário do inglês padrão. Até meados do século XIX, a maior parte desse léxico refletia o **status** e as condições de escravidão, constituído de muitos termos de insulto e denúncia. Os exemplos que se seguem têm origem na primeira metade do século XIX.

*Slave driver* (1807) – feitor de escravos; mais tarde usado para designar qualquer empregador ríspido e exigente.

*Uncle* (1820) – termo de tratamento utilizado pelos brancos para se dirigir a um negro idoso.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*Negro thief* (1827) – pessoa que ajudava um escravo a fugir.

*Nigger lover* (1830) – termo de gíria para designar qualquer simpatizante do abolicionismo.

*Poor white trash* (1833) – termo usado pelos escravos para designar os brancos que se sujeitavam a desempenhar trabalhos escravos.

*Free paper* (1847) – documentos concedidos a escravos livres como prova de seu novo *status*.

*Niggerhead* (1847) – pedra ou rocha, especialmente arredondada e escura.

*Nigger heaven* (1850) – galeria ou fileira de assentos mais altos num balcão de teatro.

Em contraste, grande parte do vocabulário dos anos 60 possui certa marca positiva e até certo ponto ousada. Vejamos alguns termos surgidos nessa época:

*Black power* – movimento que preconiza a igualdade racial e outras liberdades civis dos negros norte-americanos.

*Freedom march* – marcha da liberdade.

*Soul brother* – companheiro de cor.

Dignos de registro são alguns *slogans*:

Tell it like it is! Black is beautiful!

O termo *sit-in* tornou-se popular na década de 60, quando estudantes negros, desafiando as “normas” de segregação, sentavam-se em lugares estritamente reservados aos brancos nos restaurantes, estações rodoviárias, teatros e outros logradouros públicos. Outros termos por analogia foram logo criados, em apoio ao movimento, como *pray-in*, *play-in* e *swim-in* (em áreas de lazer segregadas), e ao final da mesma década, o sufixo *-in* já estava sendo usado em todos os tipos de contexto, indo bem além dos movimentos de protesto, daí *love-in*, *teach-in*, *be-in*.

Quando se trata de dinamismo de linguagem e disposição para fazer uso de metáforas, o **inglês negro** é um dialeto difícil de ser superado. Consideremos alguns itens para fins de ilustração:

*Dog* (também grafado *dwag*), além de “cão”, pode significar “pé”, “amigo” ou “homem”: *My dogs are killing me*.

*Butter* “manteiga” - emprega-se com o sentido de “legal”.

*Grill* “grelha” - passa a significar “dentes”.

*Fat* “gordo” - é utilizado na acepção de “legal”, “excelente”, ou ainda “sexy”: *You are truly fat, Wendy!*

#### 4. CONCLUSÃO

Nos Estados Unidos, as variedades vernáculas do **inglês negro** tornaram-se um foco de atenção particular nas últimas décadas. A história dessas variedades é complexa, controversa e apenas parcialmente compreendida. Há pontos de vista conflitantes sobre a origem do **inglês negro**. Registros das primeiras formas desse discurso são esparsos. Não está devidamente esclarecido, por exemplo, até que ponto o discurso negro tem influenciado a pronúncia dos brancos do sul. De acordo com alguns lingüistas, o contato durante gerações entre senhores e escravos levou aqueles a assimilar alguns hábitos do discurso destes, que se desenvolveram dando origem ao falar “arrastado”, típico do sul. Somente a partir do século XIX, quando os movimentos abolicionistas começaram a reivindicar os direitos civis dos negros, é que as representações solidárias do **inglês negro** começaram a despontar em obras literárias, como as de Harriet Stowe (*Uncle Tom's Cabin*) e Mark Twain (*Hucklebery Fin*).

Levada para as cidades industriais dos estados do norte nas últimas décadas do século XIX, a cultura negra tornou-se conhecida no país inteiro, especialmente por sua música. O resultado lingüístico foi um grande afluxo de vocabulário novo, informal, no uso geral da língua, à medida que os escravos aprendiam os padrões do discurso vivo daqueles que cantavam, tocavam e dançavam – desde os antigos *spirituals*<sup>8</sup>, passando pelas diversas formas do *jazz* e *blues*, até os estilos mais tardios do *rapping*, *soul music* e *break-dancing*. Ao mesmo tempo houve um crescimento das oportunidades para o povo negro nos campos políticos e profissionais. O movimento pelos direitos civis dos anos 60 alcançou uma vitória tanto política quanto lingüística, com as escolas sendo obrigadas a levar em consideração o caráter distintivo do **inglês negro vernáculo**, seguindo-se o resultado bem sucedido de uma demanda judicial em Ann Arbor, Michigan, em

---

<sup>8</sup> Canto religioso dos negros do sul dos Estados Unidos.

1977.

Nos anos 80, o uso público de muitas expressões na língua popular que discriminavam esse grupo étnico foi radicalmente reprimido pelos seguidores da doutrina do “corretismo político”. A respeitabilidade corrente do termo *African-American* (que data de aproximadamente 1830) passou a substituir as formas, até então eivadas de conotações pejorativas, como *Afro-American*, *Africo-American*, *Afro* (todos em evidência a partir de 1830), *coloured* (preferido no período que se seguiu a Guerra Civil), *negro* (preferido após 1880, com *N* maiúsculo cerca de 50 anos mais tarde), e *black* (em voga na década de 60). *Black* está hoje em dia proscrito, e os conflitos lingüísticos têm aumentado à medida que as pessoas se empenham em encontrar novas formas de expressão isentas de conotações pejorativas.

Quanto à aceitação do **inglês negro** como língua, convém lembrar que, já na década de 60, quando teorias radicais de educação estavam em voga, alguns professores argumentavam que os livros didáticos na maioria das escolas de negros deveriam ser traduzidos para o **inglês negro**. Esses professores sustentavam que esse dialeto distinto, por ser uma expressão da identidade negra, não deveria sofrer nenhum tipo de interferência. O inglês padrão não é “mais correto” do que os **inglês negro**, insistem os educadores mais progressistas.

Essa visão tem sido desde então depreciada, pelo menos em parte, afirmando os críticos que ela pode ter contribuído para a defasagem nos escores de leitura dos estudantes negros. A maioria dos professores sustentam que, mesmo que o **inglês negro** seja um dialeto “válido”, eles estariam prestando um desserviço a seus alunos negros se deixassem de instruí-los nas regras do inglês padrão.

A questão é interessante para os Estados Unidos que há muito vêm reivindicando ser um cadinho cultural, com a capacidade de absorver e integrar imigrantes dos mais diversos ambientes étnicos. Durante as décadas de 70 e 80, entretanto, negros, mexicanos e porto-riquenhos lograram seu intento em manter seus modos peculiares de falar inglês, ou de alguma maneira, até mesmo o espanhol, em nome da identidade cultural. Seus objetivos não é se dissolverem despercebidos na cultura “padrão”, mas sim estabelecerem uma identidade cultural independente como negros-americanos, mexicanos-

americanos ou porto-riquenhos. Esses grupos étnicos têm sido muito menos bem recebidos pela cultura americana “padrão” do que os imigrantes europeus o foram no passado.

#### BIBLIOGRAFIA

BAUGH, Albert & CABLE, Thomas. *A history of the English language*. 4<sup>th</sup> ed. London : Routledge, 1993.

CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of the English language*. Cambridge : Cambridge University Press, 1995.

LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972.

PYLES, Thomas. *The origins and developments of the English language*. Second edition. New York : Harcourt-Brace Javanovich, 1964.

SPEARS, Richard A. *NTC's dictionary of American slang and other colloquial expressions*, Lincolnwood : NTC Publishing Group, 1995.

TOON, Thomas E. Variation in contemporary English. In: BAILEY, Richard W. & GÖRLACH, Manfred. *English as a world language*. Cambridge : Cambridge University Press, 1982, p. 210-250.

WILLIAMS, Joseph M. *Origins of the English language: a social and linguistic history*. New York : The Free Press, 1975.

WOLFRAM, Walter A. & FASOLD, Ralph W. *The study of social dialects in American English*. Englewood Cliffs (N.J.) : Prentice-Hall, 1974.

## A ESTILÍSTICA ATRAVÉS DOS TEXTOS – PARTE 2

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

### ESTILÍSTICA SINTÁTICA

Trabalha com o valor expressivo das construções.

#### 1) Mudança de tratamento:

Ocorre de um período para outro, mostrando estado de alteração emocional ou psíquica entre o falante e o ouvinte ou entre o autor e o leitor. Trata-se da "*impregnação afetiva da frase*", no dizer do Professor Rocha Lima, *Op.cit.*, p. 452. É preciso que não se confunda esse estado de alteração, que é um traço estilístico, com erro gramatical, que é a violação da norma culta.

Vejam-se os exemplos de Castro Alves, em *O Fantasma e a Canção*:

– "Mendigo, *podes* passar!  
Meu cajado - já foi cetro,  
Meus trapos - manto real!  
– Senhor, minha casa é pobre ...  
*Ide* bater a um solar!"

O primeiro tratamento: *tu* demonstra humildemente o modo acolhedor, quando o fantasma pede abrigo. O segundo tratamento: *vós* revela a soberba do fantasma, quando, referindo-se ao seu passado, diz que já foi rei.

2) Emprego de verbos na primeira pessoa do plural, em lugar da segunda, como seria o usual. Tenha-se o seguinte exemplo de Almeida Garrett, apresentado pelo Professor Rocha Lima, *Op.cit.*, p. 453:

" - Sim, eu agora ando bom ... e *tu*, meu Luís, como *vamos* de saúde?"

Evidencia-se a diferença entre "*tu*, meu Luís," e "como *vamos*", em que o autor expressa a maneira cordial da indagação, notadamente com o tratamento afetivo "meu Luís".

#### 3) Uso de infinitivo pessoal ou flexionado.

Trata-se de um idiotismo ou particularidade da língua portuguesa, cujo emprego se condiciona a vários aspectos normativos.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

"Eles pensam sermos nós voluntários". (No caso, possui desinências de pessoas).

### 4) Emprego da silepse.

Por silepse entendemos a figura de sintaxe pela qual a concordância das palavras se faz de conformidade com o sentido e não segundo as regras da gramática.

"A silepse pode ser de *gênero*, de *número* ou de *pessoa*.

Ocorre a silepse de gênero:

a) quando, com pronomes de tratamento, o adjetivo concorda com a pessoa a que esses pronomes se referem:

V. *Ex<sup>a</sup>*, *temido e respeitado*, tome-se, por quem é, conta daqueles desvalidos. (HERCULANO: *Cartas*, II, p. 46, ed. s/d)

b) quando, com substantivos próprios de *idades*, *rios*, *montes*, a concordância se opera com o apelativo da classe a que pertencem tais substantivos:

*A Campos formosa* (isto é, a cidade de Campos).

*O Amazonas corre majestoso* para o oceano (isto é, o *rio*).

Ocorre a silepse de número:

a) quando o sujeito é um coletivo e o verbo concorda com os elementos desse verbo isoladamente:

Essa *gente* não terá vindo?

- Parece que não. Já *sáiram* há um bom pedaço. (MACHADO DE ASSIS: *Relíquias de Casa Velha*, p. 169, ed. Garnier, s/d.)

b) quando o sujeito é o pronome *nós*, empregado por *eu*, e se prefere fazer a concordância com o termo subentendido:

"*Chegado*, porém, à conclusão deste livro, *por-lhe-emos* remate com uma reflexão". (HERCULANO: *História de Portugal*, II, p. 408). "A nós, que fomos instituídos *intérprete* do direito natural e divino. (RUI: *O Papa e o Concílio*, p. 203)

Ocorre silepse de pessoa quando a concordância se opera não com a pessoa expressa, mas com a que está oculta:

Dizem que os cariocas *somos* pouco dados aos jardins públicos. (MACHADO DE ASSIS, *Op. cit.*, p. 140).

Senhor, os que *somos* de terra *deixamos* repousar os navegan-

tes. (GARRETT: *Fr. Luís de Sousa*, p. 221)

(Arthur de Almeida Torres. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.)

5) Uso do anacoluto.

Trata-se de uma desconexão sintática, no meio do enunciado, por via de regra após uma pausa sensível, resultante do desvio do plano de construção frasal. "É a quebra da construção lógica da oração". (E. Bechara, *Op. cit.*, p. 595) "*Anacoluto* ou *anacolúcia* é a interrupção da textura de uma frase, de modo que uma palavra ou expressão fica como que solta, sem função sintática definida". (Arthur de Almeida Torres, *Op. cit.*, p. 226). (...) "é uma das belezas mais ornamentais da língua. De geração espontânea na linguagem do povo, como o provam os adágios e rifões, os escritores e poetas mais autorizados acharam-lhe tal graça, tal efusão, que o transportaram de flor popular e anônima, a flor de gala e louçania" (Carlos Góis, in: *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959, p. 227, de Arthur de Almeida Torres). "Quase sempre, o que determina o anacoluto é a colocação, no rosto do período, do elemento de maior relevo psicológico. Nele se concentra por tal forma o nosso interesse, que não prestamos atenção à regularidade sintática e o deixamos a valer por si, sem ligação com os demais membros da frase". (Prof. Carlos Henrique da Rocha Lima, *Op. cit.*, p. 454) "O anacoluto, fato bastante comum na língua oral, deve ser usado, na expressão escrita, com sobriedade e consciência". (Paschoal Domingos Cegalla, *Novíssima Gramática de Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989, p. 521).

"A pessoa que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se opõe a lei"

"A construção gramatical seria : *Contra a pessoa* que não sabe viver em sociedade se opõe a lei". (Prof. Evanildo Bechara, *Op. cit.*, p. 595)

"Bom! Bom! *eu parece-me* que ainda não ofendi ninguém!"

(J. Régio, *SM*, 105, in: --- *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, de Celso Cunha e Lindley Cintra, p. 613).

"(...) foi o pronome *eu*, que anunciava como sujeito do verbo

seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto (*me*). (*Id.*, *Ib.*)

6) Colocação dos pronomes oblíquos átonos (ou topologia pronominal).

Em função da expressividade, muito se tem lançado mão da liberdade de colocação dos pronomes oblíquos átonos, mormente quando se inicia frase. *Me dá um abraço*, em verdade, fica muito mais impregnado de afetividade do que *Dá-me um abraço*, que, neste exemplo, põe por terra qualquer elo aproximativo ou de amizade, traduzindo, isto sim, imposição, ordem, mando. Na mesóclise e na ênclise, igualmente, notam-se traços estilísticos marcantes.

7) Emprego do estilo indireto livre.

Outra faceta é o emprego do estilo indireto livre.

Vejam-se os seguintes exemplos:

a) estilo direto:

"O sacerdote, com o coração a sangrar, disse: Positivamente, este país não é amigo de Seus".

b) estilo indireto:

"O sacerdote, com o coração a sangrar, disse que positivamente aquele país não era amigo de Deus".

c) estilo indireto livre:

"O sacerdote estava com o coração a sangrar. Positivamente, aquele país não era amigo de Deus". (Prof. Carlos Henrique da Rocha Lima, *Op. cit.*, p. 458)

8) Uso da elipse:

Elipse é a omissão de termos facilmente subentendidos.

"Os homens pararam, o medo no coração". (Jorge Amado)

(Os homens pararam, com o medo no coração)

Nota-se que a primeira construção é mais concisa e elegante. Desvia-se da norma estritamente gramatical para atingir um fim expressivo ou estilístico." (Domingos Paschoal Cegalla. *Op. cit.*, p. 518)

Pode ocorrer:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Com a omissão de pronomes sujeitos, de verbos, de elementos conectivos (preposições e conjunções):

Marina estava grávida. Preferiu não dizer. (ela)

O livro merece lido. (verbo ser)

O trabalho era pesado, os empregados, poucos. (eram)

Espero tenhas prudência. (que)

Os estabelecimentos saqueados, nenhum sinal de vigilantes.

(e)

A eclipse pode ser total ou parcial de uma oração:

Eu já conhecera aquele rosto, porém não sabia onde. (não sabia onde o conhecera)

Nas chamadas frases nominais, também se dá eclipse:

"Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses." Carlos Drummond de Andrade)

(Bom rapaz era o verdureiro, vivia cheio de atenções para com os fregueses)

9) Pleonasma é o uso de termos redundantes e tem por finalidade reforçar ou enfatizar a expressão.

"Tenha pena de sua filha, perdoe-lhe pelo *divino amor de Deus*". (Camilo Castelo Branco)

*Vi com os olhos* cheios de lágrimas.

*A mim me* parece óbvio...

*A ti te* dedico esta foto.

10) Polissíndeto é a repetição de conjunção coordenativa, geralmente a aditiva "e"; dá sempre idéia de repetição:

"Trejeita, e canta, e ri nervosamente". (Antônio Tomás)

"No aconchego do claustro, na ciência e no sossego,

Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!" (Olavo Bilac)

"Mão gentil, *mas* cruel, *mas* traiçoeira". (Alberto de Oliveira)

11) Assíndeto é a ausência de conjunção entre elementos ordenativos; dá sempre idéia de omissão:

Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero, até que ouvia duas

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

notas estridentes, localizava o fugitivo, saía de casa como um redemoinho, empurrava as portas, estabanada:

- Quero o meu peritiquito.

(Graciliano Ramos)

12) Reticência é a omissão intencional da idéia, fazendo com que o silêncio seja mais expressivo que a palavra. É a *retórica do silêncio*, poder-se-ia dizer:

"Nós dois ... e, entre nós dois, implacável e forte,

A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte ... " (Olavo Bilac)

13) Inversão é a troca, a alteração, da ordem dos termos oracionais, com a intenção de fazê-los destacar, colocando-os no início da frase:

"Por que brigavam no meu interior esses entes de sonho não sei".

(Graciliano Ramos)

14) Zeugma é a supressão de vocábulo anteriormente expresso, porém subentendido com outra flexão:

"Nem ele entende a nós, nem nós a ele". (Camões)

(Na segunda oração, o verbo *entender* está oculto pela forma *entendemos*)

15) Hipálage é a atribuição que se dá a alguma palavra daquilo que pertence a outra palavra:

Aves cheirosas, flores ressonantes." (Gregório de Mattos)

(O poeta atribuiu às aves o que pertence às flores e às flores, o que pertence às aves)

16) Hipérbato é a inversão da ordem natural das palavras na oração, ou a da ordem das orações no período.

"Aberta em par estava a porta." (Almeida Garrett)

"*Das idades através*". (Castro Alves)

17) Anástrofe é a inversão da ordem natural do pensamento, contudo sem haver a quebra da correlação existente entre as palavras:

As Gálias conquistou César.

18) Tmese é o emprego do futuro do presente e do futuro do

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

pretérito com a intercalação de um ou mais pronomes oblíquos:

"*Seguir-se-me-á* uma morte bem assombrada" (Padre Antônio Vieira)

19) Síntese é a inversão violenta da ordem natural das palavras, disso resultando tornar-se a frase obscura:

"A grita se alevanta ao Céu, da gente". (Camões, *Os Lusíadas*, II, p. 91)

(A grita da gente se alevanta ao Céu)

20) Anáfora é a repetição de uma ou mais palavras no início de duas ou mais frases, de membros da mesma frase, ou de dois ou mais versos:

"Quase tu mataste, /Quase te mastaste, /Quase te mataram!"

(Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*, p. 244)

21) Epístrofe é a repetição da mesma palavra ou das mesmas palavras ao final de cada um dos membros de frases.

"Nunca morrer *assim!* Nunca morrer num dia - *Assim!* De um sol *assim!*" (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 170)

22) Símploce é a repetição da mesma palavra ou das mesmas palavras no começo e fim de frases:

"*Tudo* se encadeia, *tudo* se prolonga, *tudo* se continua no mundo ..."

(Olavo Bilac)

23) Concatenação consiste em iniciar-se cada um dos membros de frase pela última palavra da frase anterior:

"O mau humor produz a *impaciência*; da *impaciência* nasce a *cólera*; da *cólera*, a *violência*; e a *violência* conduz ao crime". (Carlos Henrique da Rocha Lima, *Op.cit.*, p. 474)

24) Conversão é a repetição simétrica, com os termos invertidos.

Cheguei. Chegaste. *Vinhas fatigada*  
*E triste, e triste e fatigado eu vinha.*  
*Tinhas a alma de sonhos povoada.*  
*E a alma de sonhos povoada eu tinha...*

(Olavo Bilac)

25) Enálage é a substituição do gênero, número, caso, pessoa, tempo, modo ou voz de uma palavra por outro gênero, número, caso, pessoa, tempo, modo ou voz. J. Mattoso Câmara Jr., *Op. cit.*, p. 235, dá-lhe o nome de *transposição*, e se caracteriza pelo fato de dar a um termo uma aplicação diversa da que lhe é peculiar. Ex. Hoje *vou*, (*vou* amanhã, *vou* se puder) ao teatro. (=Irei ao teatro se puder). Temos aí o presente pelo futuro. Simplesmente, é o emprego de um tempo verbal por outro.

"Se deres mais um passo, *morres* (=morrerás)", conforme exemplo do Prof. Manuel Pinto Ribeiro. *Op. cit.*, p. 338.

### ESTILÍSTICA SEMÂNTICA

Sondando a denotação (função representativa da linguagem) e a conotação (função de exteriorização psíquica ou apelo), podemos dizer que tais funções se fazem presentes para estabelecer a significação intelectual das palavras, o que vem a ser, em última análise, o escopo da estilística semântica.

De fato. A denotação espelha a palavra em seu sentido próprio, primeiro, não-metafórico, tal qual se registra nos dicionários, e que remete o leitor a um objeto referencial, denotativo do mundo extralingüístico, objeto esse que pode ser real ou imaginário. A conotação, ao contrário, sugere ou evoca, por associação de idéias, numa inter-relação afetiva ou emocional, figurativamente outro objeto de caráter conotativo.

Assim, os dicionários registram de início a definição principal das palavras (que é sempre denotativa) e a seguir nos fornecem a outra definição, que é conotativa. Observe-se como exemplo a palavra *ÁGUIA*. Os dicionários apresentam-lhe de imediato o seu significado denotativo: "[Do lat. *Áquila*.] S. f. Denominação restrita às aves de rapina da ordem dos falconiformes, notáveis pelo seu tamanho e vigor, inexistentes no Brasil e em toda a América do Sul.// P. ext. Insígnia ou símbolo representado pela figura estilizada deste animal. Logo a seguir, segue-se a definição de caráter conotativo: "Fig. Pessoa de grande talento e perspicácia. //Por antonomásia, designação de pessoa notável, com indicação da terra em que nasceu e do lugar onde se tornou famoso. Ex. Ruy Barbosa, *águia de Háia*; Napoleão, *águia de Austerlitz*. Outros exemplos poderão ser indicados, haja vis-

ta a palavra *madastra*. Sob a óptica denotativa, significa: "[Do lat. Vulg. *Matrasta*.] S. f. Mulher casada, em relação aos filhos que o marido teve de núpcias anteriores.// Fig. Mãe ou mulher inclemente, descaridosa, má, ruim. Registram-na, ainda, como adjetivo: vida *madrasta*. É óbvio que nem todas as madrastas merecem essa conotação negativa, existindo algumas que desempenham o papel de verdadeiras mães.

É através da conotação que encontramos a *série sinonímica* das palavras. Por *série sinonímica* entendemos "grupos de palavras que têm uma significação geral comum, mas se distinguem por leves idéias particulares e se empregam em situações diferentes. Comparem-se, por exemplo, as palavras *cara*, *rosto*, *face*, *fisionomia*. Todas significam a parte superior da cabeça. Todavia, não usaríamos indistintamente umas pelas outras. Sentimos logo que *cara* é palavra vulgar, um tanto grosseira; *rosto* pertence a uma linguagem mais delicada; *face* já nos soa como termo culto, mais próprio da literatura; *fisionomia* emprega-se quando se quer aludir aos sentimentos que transparecem no rosto de uma pessoa". Tudo isto de acordo com os ensinamentos de C. H. da Rocha Lima, (*Op. cit.*, p. 448-449). Na denotação, faz-se a distinção dos sinônimos pelo seu sentido mais amplo ou menos amplo: *educador*, *mestre*, *professor*; *recompensa*, *gratificação*, *gorjeta*. Na conotação, pelo seu efeito estético, que pode ser:

- i. emprego usual ou técnico: vertigem/lipotimia; fastio/anorexia;
- ii. emprego corrente ou literário: *criado/fâmulo*; *beijo/ósculo*;
- iii. emprego nobre ou plebeu: vísceras/tripas; barriga/pança; bucho/estômago, narinas/ventas.

Na polissemia (propriedade de uma palavra ter múltiplas significações), a sinonímia está vinculada ao contexto. Dá-se polissemia em palavras onde existe uma única forma (significante), contendo vários significados ou campos semânticos diferentes.

Tomemos o verbo *ABRIR* em suas várias acepções:

"[Do lat. *Aperire*.] V.t.d. Mover (porta, janela, etc., fechada ou cerrada); descerrar: Bonifácio *abriu* as janelas todas da frente e desceu à chácara. (Machado de Assis,

*Outras Relíquias*, p. 29); // Separar, afastar as partes juntas ou

contíguas de: *abrir* os olhos; *abri* a boca; o tabelião desabotoou o paletó, tirou a carteira, *abriu*-a, e mostrou-lhe duas notas de cinco mil-réis. (Machado de Assis, *Papéis Avulsos*, p. 204.) // Separar, afastar, apartar: O navio *abria* as águas do mar. // Estender, distender: *abrir* os braços. // fender, furar, mediante incisão, corte, golpe, etc. // Fazer incisão em; cortar, rasgar: o médico *abriu* o abisso. // Desabotoar: *Abriu* a camisa para refrescar-se. // Fazer desabotoar, ou desabrolhar: Neste limiar de indiferença, / não posso *abrir* a tênue rosa / domais espiritual suspiro (Cecília Meireles, *Obra Poética*, p. 248.) // Descerrar (livro, revista), geralmente para ler ou consultar. // Acender (a luz elétrica). // Ligar: *abrir* a chave da luz. // Retirar o invólucro, ou a tampa, ou o selo de: *abrir* um pacote; *abrir* uma garrafa. // Fazer funcionar, pôr em uso: *abrir* uma torneira. // Acender (a luz elétrica). // Ligar: *abrir* a chave da luz. // Começar, principiar, encetar: *abriu* um choro convulsivo. // Dar por começado ou aberto: *Abriu* a sessão solene com um breve discurso. // Montar (estabelecimento, loja, etc). // Gravar, burilar, esculpir, entalhar. // Registrar, lavrar. // Estabelecer (crédito). // Bras. Ceder a interrogatório, confessando (crime) ou denunciando (alguém). // E. Ling. Dar pronúncia aberta, longa a (uma vogal). // Bras. Afastar (o cavalo) da trilha. // Na sinalização de trânsito, fazer passar (o sinal vermelho, que indica impedimento) a verde, que indica trânsito livre: O guarda *abriu* o sinal e os veículos avançaram. // Art. Graf. O mesmo que *entrelinhar*. // Art. Graf. O mesmo que *interespacejar*. Art. Graf. O mesmo que *arejar*. Art. Graf. O mesmo que Aumentar os claros entre as letras, palavras, ou linhas na composição. [Antôn. nesta acepção: *apertar*. Cin. Fot. Telev. Obter maior amplitude de enquadramento do assunto, mediante afastamento da câmara, ou por uso de zum. [Antôn. Nesta acepção: *fechar*. // Inform. Carregar (arquivo ou programa), preparando-o para uso. // Inform. Criar ou expandir janela de aplicativo, tornando-a ativa. // Inform. Numa rede de computadores, iniciar uma conexão de um computador com outro. Mar. Romper pelas costuras: O impacto da vaga *abriu* a embarcação. Bras. Gír. Terminar (relacionamento), romper. // Inform. Acessar ou criar um arquivo para ler, alterar ou acrescentar dados. V. t. e i. O mesmo que *descerrar*. // Estender, estirar: -Ela *abria* os braços. E eu ficava. (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 168. // Estabelecer, conceder crédito. // Mar. Variar a marcação, afastando-se da direção da proa da embarcação. // Obter, ganhar: Senna *abriu* vantagem sobre Piquet.. // Tornar acessível; franquear. D.João Vi

*abriu* os portos às nações amigas. // Favorecer, proporcionar. V.t. i. Descerrar a porta; franquear a entrada: Mandou *abrir* aos que batiam. // Fazer confidências, desabafar-se; abrir-se: *Abriu*, afinal, com o velho companheiro. // T. c. Dar acesso, comunicação; dizer. A janela *abre* para o jardim. // Ter descerradas as portas de entrada, para atender ao público: As casas comerciais *abrem* às 9 horas. // Mar. Afastar-se, distanciar-se: O navio *abriu* do cais. // Rondar o vento no sentido da popa da embarcação: O vento *abriu* para o través, para a alheta, etc. // T. c e i. Abrir; FHC *abre* 7 pontos sobre Lula (Folha de São Paulo, 12.8.1994). V. int. Abrir a porta; franquear a entrada: Bateram à minha porta, / Fui *abrir*, não vi ninguém. (Manuel Bandeira, *Estrala da Vida Inteira*, p. 197). // Desabrochar, desabotoar; abrir-se: Que linda noite! Os cravos vão a *abrir* ... (Antônio Nobre, *Só*, p. 172) // Melhorar, serenar as condições meteorológicas, o tempo. // Mar. Diminuir a bruma, o nevoeiro. // Bras. Afastar-se, distanciar-se. // Bras. Angol. O mesmo que *fugir*; Os que tinham famílias nas matas, não passou uma semana, já *abriram*. (Papeleta, *A Geração da Utopia*, p. 156). // Bras. Ceder a interrogatório, confessando crime ou denunciando alguém. // Brás. Pop. Mudar de idéia; ceder; abrir mão. // Surgir ou aparecer de súbito: O relâmpago *abria*, ilumina-me instantaneamente a razão e depois passava. (Cordeiro de Andrade, *Anjo Negro*, p. 107). // V. p. Rasgar-se; fender-se: Com o terremoto as paredes do templo *se abriram*. // Pôr-se em condições de uso, estendendo-se, desdobrando-se: O pára-quadras *se abriu* por inteiro como uma pequena abóbada volante. (Orígenes Lessa, *Omelete em Bombaim*, p. 143) // Bras. Ir-se embora; sair, partir, viajar. // Bras. Gír. Viver sorrindo; sorrir."

(Novo Aurélio. *O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 16, 17)

Vejamos a palavra *REBANHO*:

s. m. Porção de gado lanígero. // P. Ext. O total de qualquer espécie que constitui gado para corte. // Porção de animais, como carneiros, cabras, etc., guardados por pastor. // Grande quantidade de quadrúpedes que vivem em hordas, ordinariamente em estado selvagem. // Fig. Conjunto de fiéis, em relação ao seu pastor, papa, bispo ou pároco. Nesta acepção, o mesmo que *redil*. // Fig. Grupo de pessoas que se deixam levar sem manifestar opinião ou vontade própria.

A palavra *MANGA*:

[Do lat. *Manica*, manga de túnica.] S. f. Parte do vestuário onde se enfia o braço. // Filtro afunilado para líquidos. // Qualquer peça de forma tubular que reveste outra peça. // O mesmo que *tromba-d'água*. // Parte do eixo dum veículo que se encontra dentro da caixa de graxa e recebe todo o peso do carro. [Do lat. \**manica*<*manus*, exército, hoste.] S. f. Hoste de tropas. // Grupo, ajuntamento, bando, turma. [Do mal. *manga*.] S. f. O fruto da mangueira. // O mesmo que *mangueira*, isto é, tubo de lona, borracha, plástico, etc., para condução de água ou de ar. [Do esp. plat. *Manga*.] S. F. Bras. Am. Parede de cerca que vai da beira até as asas dos currais-de-peixe, perpendicularmente ao rio. // Bras. Ma. Espécie de corredor com paredes de varas, que conduz a um rio ou a um igarapé e serve para guiar os bois que vão ser embarcados. Bras. CE a BA e MG a GO. Pastagem cercada onde se guarda o gado. // Bras. BA. Na rede de pescar denominada *calão*, a parte que fica nas extremidades, onde se puxam as cordas. // Bras. RS. Cercas divergentes, a partir da porta do curral, que servem para facilitar a entrada, no curral, do gado. // Bras. RS. Linha formada por pessoas a pé ou a cavalo para obrigar o animal a passar por determinado ponto, ou fazê-lo entrar para a mangueira.

As palavras *GRAVE*, *PENA*, *CABO*, *PONTO*, *LINHA*, etc. igualmente servem de modelos para lhes determinarmos os campos semânticos respectivos.

Outro tópico importante, é o que diz respeito aos antônimos. Por eles, entendemos as palavras que possuem significação completamente oposta.

Ora são termos de radicais distintos, ora possuem o mesmo radical, caracterizando-se um deles por um prefixo de valor negativo:

abrir-fechar	feliz-infeliz
claro-escuro	lealdade-deslealdade
resistir-ceder	normal-anormal.

(C. H. da Rocha Lima, *Op.cit.*, p. 540)

Os homônimos também figuram como de grande importância. Trata-se de palavras que apresentam a mesma pronúncia, tendo por vezes a mesma grafia, porém com o significado diferente.

*são* (sadio); *são* (verbo ser); *são* (santo)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O sentido dos homônimos só pode ser estabelecido pelo contexto em que os mesmos estejam inseridos. O aspecto gráfico e fonético é fator determinante dos homônimos, daí serem classificados em:

*Homófonos heterofônicos* (possuem a mesma escrita mas se diferenciam no timbre ou na intensidade das vogais):

*pêlo* (subst.)      *pêlo* (verbo) *pelo* (contr. de *per* + *lo*)

*pára* (verbo)      *para* (prep)

*este* (pronom.)      *este* (subst. (ponto cardeal))

*apóio* (verbo)      *apoio* (subst.)

providência (subst.)      providencia (verbo)

*jogo* (subst.)      *jogo* (verbo)

*Homófonos heterográficos* (possuem a mesma pronúncia porém se diferenciam na escrita, isto é, através do grafema ou letra diferente que encerra o respectivo conteúdo semântico):

acender (pôr fogo)      ascender (subir, elevar-se)

*sela* (arreio de cavalgaduras) *cela* (aposento; cadeia)

*censo* (alistamento geral)      *senso* (juízo)

*censual* (relativo ao *censo*)      *sensual* (relativo aos sentidos)

*concerro* (ato de reparar)      *concerto* (harmonia de sons)

*cessão* (doação)      *sessão* (reunião) *seção* (divisão)

*estrato* (tipo de nuvem)      *extrato* (fragmento)

*expiar* (sofrer, padecer)      *espiar* (olhar, observar)

*cozer* (costurar)      *cozer* (cozinhar)

*esterno* (osso do tórax)      *externo* (exterior) *hesterno* (referente ao dia de ontem)

*Interseção* (corte)      *intercessão* (de interceder)

*lasso* (cansado, frouxo)      *laço* (laçada)

*vês* (verbo)      *vez* (ocasião, oportunidade)

*tacha* (prego)      *taxa* (imposto)

Os parônimos, ou seja, palavras de sentido diferente, mas parecidas na escrita e na pronúncia, ou em apenas uma delas, também possuem grande importância:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

<i>arriar</i> (abaixar)	<i>arrear</i> (pôr arreios)
<i>comprimento</i> (extensão) ênica a normas)	<i>cumprimento</i> (saudação; obedi-
<i>deferir</i> (conceder)	<i>diferir</i> (adiar, retardar)
<i>descrição</i> (de descrever)	<i>discrição</i> (qualidade de discreto)
<i>emimente</i> (alto, elevado)	<i>iminente</i> (prestes a acontecer)
<i>discriminar</i> (separar; distinguir)	<i>descriminar</i> (descaracterizar crime)
<i>infestar</i> (assolar; devastar)	<i>enfestar</i> (dobrar ao meio na lar- gura)
<i>lactante</i> (que produz leite)	<i>lactente</i> (que ainda mama)
<i>paço</i> (palácio)	<i>passo</i> (passada, marcha)
<i>tráfego</i> (trânsito)	<i>tráfico</i> (comércio ilegal)
<i>venoso</i> (referente às veias)	<i>vinoso</i> (referente ao vinho)
<i>vultoso</i> (volumoso)	<i>vultuoso</i> (inchado por congestão)

**ALGUMAS PALAVRAS  
SOBRE O EMPRÉSTIMO LINGÜÍSTICO<sup>1</sup>**

Vito Cesar de Oliveira Manzollilo (UFRJ)

**\* Complicado é estabelecer o limite entre a invasão cultural, que pode ser deletéria, e o livre intercâmbio de informações e mercadorias, essa bela conquista do mundo moderno. Só quem sonha com um mundo primitivo é capaz de pôr tudo no mesmo saco.**

(“Abaixo o hambúrguer”. *Veja*, 04/01/98, p. 60)

**RESUMO**

Este trabalho aborda aspectos lingüísticos e sociológicos do empréstimo, um dos meios através dos quais a ampliação lexical acontece.

**PALAVRAS-CHAVE:** léxico, neologismo, empréstimo

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Ao lado de palavras próprias e características de sua língua nativa, as quais verdadeiramente parecem ter a “cara” desse idioma, qualquer falante é capaz de perceber também, em alguma medida, nos seus atos de fala e nos daqueles que o cercam, a presença de unidades lexicais, por assim dizer, estranhas, identificadas com outras realidades lingüísticas.

Um dos meios pelos quais o vocabulário se enriquece, o *empréstimo*, tão antigo quanto a própria língua, é, de acordo com Dubois *et alii* (1973: *empréstimo*), “o fenômeno sócio-lingüístico mais importante em todos os contatos de línguas”.

Muita coisa mudou na maneira de encarar o empréstimo lingüístico ao longo do tempo. Juntamente com a analogia, representou justificativa para as exceções às rígidas leis fonéticas propostas pelos

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi apresentado, sob a forma de comunicação oral, em evento denominado II Letras em Foco – Semana de Letras (FFP/UERJ), realizado em novembro de 1999. O registro escrito do trabalho, entretanto, se dá apenas agora.

neogramáticos na segunda metade do século XIX. Pela potencialidade de indicar submissão lingüística e cultural, foi – em alguns casos, pode-se dizer, ainda é – combatido cegamente em várias partes do mundo, ao mesmo tempo em que logrou aceitação ou foi imaturamente utilizado em algumas situações.

Seguramente, esse processo de importação lexical apresenta duas facetas contraditórias: por um lado, evidencia um certo grau de deficiência por parte da comunidade cuja língua acolhe material léxico alógeno; por outro, demonstra a inserção dessa mesma comunidade num grupo privilegiado de consumidores de sofisticadas tecnologias e de bens culturais de toda sorte.

Assunto polêmico, falar em empréstimo é falar num fato lingüístico cuja abrangência se estende, sem dúvida alguma, para muito além desse campo do conhecimento humano. Nesse sentido, este texto de Bréal *apud* Bechara (1990:74) é bastante significativo:

Quando se buscam as raízes dessas repulsas que os espíritos nobres nutrem pelas palavras estrangeiras, vê-se que elas são devidas a associações de idéias, a recordações históricas, a intenções políticas, com que a lingüística tem muito pouco a ver. Aos puristas alemães a presença das palavras francesas fá-los lembrar uma época de imitação que gostariam fosse esquecida de sua história. Os filólogos helênicos que proscreeveram as palavras turcas do vocabulário continuam, a seu modo, a guerra de independência. Os tchecos que levam o seu ardor ao ponto de querer traduzir os nomes próprios alemães para não deixar rastro de uma língua que suportaram por muito tempo, associam ao seu intento de expurgo a esperança de uma próxima autonomia. O “purismo”, em casos assim serve de etiqueta a aspirações e ressentimentos que podem ser em si legítimos, mas não nos deve permitir ilusões sobre a verdadeira razão dessa campanha lingüística.

### O EMPRÉSTIMO LEXICAL

Na verdade, é possível aplicar a idéia de empréstimo a outros componentes lingüísticos além do léxico. Camara Jr. (1977:79-80) admite também os fônicos e os formais. Menciona igualmente os de traços articulatórios, como a nasalação, a glotalização e a palatalização. É claro, entretanto, que, apenas no âmbito do vocabulário, essas transferências ocorrerão amplamente.

Definido como o conjunto – teoricamente infinito – de vocábulos de uma língua, segundo Biderman (1978:139), “constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos (...) a somatória de

toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”, sendo essa uma estrutura pouco relacionada à engrenagem (gramática) da língua.

A real dimensão do empréstimo lingüístico como fator de enriquecimento vocabular só pode ser percebida quando se atenta para o fato de que apenas muito excepcionalmente um povo consegue viver de modo autônomo, livre do contato com outros grupos humanos. Na realidade, as civilizações, assim como suas línguas, não são auto-suficientes. Então, quanto maior o intercâmbio entre comunidades, maior a probabilidade de ocorrência de empréstimos, fenômeno que torna patente a interdependência entre idiomas e nações.

Nos dias de hoje, caracterizados por produtos, invenções e máquinas altamente poderosos e sofisticados, as formas de convivência entre povos bem como as maneiras de as nações exercerem influência cultural são determinadas por fatores diferentes relativamente aos verificados em épocas passadas, como observa Elia (1989:63):

(...) se, na Antigüidade Clássica, o meio de propagação da cultura foi por *terra* (as guerras de conquista) e continuou na Idade Média (Cruzadas), já nos Tempos Modernos a expansão se fez pelas *águas* oceânicas (os mares nunca de antes navegados) e, em nossos dias, se difunde pelos *ares*. Os satélites artificiais são os marcos miliários com que as potências do espaço vão assinalando o seu domínio.

## FISIONOMIA DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O vocabulário da língua portuguesa é, como se sabe, em sua maioria, formado de palavras de origem latina (populares ou eruditas). No entanto, em circunstâncias e momentos diversos de sua história, o português tem recebido expressiva contribuição de idiomas tão variados quanto o quíchua e o holandês ou o japonês e o russo, não esquecendo o inglês, o francês, o espanhol e o italiano, sendo todos esses e muitos outros responsáveis pelo heterogêneo conjunto que é o léxico da língua portuguesa.

A acolhida de itens léxicos estrangeiros pelo português foi, por outro lado, acompanhada pelo processo inverso. Nesse sentido, várias línguas também ostentam, em seus acervos vocabulares, unidades lexicais de proveniência portuguesa, recebidas especialmente durante o período dos Grandes Descobrimentos (séculos XV e

XVI), época áurea da hegemonia lusitana no mundo. O fato de esse contingente ser pouco expressivo e os motivos de o português importar mais palavras do que exportá-las poderão ser satisfatoriamente explicados por fatores extralingüísticos, pois, como esclarece Langacker (1972:188), “os caminhos do empréstimo lexical refletem até certo ponto os caminhos da influência cultural”.

## O EMPRÉSTIMO, SUAS CAUSAS E SUAS CARACTERÍSTICAS

*Verba sequuntur rem* (as palavras seguem as coisas). A causa principal para a ocorrência de empréstimos lingüísticos é há muito conhecida e se encontra refletida nessas palavras do poeta latino Horácio.

Quanto à definição desse fato lingüístico, uma consulta a alguns autores poderá trazer esclarecimentos.

Para Dubois *et alii* (1973: *empréstimo*),

*há empréstimo lingüístico* quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou o traço emprestado são, por sua vez, chamados de *empréstimos*.

Camara Jr. (1977:76), baseado em Bloomfield, conceitua esse fenômeno lingüístico como “intromissão de um elemento de um sistema estranho no sistema considerado”, devendo a noção de *sistema estranho* ser entendida da forma mais ampla possível, isto é, dizendo respeito também a transferências internas, verificadas entre diferentes regiões, camadas sociais ou níveis de linguagem, além das feitas da língua comum para as terminologias especiais e vice-versa.

Pisani (S/D:55), por sua vez, define empréstimo como “uma forma de expressão que uma comunidade lingüística recebe de uma outra comunidade”.<sup>2</sup>

Assumpção Jr. (1986:105) não fala em empréstimo, mas em *apropriação*, ou seja, “aquisição de signo ou de significado léxico próprios de outra língua”.

Já Robins (1977:324) diz que empréstimos lingüísticos são “aquelas palavras que não estavam no vocabulário em um período e

---

<sup>2</sup> No original italiano, lê-se: “una forma d’espressione che una comunità linguistica riceve da un’altra comunità.”

que nele estão num período subsequente, sem terem sido construídas pelo estoque léxico existente de uma língua, ou inventadas como criações inteiramente novas.”

Segundo Langacker (1972:186), “o empréstimo não é nunca uma necessidade lingüística, visto ser sempre possível ampliar e modificar o uso das unidades lexicais existentes para fazer face às novas necessidades de comunicação”.

Tal afirmativa, em alguma medida, corresponde à verdade. Entretanto, quando se constata, no tempo presente, o desenvolvimento cada vez mais vertiginoso da ciência e da técnica, da economia e dos esportes, originado principalmente nos países desenvolvidos, percebe-se que a adoção do termo estrangeiro constitui, muitas vezes, a única possibilidade viável para aqueles que importam esses frutos do progresso, já que produtos, serviços, tecnologias e novidades em geral surgem bastante velozmente, tornando difícil a substituição de suas designações internacionais. Parte-se, então, como resalta Carvalho (1989:67), para a solução mais fácil:

O mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente; há urgência de nomear as novidades. Não se pode aguardar resultados de estudos prolongados e na maioria das vezes as normas apenas consagram nomes já em uso.

Em alguns campos cuja evolução tem sido expressiva ultimamente, importa pouco a nacionalidade da nomenclatura empregada. São áreas de limitada penetração entre os membros da sociedade em geral, de interesse restrito a profissionais ou a aficionados. Em casos do gênero, a existência de uma terminologia especializada apresenta até vantagens: por exemplo, rapidez e facilidade de comunicação e de intercâmbio.

Por outro lado, é inegável que ciência, tecnologia e economia cada vez mais fazem parte do cotidiano das pessoas, o que torna compreensível o fato de haver um grande número de palavras de procedência estrangeira atualmente em uso no Brasil, as quais proporcionam, no final das contas, um enriquecimento vocabular geral, não apenas restrito a setores especiais do léxico.

Uma vez importado, o estrangeirismo tende a se adaptar à fonética e à fonologia da língua receptora. Na medida do possível, acaba por assumir também as marcas ortográficas e gramaticais desse novo ambiente. Quando isso acontece, integra-se por completo no

novo idioma, podendo até mesmo servir de base para a formação de outras palavras<sup>3</sup>, ampliar ou restringir seu significado ou ser completamente abandonado, exatamente como os demais itens lexicais constituintes do vocabulário.

Uma alternativa à adoção propriamente dita é o chamado *decalque*, a “aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significado equivalente, criada para esse fim” – Assumpção Jr. (1986:109) –, um recurso “especialmente usado quando se devem criar palavras para exprimir um conceito novo chegado do exterior, e não se quer adotar a palavra estrangeira”<sup>4</sup> – Pisani (1967:78). Exemplos: *alta tecnologia* (do inglês, *high technology* ou *high tech*, sua forma reduzida), *cachorro-quente* (do inglês, *hot dog*), *cartão de crédito* (do inglês, *credit card*), *controle remoto* (do inglês, *remote control*), *símbolo sexual* (do inglês, *sex symbol*), *loja de conveniência* (do inglês, *convenience store*), *loja de departamentos* (do inglês, *department store*), *alta-costura* (do francês, *haute-couture*), *auto-estrada* (do italiano, *autostrada*), além de muitos outros.

### INGLÊS, NOVA LÍNGUA UNIVERSAL

No Brasil de hoje (e em muitos outros países, inclusive desenvolvidos), chama a atenção de qualquer um a enorme quantidade de palavras e expressões em inglês, cada vez mais íntimas dos falantes nos mais diversos campos do conhecimento.<sup>5</sup>

Nem sempre, porém, foi essa a realidade. Até a primeira metade do século XX, por exemplo, os valores culturais franceses é que gozavam de prestígio mundial, razão pela qual, à época, várias lín-

---

<sup>3</sup> Mesmo que a adaptação ortográfica ainda não tenha ocorrido, uma palavra estrangeira pode dar origem a outras palavras (cf. *funkeiro*, *roqueiro*, *skatista*, *showmício* etc).

<sup>4</sup> No original italiano, lê-se: ‘specialmente usato quando si debbono creare parole per esprimere un concetto nuovo giunto dall’estero, e non si vuole adoperare la parola straniera.’

<sup>5</sup> Várias nações estão atentas ao assunto. Na França, uma lei de 1994 determina a utilização do francês em atos da vida social, comercial e intelectual – cf. Comparato (1997) –, enquanto na Alemanha, com o intuito de coibir abusos quanto ao uso de palavras inglesas, foi criada a Associação para a Proteção da Língua Alemã – cf. Magalhães-Reuther (1999). No Brasil, projeto de lei de um deputado federal também pretende regular certos usos de unidades lexicais estrangeiras – cf. Rebelo (1999).

guas foram, de certa maneira, obrigadas a absorver lexemas franceses.

A posição altamente privilegiada em termos científicos, tecnológicos e culturais alcançada pelos Estados Unidos na atualidade levou o inglês, alçado que foi à condição de verdadeira língua franca universal, a exportar uma infinidade de itens lexicais – por vezes, elementos gramaticais também – a muitas outras línguas, o que certamente faria a alegria de Edward Sapir (1971:194), pois o autor, em livro publicado no início da década de 20, lamentava justamente a impossibilidade de o idioma de Shakespeare “insinuar-se no âmago de outras línguas”:

É um tanto decepcionante verificarmos que a influência cultural inglesa tem sido praticamente desprezível. Nossa língua tem-se expandido, porque os ingleses têm colonizado territórios imensos; mas nada indica que esteja insinuando-se no âmago de outro idioma qualquer, da maneira com que o francês tingiu a compleição da língua inglesa, ou o árabe se entranhou no persa e no turco.

Não é difícil entender as razões pelas quais tamanha transformação se deu. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos assumiram posição de vanguarda nos campos científico e tecnológico na esfera mundial, tornando-se um centro de irradiação de cultura. Eletrônica, medicina, aviação, cibernética, economia, música popular, moda, cinema, comunicação de massa, esportes e comportamento em geral: não há limites para a supremacia americana. Hoje em dia, algumas profissões simplesmente se encontram fora do alcance daqueles que não dominam o inglês.

Ramos inteiros de atividade – informática entre eles – surgiram, se desenvolveram e se consolidaram em solo americano, se espalhando posteriormente para o resto do mundo, tornando, muitas vezes, inevitável a assimilação de termos e expressões da língua inglesa pelas demais línguas.

Por aqui, nem mesmo a existência de correspondentes vernáculos é capaz de impedir a utilização de expressões estrangeiras, especialmente as ligadas ao campo tecnológico, como é o caso de *attach* (*anexar*), *link* (*ligar, unir / ligação*), *delet* (*apagar, suprimir*) que, baseadas no modelo português, originam verbos estranhos como “linkar” e “deletar”, sobre os quais Biderman (1998:171) tece os seguintes comentários:

E é nesse domínio que o dicionário e os dicionaristas deveriam cumprir um importante papel normalizador. O desejável seria que esse papel fosse também normativo, buscando impor padrões mais conformes à fisionomia da nossa língua para que esses estrangeirismos não a desfigurassem como vem ocorrendo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, o destino dos idiomas e o papel que eles representam no mundo estão em boa medida relacionados à fortuna dos homens que os falam. A hierarquia entre línguas, então, constitui algo extrínseco à própria língua enquanto sistema.

Forma plenamente legítima de ampliação lexical, não resta dúvida de que, com demasiada freqüência, o empréstimo lingüístico encontra-se a serviço do lema “aquilo que vem de fora é melhor”, especialmente quando o “de fora” em questão é um país altamente prestigiado, cujos produtos, conceitos e idéias estão associados a modernidade, a progresso e a avanço tecnológico. Num país como o Brasil, onde a condição de importada de determinada mercadoria é quase sempre decisiva para que o consumidor opte por adquiri-la, essa afirmação se aplica inegavelmente.

Tal admiração, contudo, pode conduzir a excessos. Para Houaiss (1987), “a influência [do inglês americano sobre o português brasileiro] é não apenas de palavras, mas de mente, de semântica, de capacidade de pensar, de emocionar (se), de sobreviver”, o que extrapola bastante a função primordial desse recurso de ampliação vocabular, isto é, a possibilidade de preencher lacunas expressivas, de exprimir idéias e conceitos até então desconhecidos ou de nomear produtos e aparelhos recém-produzidos.

O Brasil, país miscigenado, integrador e sincrético por natureza, nunca teve dificuldade de acolher nada que viesse de fora: pessoas, mercadorias, hábitos, costumes, tradições, modos de pensar e, obviamente, palavras, motivo pelo qual, em comparação com outros países (inclusive Portugal), a utilização e a aceitação de palavras de origem estrangeira é bem significativa por aqui.

BIBLIOGRAFIA

- ASSUMPÇÃO Jr., Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro : Presença, 1986.
- BECHARA, Evanildo. José de Alencar e a língua do Brasil. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro : Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro – Rio Arte / Fundação Rio, 12: 70-8, 1990.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário como norma na sociedade. In: CARVALHO, Nelly Medeiros de & SILVA, Maria Emília Barcellos da (orgs.). *Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas: anais do I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife, 1998.
- . *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro : LTC, 1978.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico / INL / MEC, 1977.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo : Ática, 1989.
- COMPARATO, Mariane. Lei determina o uso do francês. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23.11.1997, p. 3-3.
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de lingüística*. Trad. Leonor Scliar Cabral *et alii*. São Paulo : Cultrix, 1973.
- ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paul : Ática, 1989.
- HOUAISS, Antonio. Xenofilia e xenofobia, as linhas paralelas que se encontram. In: DUMAR, Débora. English spoken here. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10.06.1987, Segundo caderno, p.1.
- LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Trad. Gil-da Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis : Vozes, 1972.
- MAGALHÃES-REUTER, Graça. Alemães sofrem com novo idioma. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06.09.1999, p. 21.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

PISANI, Vittore. *L'etimologia: storia, questioni, metodo*. 2. ed. riveduta e accresciuta. Brescia : Paideia, 1967.

———. *Linguistica generale e indeuropea*. Torino : Rosenberg & Sellier, s./d.

REBELO, Aldo. *Projeto de lei nº 1676*. Brasília, 1999.

ROBINS, Robert Henri. *Lingüística geral*. Sup. da trad. Wilson Chrisóstomo Guarany. Porto Alegre : Globo, 1977.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2. ed. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1971.

**HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS  
O DEMOLIDOR DE PRECONCEITOS<sup>6</sup>**

*Antônio Martins de Araújo (UFRJ/ABF)*

Nascido em berço pobre, sabe-se lá quanto sofrimento e quanto preconceito ele teve de romper para chegar ao ponto que chegou. É, pois, com indisfarçável saudade que ele fala da infância. Foi condiscípulo no Colégio da Imaculada, na capital maranhense, daquele que seria o futuro senador Benedito Leite. Aí foram discípulos dos padres Castro, Fonseca e Purificação. Também não regateia admiração e respeito pela geração que à dele antecedeu. Nada como suas próprias palavras para dizer dessa saudade e dessa admiração;

É verdade que se passara o tempo da coorte guiada pelo espírito doutrinador de Sotero, mas o clarão da obra fecundada do filólogo, inda estava perto, não bruxuleava mortiça e apagada, como hoje.

A cultura anterior fora pingue e farta, e por isso as socas verdadejavam então, prometendo frutos que vieram, e daí chorosos se retiraram em bandos, acompanhando as grandes levas de trabalhadores servis, que se venderam, e profundamente despovoaram, arruinando a terra de seu nascimento.

Para que não subsista nenhuma dúvida a respeito do texto, o termo socas, que significa folhas de variada vegetação, está metaforicamente usado; trabalhadores servis são os termos que eufemisticamente se empregavam em lugar de escravos; e se venderam está mesmo na voz passiva analítica, em lugar de foram vendidos. A lei do *Ventre Livre*, ao mesmo tempo em que iniciava a marcha em direção da gradativa abolição da escravatura, também inscreveria nas páginas de nossa história o início da diáspora maranhense por estes brasis. Mais uma vez, ouçamo-lo:

Uns procuraram o sul, Rio de Janeiro e São Paulo, com especialidade, e se acomodaram no funcionalismo público, no magistério, na imprensa e na literatura ligeira, e outros, os mais fortes e audazes, se nortearam pelo Pará e Amazonas, e buscaram, no comércio e nas empresas particulares, dignificar a instrução que haviam adquirido nas escolas da nossa amada província.

---

<sup>6</sup> Uma outra versão desse artigo foi publicada recentemente, com sete ilustrações fotográficas, como “informe publicitário” no jornal *O Imparcial*, de São Luís (MA), constituindo a página 5 daquele periódico, no sábado, dia 19 de maio de 2001. (Nota do ed.)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Eram o escol da juventude culta, que acompanhava os trabalhadores da lavoura que, triste e algemados, ignominiosamente se vendiam, porque o ventre humano deixara de produzir escravos.

E assim veio ter à corte o mestre negro maranhense, para ensinar seu saber e demolir preconceitos. Na dedicatória daquela carta pode-se imaginar, na citação dos versos de G. Dias, a dor da separação: “Ao meu Maranhão, / Que não cessei de querer-te / Pesar do quanto sofri.”

Embora tenha vindo da província, onde imperava o cânone clássico e lusitano, Hemetério encontraria a corte em instante de grandes mudanças nas letras. Já em 1878, Pacheco da Silva Junior iniciara seus coevos no comparativismo dos neogramáticos com sua pioneira Gramática história da língua portuguesa. Os anos 80, em cujo início, Hemetério publicou nesta cidade sua primeira obra pedagógica - uma antologia de textos seus para a infância, há muita novidade no meio filológico brasileiro. O mineiro de Sabará, santista adotivo, Júlio César Ribeiro, dá uma guinada atualizadora em 1881, com sua Grammatica portugueza, que declaradamente deixa de ser prescritiva para ser apenas descritiva dos atos da comunicação, segundo a lição de William Dwight Whitney. O médico, advogado e filólogo sergipano, aqui radicado, Maximino Maciel, em 1887, publicaria sua Grammatica analytica, cuja 10ª ed. dataria de 1926. E o século começa a encerrar-se com a publicação, em 1890, dos clássicos Seroões gramaticais, do mestre baiano Ernesto Carneiro Ribeiro.

Sepultando a fase empírica, Júlio Ribeiro, com sua gramática, iniciara em Santos aquilo que Antenor Nascentes chamaria de período gramatical.

Fruto de longo tirocínio no ensino do idioma, duas obras se destacam em sua bagagem filológica: a antologia de que se falou há pouco, e duas gramáticas, um primária (com duas edições) e uma secundária (com três). Para aquela primeira obra aqui publicada e dirigida à infância, Hemetério redigiu cerca de duas dezenas e meia de textos curtos e nível elementar, recontando lendas brasileiras; falando de história, geografia e artes; como a dança; ensinando noções de moral e higiene; explicando fenômenos meteorológicos e os novos inventos, como o aeróstato; apresentando grandes nomes de nossa história, como Caxias, Osório, o visconde do Rio Branco, Betencourt da Silva e Cândido Mendes de Almeida; enfim, que se deve respeito

e admiração às mulheres e que se deve amar a Deus acima de tudo

A terceira edição aumentada de sua Gramática portuguesa para o segundo grau assume uma posição corajosa contra os partidários daquilo a que ele chama de reforma da pseudo-ortografia etimológica (era adepto da sônica e analógica) e aconselha os leitores a entendê-lo melhor consultando a gramática latina de Guardia e o dicionário etimológico de Michel Breal, duas de suas confessadas fontes.

A disposição e organicidade dos assuntos tratados nas três partes em que se divide sua gramática revelam-no a par dos avanços nessa matéria, aos quais empresta sua contribuição, a saber:

1. Com propriedade, destaca a Fonética, em que estuda o mecanismo articulatório; enquanto na Fonologia estuda os elementos constitutivos dos vocábulos, o fonema. Nessa primeira parte da obra, estuda a ortografia e, na linha de Paulino de Brito (1907), o problema de fonética sintática da colocação dos pronomes átonos.

2. Na Morfologia (2.<sup>a</sup> parte), numa clara compreensão da solidariedade entre elementos comuns à morfologia e à sintaxe, chama as palavras de partes do discurso. Delas distingue a interjeição, a que chama de palavra particular.

3. No item de Campenomia, reúne o estudo das palavras invariáveis, as flexões nominais e verbais, os afixos, os tempos verbais, a formação das palavras. Em face do acréscimo do sentido aportado pelos prefixos aos radicais, chama de composição a esse processo de formação das palavras.

4. Na Sintaxe, 3.<sup>a</sup> parte, além de estudar a estrutura do período, inclui aí a concordância e a metrificação.

4. Enfim, com a inserção de textos literários, a partir da segunda edição da obra, visava à aplicação dos conceitos gramaticais na contraparte concreta da norma literária da língua escrita.

Por tudo isso, o mais reeditado gramático daquela época, Maximino Maciel, refere-se à obra nos seguintes termos:

É de imprescindível justiça confessarmos que, muito anteriormente às *grammaticas* de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira, e João Ribeiro, já havia Hemeterio dos Santos elaborado uma *Grammatica* elementar em que, nas suas linhas gerais, se esboçavam com segurança as novas doutrinas philológicas, applicadas á discencia do vernaculo.

Esse seu trabalho, hoje augmentado, refundido com o titulo

de Grammatica portugueza, publicado em 1907, constitui um dos nossos excelentes compendios de lingua portugueza, reflexo da erudição do autor da materia.

O sinete da negritude inspira-lhe a conferência Pretidão de amor pronunciada a 22/11/1905 no Grêmio das Senhoras, da cidade do Rio de Janeiro. Essa conferência também teve duas edições cariocas sucessivas, ambas da tipografia dos Anais, uma naquele ano, outra no seguinte. Na platéia repleta de senhoras, uma amostra da inteligência brasileira daquele tempo: Medeiros e Albuquerque, Manuel Bonfim, Nestor Victor, Pedro Couto, Gustavo Santiago, Goulart de Andrade, Floriano de Brito, Curvelo de Mendonça e Maximino Maciel.

Na conferência, um passeio pelo tópicos da paixão entre pessoas e personagens de raças diferentes. Entre os nomes da história, Camões e Bárbara (“Esta é a cativa / Que me tem cativo; / E pois nela vivo, /E força que viva.”); Gregório de Matos e as moças pardas baianas Teresa e Maraquitá; Domingos Caldas Barbosa e suas fêmeas brancas dos saraus lusitanos; Gonçalves Dias e a maranhense branca, cuja mão lhe fora negada – Ana Amélia do Vale; e o casal perfeito Gonçalves Crespo e Maria Amália Vaz de Carvalho. Repare-se; tácita ou explícita, clara ou simplesmente insinuada, uma paixão a cada século, a que faltou o de Machado.

Na arte, a do escudeiro branco com a moça pretezinha (e não pretazinha) do Juiz da Beira, de Gil Vicente; bem como a citação recorrente da paixão suscitada por Sulamita a Salomão, na pena de vários escritores. O fio condutor da conferência para tantas senhoras, o que é de admirar para aqueles dias comportados, é a afirmação do orador de que o amor exigia o contacto de todos os cinco sentidos das pessoas amantes: audição, visão, tato, olfato e paladar.

Ao fim e ao cabo destas considerações pode-se concluir que, por maior que tenha sido, como foi, o legado deixado pelos herdeiros de João de Barros que foram feitos patronos da Academia Brasileira de Filologia, os maranhenses que somos seus continuadores naquele sodalício ainda não demos conta de resgatar a dívida intelectual que temos para com aquele gramático e humanista português. Entre os quatro patronos cuja obra parcialmente aqui foi examinada, cada uma por um viés diferente, é mister reconhecer que nosso último biógrafo, o negro e maranhense Hemetério José dos Santos, mercê

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

de sua respeitável cultura humanística e filológica, demolindo preconceitos arraigados, dignificou a negritude que seus pais lhe legaram, honrou o berço pátrio onde viu nascerem seus primeiros dias; e escancarou seu coração para a verdade, para o amor e para a liberdade.

Esses, os quatro patronos maranhenses (um quase), herdeiros putativos do malgrado e ilustre donatário e humanista português João de Barros, na Academia Brasileira de Filologia. Outros maranhenses ilustres têm exornado o sodalício com sua participação: Ruy Ribeiro de Almeida, que dirigiu a Revista Filológica e chegou a sua presidência, bem como um dos maiores estilicistas brasileiros, senão o mais importante, Jesus Belo Galvão. A eles retornaremos no momento oportuno.

Franco de Sá já contava dezessete anos quando Hemetério veio ao mundo.

**MARCADORES CONVERSACIONAIS  
NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA**

*Paulo de Tarso Galembeck (UNESP/UEL)*

*Luciane Rampazo Blanco (UNESP)*

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho discute o papel exercido pelos marcadores conversacionais na estruturação do discurso falado culto (linguagem jornalística falada). Para tanto, verifica-se a presença desses elementos nas três posições do turno conversacional (inicial, medial, final) e a função por eles exercida em cada uma dessas posições.

A exposição inicia-se pela conceituação e caracterização dos marcadores conversacionais e, a seguir, é feita a discussão do papel que eles exercem nas três posições citadas. O corpus deste trabalho é constituído por dois programas da série “Roda Viva” (entrevistas com o senador Pedro Simon – RV-1 e com a filósofa e professora universitária Marilena Chauí – RV-2) e por duas edições do programa “Brasil pensa” (debates a respeito de variação climática – BP-1 e de segurança global – BP-2). Esses programas perfazem aproximadamente, duzentos e quarenta minutos (quatro horas) de duração efetiva e, em que pese a presença do mediador, há neles uma interação real entre os participantes, caracterizada sobretudo pela alternância nos papéis de falante e ouvinte. Além disso, também se verifica que os participantes procuram interagir com os interlocutores.

**OS MARCADORES CONVERSACIONAIS (MCS)**

A língua falada tem três características básicas:

- a) ausência de uma etapa nítida de planejamento;
- b) a existência de um espaço comum partilhado entre os interlocutores;
- c) o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação.

Essas três características tornam essencial, para a construção do texto conversacional, a presença de certos elementos que têm por função:

- a) assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre

os interlocutores;

b) situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles;

c) articular e estruturar as unidades da cadeia lingüística.

Esses elementos são os marcadores conversacionais, que Urbano (1993: 85) define como unidades típicas da fala, dotadas de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional, mas que geralmente não integram o conteúdo cognitivo do texto. O mesmo autor assinala que os marcadores “ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interação e pragmático” (Urbano, 1993: 85-86).

Marcuschi (1989: 282) salienta que os MCs têm um caráter multifuncional, pois operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória. Esse caráter multifuncional foi também ressaltado por Castilho (1989: 273-274), que admite que todos os marcadores conversacionais (por ele denominados marcadores discursivos) exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto. Essa função geral, porém, desdobra-se nas duas funções particulares indicadas a seguir: a função interpessoal e a ideacional. Essa duplicidade de funções faz com que existam dois tipos de marcadores: os interacionais (ou interpessoais) e os ideacionais (ou coesivos).

Quanto à posição no turno, os marcadores classificam-se em:

Iniciais: não, mas, acho que, não é assim, que caracterizam o início ou a tomada de turno.

Mediais: né?, sabe?, entende?, digamos, advérbios, conjunções, alongamentos<sup>7</sup>, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno.

Finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusiva, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno.

A posição dos marcadores não é fixa, ou seja, o mesmo MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e medial);

---

<sup>7</sup> Nas transcrições do Projeto NURC, o alongamento de vogais e consoantes é indicado pelo sinal:: Exs. ca::da, mas::.

não é? (medial e final). Essa propriedade decorre do caráter multifuncional dos MCs, característica que – como se viu – foi salientada por dois autores já citados neste texto: Marcuschi (op. cit.) e Castilho (op. cit.).

### MARCADORES INICIAIS DE TURNO

Os MCs empregados em posição inicial de turno distribuem-se nas duas classes já citadas na seção anterior deste trabalho: marcadores de valor interacional ou interpessoal (ligados à construção e festão do ato conversacional) e marcadores de valor ideacional (elementos de coesão entre as partes do texto).

#### Marcadores iniciais de função interacional

Estes marcadores exercem três funções principais: assinalam a tomada de turno; envolvem o ouvinte; prefaciam opiniões.

#### MCs de tomada de turno

De modo geral, os MCs iniciais têm por função assimilar a tomada de turno, mas em alguns deles essa é a função mais nítida, se não mesmo exclusiva. Trata-se dos marcadores éh, oh, ah, bom pois é, bem:

Med:<sup>8</sup> bem estamos de volta com Roda-viva hoje entrevistando... o senador Pedro Simon (RV-1).

Deb: ah... antes pegando um gancho aqui do nosso embaixador... eu diria que o Brasil não pode ter pretensões hegemônicas (BP-2).

Entre os marcadores de início de turnos, merece ser salientados os que indicam concordância ou discordância:

Eb: não... eu não creio que:: a cobrança de mensalidades... resolva... os problemas da universidade... (RV-2).

Deb: sim... é verdade... mas o fórum... privilegiado para a discussão... dos grandes temas... mundiais... éh::... continua sendo:: a

---

<sup>8</sup> As abreviaturas que figuram nos exemplos têm o seguinte significado: Deb: debatedor; En: entrevistador; Et: entrevistado; Med: mediador. Havendo mais de um debatedor, indica-se Deb<sup>1</sup>, Deb<sup>2</sup>.

ONU (BP-2).

No ex. 03, o marcador não indica discordância: com ele a entrevistada inicia a objeção às palavras de um dos entrevistadores. Já no ex. 04, o marcador complexo sim... é verdade indica assentimento e concordância.

#### MCs de envolvimento do ouvinte

São as expressões olha, veja,  você vê,  você acha, então você quer dizer o quê?, as quais funcionam como sinais de tomada de turno e chamam a atenção do ouvinte para o que vai ser discutido ou exposto:

En: o senhor acredita no Fernando Henrique?

Et: olha eu não sei se eu acredito... se eu rezo... (como o senhor quer)... mas eu acho que o Fernando Henrique... não pode deixar de lado o social (RV-1)

(Os debatedores discutem o papel dos Estados Unidos na Guerra do Golfo).

Deb: agora veja bem... eles [os Estados Unidos] não puderam intervir... sozinhos... por uma razão muito simples... é porque... têm mais quatro que têm poder... no Conselho de segurança (BP-2)

Nos exemplos anteriores, os marcadores cumprem duas funções: introduzem o turno e induzem os ouvintes a prestar atenção no que vai ser dito.

#### Marcadores de opinião

O turno pode ser introduzido por certos prefaciadores de opinião: eu acho (que), creio (que), eu gostaria de saber, eu sei, me parece que, eu tenho a impressão, acredito que:

(Os debatedores comentam a supremacia dos Estados Unidos).

Deb: eu acho que::... nós temos que considerar a hipótese de que os Estados Unidos estejam caminhando para um novo Auge... (BP-2).

O marcador assinalado no exemplo anterior (eu acho que) indica que não há certeza plena e, assim, atenua a força ilocutória das

asserções. Ao empregá-lo, o falante sinaliza que não assume integralmente o que vai ser dito e previne-se de possíveis reações desfavoráveis do seu interlocutor. Assinale-se também que esses marcadores são empregados com o valor modal de dúvida ou incerteza,<sup>9</sup> motivo pelo qual eles são pouco frequentes no corpus. Com efeitos, os participantes dos programas evitam manifestar os citados valores modais, para não demonstrarem insegurança ou falta de conhecimento. Por esse mesmo motivo, são mais frequentes no corpus os MCs iniciais acredito que, creio que e assemelhados, que constituem marcas explícitas de certeza e indicam que o falante assume a opinião emitida:

Et: eu acredito que o Weffort poderia ter sido um excelente Ministro do Trabalho... porque... esse é um assunto que ele entende... agora:: ahn:: eu acho uma tristeza a figura do do Weffort... como Ministro da Cultura (RV-2).

(Os debatedores comentam a influência do fenômeno El Niño).

Deb: eu acredito que... existe uma influência sim... dependendo da região do Brasil em que a gente esteja comentando... mas a influência na agricultura de modo geral ela é muito pequena (BP-1).

#### MCs iniciais de valor ideacional

São representados por algumas conjunções e advérbios (e, mas, então, além disso, agora, aliás), que funcionam como elementos de coesão entre os turnos da conversação e, ademais, dão continuidade ao tópico em andamento ou introduzem um novo tópico. Cabe acrescentar que, neste trabalho, entende-se por tópico “aquilo a respeito de que se está falando” (Brown e Yule, 1983: 73).

No caso dos MCs que atuam com seqüenciadores tópicos, pode-se verificar que a continuidade tópica não ocorre em termos estritos, com a retomada do mesmo referente. Ao contrário, nota-se mais frequentemente que o assunto é retomado em termos mais abrangentes, caracterizando o que Keenan e Schieffelin (1976: 340 e ss) de-

---

<sup>9</sup> O conceito de “hedge” tem sido estabelecido de forma diferenciada pelos diversos autores consultados. Neste trabalho, adota-se a definição proposta por Brown e Levinson (1978), segundo os quais “hedges” são marcadores que, de qualquer modo, modificam o valor ilocutório de um enunciado.

nominam tópico discursivo incorporativo. Segundo esses autores, essa forma de continuidade tópica é caracterizada por retomar não o assunto em si, mas as pressuposições e inferências que podem ser extraídas dos enunciados anteriores:

Deb<sup>1</sup>: a França é uma potência normal.

Deb<sup>2</sup>: mas tem o poder de veto... tem o poder de veto (BP-2).

Et: (...) o poder... e a atividade intelectual não são coisas compatíveis.

En: então não sendo... eu queria saber em que medida o... então eu queria saber em que medida o Fernando Henrique como presidente é um mau intelectual... e como intelectual é um mau presidente (RV-2)

Nos dois exemplos, os marcadores mas e então introduzem os turnos em que os informantes dão continuidade ao tópico em andamento, mas o fazem sem se prender (em termos estritos) ao que foi dito pelo seu parceiro conversacional.

No Ex.: 10 Deb<sup>2</sup> introduz um novo dado, o fato de a França possuir o poder de veto; no ex. 11, o entrevistador introduz um exemplo específico de intelectual no poder.

Em outros exemplos, verifica-se que os MCs de valor ??? introduzem um outro tópico conversacional:

(Os participantes discutem a supremacia dos Estados Unidos).

Deb<sup>1</sup>: (...) tudo isso faz pensar... que devemos considerar a hipótese... a de que os Estados Unidos estejam caminhando para um novo auge.

Deb<sup>2</sup>: agora isso não quer dizer que tenham a capacidade de intervenção... ilimitada (BP-2)

Deb<sup>1</sup> comenta o fato de os Estados Unidos estarem atingindo um novo auge, mas D2 introduz um novo tópico que será desenvolvido pelos debatedores: a capacidade de intervenção americana.

## MARCADORES MEDIAIS DE TURNO

A exemplo dos que figuram em posição inicial de turno, os marcadores mediais subcategorizam-se em MCs de função predominate interacional e MCs de função predominantemente ideacional

ou coesiva.

### MCs de função interacional

Os marcadores incluídos nesta classe distribuem-se por vários subtipos, de acordo com a função mais evidente que eles exercem:

#### MCs interacional de envolvimento do ouvinte

São representados pelas expressões veja, você veja, olha, vo-cê sabe, você repara, você imagina, você pode ver e outras locuções assemelhadas, usadas para conseguir a atenção do ouvinte e/ou obter o seu apoio.

Deb: o El Niño é totalmente diferente eu vou tentar em breves palavras o que é o El Niño... vejam bem... o El Niño existe há milhares de anos... ou muito mais (BP-1).

Deb: é... essa variabilidade do clima associada a El Niño ou ao efeito do Atlântico que mais cá/tempo um pouco mais longo... da ordem da década né?... ah:: leva uma... você pode ver você pode considerar essa questão de de do... que vai acontecer no futuro com... uma mudança climática associada ao efeito estufa né? (...) (BP-1).

As expressões você vê e você pode ver são empregadas com valor fático, quer dizer, constituem recursos para que o falante possa envolver o ouvinte na exposição dos argumentos, conduzindo-o à aceitação das ideais expostas.

Os marcadores do tipo né?, sabe?, certo?, entende? (como entonação ascendente), e a perguntas retóricas (como a que figura no ex. 09) tem também valor fático, mas estão relacionados com a busca de aprovação discursiva no contexto da argumentação e interação; por meio deles; confirma-se o papel de locutor do falante que detém a palavra (Settkorn, 1977:197):

No exemplo anterior, os informantes discutem assuntos que podem gerar polêmicas (El Niño, efeito-estufa) e, assim, procuram estar seguros de que o ouvinte está disposto a entender ou receber a mensagem, garantindo que os canais de comunicação possam permanecer desimpedidos. Nesse sentido, é útil lembrar que Keller (1979, 220) chama aos marcadores em questão “sinais de controle da comunicação”.

Uma função subsidiária dos MCs interacionais de envolvimento do ouvinte (especialmente os sinais do tipo, né?, sabe?) é reforçar a opinião do próprio locutor.

#### MCs de sustentação do turno

No texto falado não há uma etapa de planejamento ou, mais exatamente, trata-se de uma modalidade de texto planejado localmente; nele o planejamento co-ocorre com a execução. Por isso mesmo, é natural que nele sejam freqüentes os silêncios, denotações de hesitação ou dificuldade na construção da frase e do texto. O problema é que o silêncio (pausas não-preenchidas) torna particularmente vulnerável a posição do locutor, pois permite que o turno venha a ser ocupado pelo outro interlocutor. Por causa disso, o falante procura preencher as pausas, com o emprego de certos marcadores não-lexicalizados (ahn, uhn, eh, ah) e de alongamentos (certo::, ahn::):

o Oriente Médio é ah ah:: é sem dúvida o ponto crítico digamos assim da ordem internacional certo::... é o ponto onde se concentram... questões de ordem religiosa de ordem política de ordem econômica (BP-2).

Os dois recursos mencionados (os sinais de hesitação e o alongamento) podem vir combinados, como se pôde verificar no exemplo anterior. Cabe acrescentar que outras marcas de hesitação, como as repetições, truncamentos, silabações, não serão consideradas neste trabalho, por não constituírem marcadores conversacionais.

Dentre os marcadores conversacionais de sustentação de turno, merecem ser citados à parte aqueles que, além da sustentação de turno, indicam explicitamente uma atividade de planejamento verba. É o caso de certos verbos de elocução ou de atividade mental (digamos, vamos dizer, sei lá, vejamos, quer dizer) e outras expressões (assim, bom, tudo bem, então). Um exemplo desses marcadores figura no ex.15; veja-se outro exemplo.

Méd: o ex-ministro Mendonça de Barros foi julgado pelas palavras... proferidas nas gravações... ou por seus atos... quer dizer... enfim... a causa da renúncia foi por motivos políticos ou motivos morais? (RV-1).

Rosa (1992:49) denomina os MCs em questão “hedges indicadores de atividades cognitivas” (3). Segundo a citada autora, esses

“hedges” indicam atividades de planejamento verbal e, assim, modificam o caráter impositivo desses enunciados.

#### MCs de manifestação de opiniões

São representados por verbos ou locuções denotadores de atividade mental ou de elocução. A exemplo dos marcadores iniciais de mesma função, estes marcadores podem dividir-se em dois grupos: aqueles que indicam o que o locutor assume explicitamente as opiniões ou conceitos emitidos (creio que, acredito que, tenho certeza que) e aqueles por meio dos quais o locutor manifesta falta de certeza ou convicção. Vejam-se os exemplos a seguir:

Et: o que eu quer dizer... é que eu não sei se ele [Mendonça de Barros] tem alguma coisa com o Arida ou se não tem... não sei de nada... acho que não tem... não não não não tenho conhecimento sobre essas coisas (RV-1).

Os MCs não sei se e acho que indicam dúvida e incerteza e mostram que o entrevistado não assume inteira responsabilidade pela opinião emitida. Note-se que o efeito de imprecisão é reforçado pelas expressões que seguem os marcadores (se ele tem... se não tem; não tenho conhecimento sobre essas coisas).

O efeito oposto, ou seja, a manifestação de que o falante está seguro de suas opiniões é obtido com o emprego dos marcadores eu acredito, eu estou certo e semelhantes. Veja-se o exemplo a seguir, que representa a seqüência do ex.17:

(...) A AÇÃO QUE ELE (Mendonça de Barros) FEZ... com a direção do Banco do Brasil... eu tenho a certeza que eu... eu demítia... eu fui governador do Rio Grande do Sul... em... casos semelhantes... demiti pessoas... por questões de... iguais a essa... aliás muito inferior a essa (RV-1).

Os MCs de opinião, na maioria dos casos, encabeçam o enunciado e, por isso, são igualmente conhecidos como prefaciadores de opinião. Esses MCs são geralmente representados por verbos na primeira pessoa do singular, ou seja, neles há marcas explícitas de enunciação. Os casos em que essas marcas não existem (casos de indeterminação do sujeito: dizem que, e de oração sem sujeito: parece que) são pouco frequentes no corpus e, assim, não serão considerados neste trabalho.

#### Marcadores mediais de função ideacional

Esses marcadores, representados por algumas conjunções e advérbios (e, mas, agora, porque, então, depois, além disso), que são os responsáveis pela estruturação das unidades que compõem o diálogo. Esses Mcs têm, pois, função coesiva:

(Um telespectador questiona o entrevistado acerca da divulgação de informações obtidas de fontes confidenciais).

Et: eu com toda sinceridade... não vejo responsabilidade nenhuma... principalmente quando dizem até que a fonte de informação tenha partido do próprio palácio... porque até a imprensa recebeu... e publicou... isso em qualquer lugar do mundo acontece isso (RV-1).

Deb: (...) o El Niño afeta o Nordeste... mas não é tão importante agricolamente... mas não é tão importante agricolamente... mas agri/sob o ponto de vista da agricultura nós temos que lembrar o seguinte (...) (BP-1).

Os Mcs ideacionais dos exemplos anteriores exercem a função coesiva no plano do discurso: porque introduz a justificativa entrevistado acerca da divulgação de informações, e mas introduz um novo subtópico (a influência do El Niño na agricultura).

#### MARCADORES FINAIS DE TURNO

Os MCs finais de turno têm valor unicamente interacional e cumprem duas funções, ambas relacionadas com a troca de falantes: indicam a entrega explícita do turno a outro interlocutor (passagem requerida) ou simplesmente sinalizam o fim do turno (passagem consentida). A distinção entre essas duas formas de passagem foi estabelecida por Galembeck, Silva e Rosa (1990:75 e ss).

Os marcadores de passagem requerida são representados por uma pergunta direta e por certos marcadores que testam a atenção do ouvinte (né? Não é?, certo?, entende?), proferidos, na maior parte das ocorrências, com entoação ascendente (4). Esses marcadores sinalizam que a participação de outro interlocutor é explicitamente solicitada:

Méd: os efeitos [do El Niño] são muito diferentes né? (BP-1).

En: a senhora conseguiu ser... uma intelectual no poder?

Et: de jeito nenhum... e nem pretende (...) (RV-2).

Na seção 3.1.1 deste trabalho (“Marcadores interacionais de envolvimento do ouvinte”), já foi apontado que os MCs do tipo *né? Sabe?, entende?*, em posição medial, podem ter a função subsidiária de marcar a opinião do próprio locutor. Em certos casos, o falante os emprega e continua a desenvolver suas idéias, sem se preocupar em passar o turno.

A passagem consentida é assinalada, na maioria das vezes, pelo final de uma frase declarativa (entonação descendente). Esse final de frase pro vezes é seguido por uma pausa conclusa, a qual constitui uma marca de final de frase (Câmara Jr., 1974: 302):

Et: (...) não votei no Quércia pra Presidente da República... porque ele tem... até hoje não foi condenado nem absolvido... (RV-1).

Acrescente-se que as pausas no final do turno são pouco frequentes no corpus, já os participantes revelam a preocupação de não deixarem espaços “em branco”.

### COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

O exame dos marcadores conversacionais do *corpus* revela que os marcadores em diferentes posições podem exercer funções iguais ou semelhantes: é o caso dos marcadores de valor coesivo (iniciais e mediais) e dos responsáveis pelo envolvimento do ouvinte (iniciais, mediais e finais).

Fica claro, ademais, que se trata de elementos essenciais para o desenvolvimento do texto falado, pois são eles os indicadores de início de turno, de passagem e sustentação do mesmo e de articulação entre os diferentes segmentos tópicos ou temáticos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, G. e YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge : Cambridge U. Press, 1983.

BROWN, P. e LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language use*. 2 ed. Cambridge : Cambridge U. Press, 1987.

CÂMARA Jr., J. M. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 6 ed. Rio de Janeiro : J. Ozon, 1974.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado culto no Brasil. In CASTILHO, A. T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas : UNICAMP, 1989, p. 249-279.

——— e PRETI, D. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo. V.II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo : T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.

GALEMBECK, P. T., SILVA, L. A. e ROSA, M. M. (1990) “O turno conversacional”. In: PRETI, D. e URBANO, H. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. V. IV – Estudos. São Paulo : T. A. Queiroz/FAPESP, 1990, p. 49-98.

KELLER, E. Gambits: conversational strategy signals. *Journal of Pragmatics*, 1979, vol. 3, p. 219-238.

MARCUSHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. In CASTILHO, A. T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas : UNICAMP, 1989, p. 281-322.

ROSA, M. M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo : Contexto, 1992.

SETTEKORN, E. Pragmatique et rhétorique discursive. *Journal of Pragmatics*, 1977, vol. 1, p. 195-210.

URBANO, H. Marcadores conversacionais In PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo : FFLCHUSP, 1993, p.81-101.

## MIRANDÊS: UMA LÍNGUA EM ANDAMENTO

*Luiz Fernando Dias Pita (UNIGRANRIO)*

É fato notório entre a comunidade acadêmica que praticamente todas as variantes lingüísticas portuguesas – assim como os distintos falares presentes em Portugal - já têm lugar demarcado em atlas lingüísticos. Como esses atlas são pródigos em evidenciar a dessemelhança entre as fronteiras políticas e as lingüísticas portuguesas; criam-se interseções cuja análise geralmente não ultrapassa a menção de sua existência. Nosso trabalho visará portanto o esboço daquela interseção apresentada nos atlas lingüísticos portugueses como “mirandês”.

A própria presença do mirandês nos atlas lingüísticos portugueses deveria - de há muito - ter suscitado o interesse de pesquisadores de diversas áreas como a etnologia, a filologia e a dialetologia; que seriam as primeiras beneficiadas pelo seu estudo. Contudo, salvo notas sucintas como a de Mattoso Câmara Jr., que reproduzimos abaixo, o mirandês é antes lembrado pela sua ausência:

... o Mirandês (Terra de Miranda), na zona nordeste de Trás-os Montes, é uma língua distinta, embora circunscrita ao uso cotidiano, sem expressão literária e falada numa região que é parte do território português, se caracteriza por traços fonológicos e morfológicos fundamentais próprios, como evolução de um enclave do romance leonês em Portugal.<sup>10</sup>

De modo distinto ao das últimas décadas, a história recente registra em Portugal um crescente interesse pelo mirandês, atualmente reconhecido como língua minoritária do país. Houve, em 1999, o surgimento de legislação específica para sua proteção – que também determina seu ensino (opcional) nas escolas públicas de Miranda do Douro - e a aprovação de sua Convenção Ortográfica, em que se tenta traçar as características de uma língua até então existente apenas na oralidade.

O estudo do Mirandês suscita ainda questionamentos vários, relativos ora à geopolítica ibérica, ora à sua própria história externa – e à dos demais idiomas com que se avizinha – e interna, a partir de que se pôde questionar seu estatuto anterior de dialeto, ora ainda às

---

<sup>10</sup> In: CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 15ª ed., Petrópolis: Vozes, 1991. p. 95.

políticas utilizadas para afirmar sua posição no universo lingüístico ibérico no instante histórico em que a inserção da Península à Comunidade Econômica Européia faz valer as políticas lingüísticas e culturais desta entidade.

Detectado apenas em 1882 por Leite de Vasconcelos, o mirandês foi por este classificado como co-dialeto do português; análises posteriores de Menéndez Pidal reclassificaram-no junto ao grupo dos dialetos leoneses – o que o coloca no âmbito lingüístico espanhol. Se esta classificação explica sua genealogia, não esclarece contudo as razões de sua preservação nem seu verdadeiro distanciamento dos idiomas com que tem contato. Para tanto, cabe o recurso à História.

A expansão dos asturianos durante a Reconquista deu-se no sentido noroeste-sudeste e formou, ao longo de sua expansão, uma unidade política que passou a denominar-se reino de Leão quando, em inícios do séc. X, aqueles fixaram nesta cidade sua capital. O território do novo reino estendia-se por toda a margem norte do rio Douro e era limitado a leste pela Serra Cantábrica. Em 961 o condado de Castela se separa de Leão, que, com isso, fica restrito à região centro-oeste das áreas reconquistadas.

Nesse momento, coexistem nessas áreas duas manifestações lingüísticas: o galego-português, que ocupava toda a costa atlântica, e o próprio leonês, ocupando a faixa leste. Com a reconquista e repovoamento dos novos territórios, o leonês se estenderá pela área que vai da costa asturiana às margens do Tejo - limite sul de sua expansão. Estas áreas lingüísticas tinham como única fronteira natural o rio Tua - que divide latitudinalmente o território que hoje forma a província portuguesa de Trás-os-Montes.

Embora mantenham cortes separadas até 1226, o reino de Leão se unirá a Castela em 1037. É neste reino bicéfalo que será criado em 1097 o Condado Portucalense, cuja fronteira leste será também o rio Tua. Com sua posterior independência em 1139, esta fronteira avançará, incluindo então os territórios de Bragança e Miranda do Douro.

Assim, tendo se integrado politicamente a Portugal, apenas quando da independência e não tendo sido um território de repovoamento – como o eram os reconquistados – a “Terra de

Miranda”<sup>11</sup> pôde preservar os laços comerciais e culturais que a prendiam a Leão, principalmente à cidade de Zamora, mais próxima que os centros político-culturais portugueses que, com o avanço da Reconquista, deslocavam-se para o sul.

A partir do século XIII Miranda do Douro receberia novo contingente imigratório leonês: os descontentes com a fusão das Cortes leonesa e castelhana cruzam a fronteira e reforçam a particularidade da região frente a Portugal. É evidente que esta fusão significou o fim de Leão como unidade política e, a partir daí o leonês, pressionado a leste pelo castelhano, a oeste pelo português e a noroeste pelo galego, viria a tornar-se substrato lingüístico em seu próprio território. Tendo esfacelada a relativa unidade que um dia tivera, recuará paulatinamente às suas origens: no atual território espanhol, apenas no asturiano ainda se encontram traços do leonês.

Miranda do Douro, por sua vez, tenderá a isolar-se cada vez mais de Espanha e de Portugal. Daquela, pelo fim dos laços culturais que os uniam, deste, pela ausência de integração. No entanto, sendo região de fronteira, Miranda do Douro foi palco de todos os conflitos militares entre Espanha e Portugal, o que lhe conferiu um valor estratégico motivador dos investimentos que a coroa portuguesa fará na região, iniciados pela elevação de Miranda a diocese em 1545.

Estes investimentos foram um fator aliciante para que as elites mirandesas adotassem definitivamente o português, ficando o mirandês restrito ao uso familiar ou das vilas mais afastadas. Esta adesão – que acabou por criar uma diferença diastrática ainda mais forte na Terra de Miranda – ficou bem expressa no mirandês, que utiliza o termo *fidalgo* para referir-se aos que falam unicamente português.

O período da União Ibérica (1580-1640) restaurou a Miranda o papel de rota comercial, mas representou o início da influência, mínima porém sensível, do castelhano no léxico mirandês. Com a Restauração, novo período de marasmo advém a Miranda, intensificado a partir de novos conflitos com a Espanha em 1762, no qual Miranda é destruída e saqueada pelos espanhóis. A perda de prestígio atinge seu grau máximo quando, logo após, a diocese e a administração se transferem para Bragança. A região só sofreria

---

<sup>11</sup> Nome genérico dado pelos habitantes ao local.

novo impulso econômico a partir de 1955, com o aproveitamento do potencial hidrelétrico do rio Douro.

É forçoso incluir neste brevíssimo relato da história externa do Mirandês dois fatos que cremos elucidativos de suas particularidades: a) o isolamento do Mirandês proporcionou-lhe manter-se relativamente incólume às transformações vividas por seus vizinhos; e b) distintamente da política lingüística espanhola que visava erradicar os falares não-castelhanos – abalizada na definição de dialeto emitida por Manuel Alvar, segundo quem dialeto seria “um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva *ou desaparecida*; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem”<sup>12</sup> – Portugal, até porque por muito tempo desconheceu sua existência, jamais promoveu qualquer política para sua erradicação. Embora a expansão do português ameaçasse o mirandês, não devemos pensá-la como parte de uma política de Estado.

Dado o analfabetismo endêmico da região, o mirandês não evoluiu de forma escrita, pelo que não há textos anteriores a 1882, e poucos são os textos existentes produzidos após esta data; mesmo estes são transcrições - feitas geralmente por pesquisadores que seguiram a trilha de Leite de Vasconcelos - e que se prestam primordialmente à exemplificação de análises dialetológicas. Assim sendo, o mirandês não tem hoje uma expressão literária sobre a qual se apoiar; fato que, se a priva de uma “tradição”, torna ainda mais surpreendente a constatação de sua sobrevivência. De fato, o primeiro livro publicado em mirandês - *Flores Mirandesas*, de 1884 - foi uma coletânea do folclore mirandês realizada pelo próprio Leite de Vasconcelos, que também do mirandês se valeu para escrever alguns poemas, como o transcrito abaixo:

Quien dirie qu'antre ls matos eiriçados

---

<sup>12</sup> Ao qualificar como dialetais as diferenças diacrônicas relacionadas a línguas desaparecidas Alvar desqualificava como línguas o galego e o asturiano, entre outros. Tendo publicado seu texto em 1961 – no auge do franquismo portanto – sua definição, embora questionável sob diversos aspectos, respalda a política lingüística do regime. In: Manuel Alvar. *Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas*. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 15:57, 1961. Apud: CUNHA, Celso Ferreira da, CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 04.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Las ourrietas i ls rius d'esta tierra,  
Bibie, cumo l chaugarço de la sierra,  
Ua lhéngua de sons tan bariados?  
Mostre-se i fale-s' essa lhéngua filha  
D'un pobo que ten neilha l choro i l canto!  
Nada por ciêrto mos cautiba tanto  
Cumo la form' an que l'eideia brilha.  
Zgraçado d'aquel, qu' abandonando  
La patri' an que naciú, la casa i l huôrto.  
Tamien se squee de la fala! Quando  
L furdes ber, talbéç que stéia muôrto!<sup>13</sup>

Importa notar que Leite de Vasconcelos, não sendo um “falante nativo” do mirandês, estabeleceu a norma ortográfica que usa em seus poemas baseado na pronúncia da aldeia de Duas Igrejas, selecionada por localizar-se ao centro do território onde o mirandês é falado. No entanto, pesquisadores e usuários do idioma acabariam por contestar a norma estabelecida por Leite de Vasconcelos, adaptando-a ou refutando-a, parcial ou totalmente.

Se acima dissemos que a região só terá algum avanço econômico a partir de 1955, lembremo-nos que neste período, correspondente à ditadura salazarista, qualquer tentativa de reconhecimento “oficial” do mirandês esbarraria, além de no analfabetismo da população, na desconfiança das autoridades governamentais. Deste modo, deveu-se esperar até o 25 de abril para que o quadro mudasse, com a construção de escolas mais avançadas e o estabelecimento de um sistema democrático para que se pudesse tentar reverter o quadro de abandono em que o mirandês se encontrava.

Evidentemente uma política de revitalização do mirandês já se fazia mister, posto que os avanços tecnológicos na área das telecomunicações rompiam o isolamento das comunidades mirandesas. Além disso, as possibilidades de ascensão social que o conhecimento do português possibilita às gerações mais escolarizadas concorriam, involuntária mas igualmente, para a extinção do mirandês.

Entretanto, com a adesão de Portugal à Comunidade Européia - e conseqüente acatamento da política lingüística da instituição - desenvolve-se uma estratégia de preservação do mirandês, que já em

---

<sup>13</sup> In: VASCONCELOS, J. Leite de. *Quien dirie...* .In "Flores Mirandesas", Porto: Livraria Portuense de Clavel & C.<sup>a</sup>, 1884. p 11-12.

1986 é introduzido como disciplina optativa no segundo ciclo das escolas básicas de Miranda do Douro. A partir daí se desnuda o principal problema – do ponto de vista pedagógico - do mirandês: a falta de uma ortografia fixa, coesa e coerente. Advindo-lhe a necessidade – talvez inédita – de migrar da oralidade e da agraphia diretamente para a condição de disciplina escolar – devendo, portanto, assumir um caráter didático fatalmente prescritivo e proscritivo – fez-se-lhe premente a regularização da ortografia.

No intento de resolver-se a questão, estabeleceu-se a *Proposta de Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*, publicada em 1995, cujo objetivo manifesto era “o de estabelecer critérios claros, sistemáticos e econômicos de escrever e ler o mirandês, e para o ensinar”. Esta escrita, segundo o mesmo documento, deveria ser “o mais unitária possível e consagrar o mirandês como língua minoritária do território português”. Se ficam patentes os imperativos lingüísticos e políticos que nortearam a *Convenção*, está patente também a necessidade de fixarem-se os princípios básicos para sua elaboração, o que por si só demonstra a dificuldade da empreitada.

A publicação do texto definitivo da *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*, ocorrida em 1999, fixou a ortografia do mirandês em concomitância à aprovação por unanimidade da lei que preconiza o *Reconhecimento oficial de direitos lingüísticos da comunidade mirandesa*<sup>14</sup>, cujo texto de apresentação acaba tendo o valor de uma certidão de (re)nascimento e de (re)afirmação do idioma, sendo impositivo que se lhe cite:

La Lhéngua Mirandesa, doce cumo ua meligrana, guapa i capechana, nun yê de onte, detrasdonte ou trasdontaine mas cunta cun uito séclos de eijistênciã.

Sien se subreponer a la "lhéngua fidalga i grabe" l Pertués, yê tan nobre cumo eilha ou outra qualquiêra.

Hoije recebiu bida nuôba.

Saliu de l absedo i de l cenceinho an que bibiu tantos anhos. Deixou de s'acucar, znudou-se de la bargonha, ampimponou-se para, assi, poder bolar, strebolar i çcampar l probenir.

---

<sup>14</sup> Lei 7/99, publicada no *Diário da República* de 29.01.1999, primeira série-A, pág. 574. O texto em itálico refere-se ao título da citada lei.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Agarrou l ranhadeiro para abibar l lhome de l'alma i l sangue dun cuôrpo bien sano.

Chena de proua, abriu la puôrta de la sue priêça de casa, puso fincones ne l sou ser, saliu pa las ourriêtas i preinadas..

Lhibre, cumo l reoxenhor i la chelubrina, yá puôde cantar, yá se puôde afirmar.

A la par de l Pertués, a partir de hoije, yê lhuç de Miranda, lhuç de Pertual.<sup>15</sup>

No mesmo ano houve ainda a aprovação do projeto de lei que consagrou o mirandês como língua minoritária, com o que Portugal – por ser membro da Comunidade Européia - se obriga a promover o ensino e a difusão do mirandês nos territórios onde é falado, além disso, deverá formar professores e ampliar seu ensino para todo o ciclo básico. Razão pela qual o Pe. Moisés Pires, membro da comissão que elaborou a *Convenção ortográfica*, já preparou um *Dicionário e Gramática do mirandês*<sup>16</sup>.

Se até aqui pudemos vislumbrar a história externa do mirandês, convém um vislumbre da citada convenção ortográfica, posto que a cremos elucidativa de alguns pontos importantes na futura trajetória do mirandês.

Entres seus princípios gerais, convenção ortográfica estabelece quatro pontos que consideramos de destaque: o da *continuidade da tradição gráfica*, o da *clareza*, o da *simplicidade* e o da *flexibilidade*. Analisados em conjunto, estes princípios podem apresentar uma sutil discrepância entre si. Vejâmo-la:

O princípio da *simplicidade* é de caráter puramente estratégico, mas como tal deixa evidente a preocupação com o futuro: visando facilitar a difusão de textos em mirandês propõe que se evitem “diacríticos e símbolos que não sejam de uso corrente e acessíveis em qualquer instrumento de escrita, especialmente processadores de texto com teclado português e pequenas tipografias”. Se a preocupação é coerente, o efeito é contido limitador, afinal inutilizam-se os recursos mais simples à mão.

Reconhecendo que o alfabeto gráfico não dá conta do leque fonético – mesmo porque preso à etimologia – os mirandeses

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem. Texto de apresentação.

<sup>16</sup> À época da redação do presente trabalho não tínhamos notícia de sua efetiva publicação.

optaram por esta última no princípio da *continuidade da tradição gráfica*, alertando para que “quando existem várias possibilidades de escrita para um dado som, opta-se pela de mais antiga tradição na língua ou pela mais freqüente em diversos autores”. Reconhecendo ainda que a aprendizagem escolar do mirandês depende da do português, optaram por recorrer a este na busca de soluções ortográficas, demarcando assim uma razoável distância do asturiano - cuja norma ortográfica é rechaçada por inadequada ao mirandês - e atraindo o idioma para uma órbita lusófona mais bem definida.

Atração que se torna dúbia quando o princípio da *clareza* é exposto como “anotação gráfica de determinados processos fonológicos que diferenciam o mirandês do português”, mas que se rompe no princípio da *flexibilidade*, que afirma que “uma convenção ortográfica não deve limitar a liberdade individual de criação e propõe o uso de recursos gráficos distintos para demarcar as diferenças entre português e mirandês em situações tais como o aparecimento de textos em português com inserção de mirandês.

Ora, parece-nos que o princípio da flexibilidade acaba por esvaziar a *Convenção Ortográfica* do caráter arbitrário que a esta convém ter. Entretanto fica evidente a idéia de uso da ortografia como instrumento para demarcação de território: os princípios expostos são nitidamente capazes de individualizar o mirandês perante seus vizinhos: ao espanhol não há sequer referência, do asturiano - seu “parente” mais próximo - se estabelece uma distância talvez maior do que a real e, com relação ao português, é estabelecida uma simbiose em que o mirandês deste se vale para representar fenômenos semelhantes, mas dos quais é necessário demarcar também a devida distância.

A “política ortográfica” do mirandês acaba por divergir radicalmente da do galego, que, acabado a período franquista e reconhecido como língua, buscou soluções que o aproximassem do espanhol - como suas regras de acentuação, decalque das daquele. Mas é certo que ambos, mirandês e galego - entre outros - funcionam como instrumentos de relativização do espírito nacional em seus respectivos países, posto que reforçam o conceito de “ibérico” por sobre os conceitos de identidade nacional. Com isso, ganha impulso a inserção cultural da Península Ibérica na Comunidade Européia.

É evidente que nossa análise não pode pretender o esgota-

mento do tema, pretendíamos aqui unicamente focalizar os diversos andamentos a que, historicamente, o mirandês foi submetido. Visamos - ao propor este tema para discussão – suprimir a lacuna a que nos referimos no início deste texto. No entanto, a lacuna maior tem sido suprimida pelos próprios quinze mil falantes de mirandês que, engajados na tarefa de resgatar suas tradições e sua língua, têm pela frente a tarefa ainda mais grave de criar uma produção cultural mirandesa dentro dos paradigmas da Modernidade.

Fica para os profissionais de Letras – primordialmente os das letras da Ibéria - a possibilidade de, acompanhando tais fatos, rever, testar e comprovar conceitos a partir dos quais possam traçar-se paradigmas dos processos de transformação e construção de um idioma e de uma cultura.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 15ª ed. Petrópolis : Vozes, 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*, 7ª ed. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Rio de Janeiro : MEC/FAE, 1985.
- CUNHA, Celso Ferreira da, CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- ELIA, Sílvio. *Preparação à Lingüística Românica*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1979.
- FERREIRA, Manuela Barros; RAPOSO Domingos (coord.). *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*. Miranda do Douro : Câmara Municipal de Miranda do Douro/Lisboa : Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1999
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. 3ª ed., São Paulo : Ática, 1999. Série Fundamentos 83.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

QUESADA MARCO, Sebastián. *Curso de Civilización Española*. 2ª ed. revisada, Madrid : Sociedad General Española de Librería, 1996.

VASCONCELOS, J. Leite de. Quien dirie... .In: —. *Flores Mirandesas*. Porto : Livraria Portuense de Clavel & C.<sup>a</sup>, 1884, p. 11-12.

## O ATLAS ETNOLINGÜÍSTICO DO ACRE – ALAC

*Luísa Galvão Lessa (UFAC)*

Inicialmente, nesta conferência, agradeço o convite formulado pelo Prof. Dr. José Pereira, para ocupar este nobre horário e, assim, devo dizer que é uma honra estar entre os senhores para noticiar os estudos da dialectologia amazônica, particularmente do *Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC*. É um projeto de vida longa e dele me ocupo enquanto docente na Universidade Federal do Acre e como pesquisadora do CNPq. Mas, antes de tudo, para se chegar à definição do ramo da ciência da linguagem – a dialectologia social, objeto dessa exposição, como parte do meu fazer científico – é necessário retomar, um pouco, os conceitos de língua e dialeto. Uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc., ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais. Cada uma dessas estruturas é resultado da diversificação de uma língua anterior, o latim, que teve a sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço.

Falar de língua portuguesa ou de qualquer outra é operar uma abstração e uma generalização consideráveis, uma vez que sob essa denominação de língua há uma gama de variações, conseqüência direta da diversidade dos usuários. Não existe uma língua unificada, porque não existe um monobloco lingüístico.

Em uma língua histórica, existem três tipos fundamentais de diferenças internas:

1. diferenças de espaço geográfico ou diferenças diatópicas; (exemplo: aipim = mandioca, macaxeira; abóbora = jerimum; canjica = mucunzá; mixirica = tangerina; pé-de-moleque = cocada; pé-de-moleque = bolo de mandioca); muyé = mulher; fyo = filho; munta gente = muita gente; mutá = escada; piá = menino.

2. diferenças entre os distintos estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática, ou diferenças diastráticas (fazer a corte, namorar, paquerar, ficar; garota de programa, mulher devida fácil, prostituta, puta); ficar ajuntado ou amancebado ou amigado.

3. diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos da fala ou diferenças diafásicas: nós vamos, a gente vai, eu vou; faça-me o favor, faça o favor; assistir ao jogo, assistir o jogo etc)

A esses três tipos acrescentam-se as diferenças etárias, geracionais. (acender e ligar; apagar e desligar; apagar e deletar; namorar e ficar etc).

As diferenças diatópicas, diastráticas e diafásicas, correspondem três tipos de subsistemas que possuem internamente relativa homogeneidade garantida pela soma dos traços lingüísticos coincidentes. Assim, a partir dessas coincidências pode-se dizer que existem:

a) as unidades diatópicas, que são identificadas mais comumente como dialetos: o dialeto nordestino, o dialeto de Fortaleza, dos Açores, de Portugal, do Acre, etc.;

b) as unidades sinstráticas, as de estratos sociais – a linguagem culta, a linguagem da classe média, a linguagem popular, etc.;

c) as unidades sinfásicas, ou de estilo de língua – a linguagem formal, a familiar, a literária etc.

Observe-se, porém, que em cada unidade sintópica, por exemplo, em um dialeto de determinada região, pode haver ou há diferenças diastráticas (socioculturais) ou diafásicas (de estilo); em cada unidade diastrática, por exemplo, a linguagem culta, a linguagem popular, há diferenças diatópicas (regionais) e diafásicas (de estilo); e em cada unidade sinstrática, por exemplo, na linguagem familiar, há diferenças diatópicas e diastráticas.

Compreende-se, então, porque os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, tenham características lingüísticas diversificadas e se pertencerem a uma mesma região também não falam da mesma maneira, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema lingüístico e de toda a variação nele contida. Desse modo chegar-se-á mais perto do conceito de dialeto, subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua.

Para tornar mais claro o entendimento de dialeto, a sua relação, distribuição e relação com a língua histórica, do qual é parte integrante, é oportuno rever o conceito de isoglossa como uma linha

virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e, conseqüentemente, apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas. Ex.: para a constelação: Cruzeiro do Sul (em quase todo o Acre), Santo Cruzeiro (na fronteira do Acre com o Peru; pé-de-moleque e beléu); podem mostrar contrastes e mostrar semelhanças lingüísticas socioculturais (cedo da noite, boquinha da noite, de tardinha, à noitinha) isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas – ao anoitecer, ao cair da tarde, ao final do dia, na boca da noite).

Quanto à natureza dos fatos lingüísticos analisados, uma isoglossa pode ser lexical ou seja, isoléxica; pode ser fônica, isófona; pode ser morfológica, isomorfa e pode ser sintática.

Partindo do entendimento de isoglossa, define-se dialeto como um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, têm uma relativa homogeneidade dentro de uma mesma comunidade lingüística em confronto com outras. Essa relativa homogeneidade, demonstrada pelo conjunto de isoglossas, leva ao entendimento de que não existem limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos.

Se se entende, como se disse antes, que há *isoglossas diatópicas, diastráticas, diafásicas*, poder-se-á concluir que a denominação de dialeto não é só pertinente às variações diatópicas, logo também há dialetos sociais e, por analogia, dialetos estilísticos.

Ressalte-se que a equação: dialectologia = lingüística diatópica; sociolingüística = lingüística diastrática não é pacífica. Lope Blanche, sobre o tema, assim se manifestou:

Se a dialectologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto no eixo horizontal como do vertical.

Diz ainda Lope Blanche (1978:40) que o fato de a dialectologia" haver dedicado o melhor do seu esforço ao estudo das falas regionais, especialmente rurais, isso não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória". Daí depreende-se que a dialectologia interessa não apenas a variedade rural mas também a urbana, podendo então falar em uma dialectologia rural e de uma dialectologia urbana.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Fez-se, inicialmente, no Acre, uma dialectologia urbana, coletando-se um *corpus* de 10 horas de gravação, com informantes de nível superior completo, profissões diversas, níveis sociais também, faixas etárias e variação de sexo, isso em 1988, tomando o modelo idealizado por Lope Blanche.

Paralelamente, faz-se, desde 1991 dialectologia rural, seguindo o modelo preconizado por Nascentes e aplicado, com sucesso, por pesquisadores brasileiros. O resultado desse esforço está refletido nos 23 CADERNOS sobre a Linguagem Falada do Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale do Purus. Neles estão presentes os traços diferenciadores por força do conservantismo ou da absorção do novo: A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO ACRE – Materiais para estudo, vol. I,II,II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ – Materiais para estudo, vol. I, II, II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS – Materiais para estudo, vol. I,II,III; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE CRUZEIRO DO SUL – Materiais para estudo, vol. I; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE TARAUCÁ – Materiais para estudo, vol., II; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE FEIJÓ – Materiais para estudo, vol. III; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE RIO BRANCO – Materiais para estudo, vol. IV; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE XAPURI – Materiais para estudo, vol. V; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE PLÁCIDO DE CASTRO – Materiais para estudo – vol. VI; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE SENA MADUREIRA – Materiais para estudo, vol. VII; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE ASSIS BRASIL – Materiais para estudo, vol. VIII; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA DE MANOEL URBANO – Materiais para estudo, vol. IX; A LINGUAGEM NA ZONA DE RIO BRANCO: FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. I; LINGUAGEM NA ZONA DE PLÁCIDO DE CASTRO: FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. II; A LINGUAGEM FALADA NA ZONA XAPURI: FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. III. A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS – FORMA E FREQUÊNCIA, Zona de Manoel Urbano – Materiais para estudo, vol. I; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS, Zona de Assis Brasil – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO PURUS, Zona de Sena Madureira – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo,

vol. III; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ, Zona de Cruzeiro do Sul – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. I; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ, Zona de Tarauacá – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. II; A LINGUAGEM FALADA NO VALE DO JURUÁ, Zona de Feijó – FORMA E FREQUÊNCIA – Materiais para estudo, vol. III.

**fig 1**

Do *corpus* ALAC, acima especificado, 70% está armazenado em microcomputador.

Pretende-se, com essa pesquisa dialetal na região do Acre, deixar um legado a várias ciências, pois a dialectologia é uma disciplina com larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível, pois, que a dialectologia trouxe e traz contribuições de importância à sociolinguística e à linguística geral. É como diz Silva-Corvalán (1988:8):

Sociolinguística e dialectologia se têm considerado até certo ponto sinônimas, uma vez que ambas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialectologia desde cedo percebeu a coexistência da heterogeneidade linguística.

O *corpus* do ALAC está armazenado no Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC. E a contribuição que o CEDAC dá à dialectologia acreana é infinita, sobretudo com o Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC. Na realidade, a publicação do Atlas, ainda que com resultados parciais, como já se está dando ao Brasil, significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis. Diversidade essa que não anula a unidade, apenas lhe dá a verdadeira dimensão, tornando-a menos esplêndida ou menos notável como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda defendem. Unidade e diversidade não se defende, constata-se.

Em toda pesquisa dialetal existe um *antes*, um *durante* e um *depois*. Tem-se, pois, a fase da preparação, da execução e da análise. É preciso definir *o antes*, ter coragem para *o durante*, paciência e gosto para *o depois*, como dizem Carlota Ferreira e Suzana Cardoso.

Essas etapas me foram dadas pela experiência da prática da pesquisa de campo. A dialectologia não é uma ciência de gabinete, por isso *o durante*, às vezes, pode ser até penoso, mas sem dúvida, é o trabalho de campo o melhor livro de dialectologia que se conhece; só quem esteve lá, e pode ser difícil chegar lá, é capaz de lhe dar a sua real dimensão. Com o homem rural se aprende não apenas os fatos lingüísticos, porém muito mais, aprende-se sobre uma vida que nunca lhe foi ensinada, mas aprendida de dentro da própria vida.

O Estado do Acre, embora ocupe destacada e significativa posição no contexto amazônico, continua, ainda, a constituir vasto campo aberto à pesquisa, não só no âmbito das ciências naturais, mas também em áreas como a História, a Antropologia e a Lingüística.

Só agora se está percebendo ser necessário conhecê-lo em profundidade, no intuito de descobrir-lhes as peculiaridades e – o mais urgente – no sentido de registrar e preservar os traços culturais de pequenos segmentos da sociedade, ameaçados de descaracterização pela força de normas lingüísticas comportamentais veiculadas pelos modernos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão.

Em pleno século XX, e não muito longe da capital acreana, encontram-se pequenas comunidades mantidas à margem do desenvolvimento, devido a fatores históricos e geográficos que as compeli-ram ao isolamento e à estagnação.

Surpreende e, por vezes, revolta o flagrante descaso de que têm sido vítimas alguns grupos ao longo dos séculos que nos distanciam dos primórdios da colonização. É o que ocorre em muitas localidades do Acre, caso especial dos pontos de inquérito da Pesquisa ALAC, como é um exemplo a Vila Muju, pequeno aglomerado humano cuja população vive não só na mais absoluta pobreza, mas, sobretudo, parada no tempo, quase como sem destino. Esse é só um dos casos, existem inúmeros que os nativos do Acre, conhecedores da realidade, encontram sem grande esforço de memória. O que espanta, de tudo isso, é que até hoje o governo brasileiro não tenha dedicado estudo especial para o homem da região amazônica, especificamente para a atividade econômica a que – *por determinismo geográfico* – o acreano está destinado ao confinamento, aprisionado pela floresta que não tem limite enquanto território verde, mas que dá finitude ao homem quando o isola dos demais.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O homem interiorano do Acre – por viver em povoados alijados do processo de desenvolvimento; por desempenhar atividades econômicas de forma artesanal; por possuir uma história de luta e de resistência para a preservação da sua identidade e de seu habitat; por apresentar índice nulo ou quase nulo de escolaridade – constitui objeto, por excelência, de pesquisa dialectológica.

Se não bastassem esses motivos para que se privilegiassem, nos estudos dialectológicos, a descrição da linguagem e das atividades econômicas artesanais aqui praticadas, poder-se-ia aduzir o crescente interesse que a Amazônia vem despertando para o mundo.

Os seringueiros não são o único grupo esquecido pelo Poder e pela História. A seu lado encontra-se um enorme contingente de acreanos que, no labor diário da agricultura, da pesca, da extração da madeira etc., e nos singelos atos de intercomunicação, sem que disso se dêem conta, escrevem nossa história, delineiam nossa cultura, matizam nossa língua, forjando nossa identidade nacional.

Tropeiros solitários; seringueiros confinados na imensidão da floresta amazônica; feitores de roçados; plantadores de mandioca, de milho e de feijão, em humildes choças; fazedores de farinha; pescadores do acaso; madeireiros do destino; pombeiros em seu comércio pela floresta – todos presos às suas pequenas, porém únicas tradições, repetem, encantoados na região acreana, as vozes que desde a infância se acostumaram a ouvir.

Detentores de costumes portugueses aqui reelaborados pelo contato com outra terra e outras gentes ou, já em acelerado processo de mestiçagem étnica e lingüística, esquecidos da origem, esses homens guardam, na sua forma de expressão oral, a resposta a muitas indagações e a diversas hipóteses.

O espantoso no Brasil é que a conquista de nossa unidade lingüística não é obra da educação, mas do esforço do povo, sem nenhuma ajuda oficial.

Conhecer, portanto, a cultura desses homens escondidos e esquecidos em núcleos que, embora, por vezes, próximos, vivem vidas próprias, equivale a reconstituir parte de nossa história e da história da língua que serviu para conformá-la, contá-la no decurso do tempo.

E, como sempre ressaltaram dois de nossos mais notáveis filólogos – Serafim da Silva Neto e Celso Ferreira da Cunha – e per-

ceberam alguns poucos de nossos historiadores – como Sérgio Buarque de Holanda e José Honório Rodrigues – os estudos históricos devem subsidiar as pesquisas lingüísticas, mormente aquelas que tenham por escopo a língua oral.

Assim, do que se disse, que outra síntese se poderia fazer da situação lingüística do Acre? A diglossia que caracteriza a variante acreana – esse tecido emaranhado que se procura deslindar, na tarefa do Atlas, é, sem dúvida, resultado: do processo histórico que tornou o Acre brasileiro; da descoberta do ouro negro na região amazônica; da chegada dos nordestinos no Acre; do convívio nem sempre harmônico entre os povos da fronteira (Peru e Bolívia). Assim, o dialeto acreano é peculiar no Norte do Brasil. No baixo amazonas, por exemplo, se diz “canua e cuco” e no Acre “canao e côco”.

Pergunta-se, então, o que existe, ainda, nessas comunidades, num grupo já por si minoritário e diferenciado, do que há pouco se comentou?

Que terão os seringueiros, os agricultores, os pescadores, os madeireiros, os pecuaristas a transmitir – por meio da sua linguagem e da cultura – sobre a história e a fala de seus grupos e, por extensão, sobre a história e a fala do Estado do Acre?

Certamente, coisas que não se supunham e que, se não fossem logo recolhidas, se perderiam a reboque da indiferença:

Não é possível, porém, cruzar os braços. Pelo contrário, a exploração dos falares é tarefa urgente e inadiável, porque, com o rolo compressor do progresso, o uniforme sobrepõe-se ao diferenciado, o comum ao típico, o banal ao pitoresco. Assim se vai operando uma nivelação que destrói em boa parte as tradições recebidas dos antepassados.

A pesquisa do Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC objetiva, portanto, proceder ao levantamento e à análise das peculiaridades lingüísticas e etnográficas de cinco atividades econômicas do Estado, acima já enumeradas, para auxiliar não só no conhecimento de uma variante do português do Brasil e do Acre, mas, também, para a elaboração do Atlas Etnolingüístico do Estado do Acre, em fase bastante avançada.

Para dar uma feição científica à coleta da oralidade acreana, tiveram-se de criar ou adaptar métodos, sempre com base nas lições

extraídas das obras de lingüistas atuais e nas contribuições dos primeiros estudos dialectológicos, numa fusão de modernidade e tradição, que tem presente a lúcida observação de Manoel Alvar:

deixando de lado as metáforas, pensa-se que o surgimento de novos métodos significa que outros – mais ou menos tradicionais – já se tornaram obsoletos: colocação parcial da questão. Porque a missão de um método não acaba com o surgimento de outro, mas pode coexistir com ele e ainda reelaborar-se segundo seus próprios condicionamentos (...) os métodos tradicionais, adaptados às exigências de nosso tempo, não estão esgotados: muitos dialetos românicos estão por inventariar e conhecer, e sem a posse desses dados imediatos careceria de sustento qualquer tipo de especulação ulterior.

Estudar a dialectologia acreana é descrever a língua do povo do Acre. E a descrição da língua de um povo fornece seu vocabulário e o vocabulário é uma bíblia bastante fiel de todos os conhecimentos desse povo; apenas a comparação do vocabulário de uma nação, em diferentes tempos, é suficiente para se formar uma idéia do seu progresso.

Este trabalho é, também, um apelo aos educadores, de modo geral, para que se interessem pela região acreana e pelos homens que lá (aqui) vivem (onde me incluo, com a permissão dos senhores), contribuindo, assim, não só para a solução dos problemas econômicos, mas, também, para que sejam respeitados os valores, a cultura e, conseqüentemente, a linguagem da região.

#### CONCLUINDO

Dos estudos que realizei; daqueles que vou realizar; das pessoas que conduzi às trilhas da pesquisa; das derrotas sofridas na busca de profissionais talhados para este feito; do espaço espremido dentro da academia; dos ensinamentos e dos exemplos que tento passar aos jovens pesquisadores do CEDAC; das dificuldades para, no Acre, fazer pesquisa científica, há um quadro que ilumina os meus dias e que retirei na pesquisa de campo. Ele é assim: Lembro lugares e neles vejo homens, mulheres, crianças. Diversos como os cenários em que se situam, contam-me histórias, diversas também. Ao fim de duas ou três visitas sento-me, por vezes, verdadeira amiga, quase irmã. E eu não tenho podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles me têm dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a vida partir daquele momento da vi-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

sita. Por trás dos fatores que vim buscar, estudar, há toda uma humanidade humilde, porém digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialectologia me pôs em contato. Se mais nada, no vasto terreno da linguagem, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência, por si só, seria suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo dos estudos dialectológicos para o qual a vida me conduziu.

## OBSERVAÇÕES SOBRE OS CLÍTICOS

Nataniel dos Santos Gomes (CIFEFiL/UFRJ/UNAM/UNESA/UniverCidade)

### RESUMO

Descrição do comportamento dos clíticos, não somente em português, mas em diversas línguas. Classificação dos clíticos para diversos teóricos. Afixos e concordância.

Palavras-chave: 1. Lingüística, 2. clíticos, 3. descrição lingüística

### INTRODUÇÃO

Os clíticos são elementos que compartilham, de um lado, certas propriedades de palavras independentes, e de outro, certas propriedades de afixos.

Os clíticos pronominais, por exemplo, se comportam sintaticamente como os próprios argumentos verbais. Fonologicamente, todavia, eles não são capazes de sustentar acento sozinhos. Sendo assim, eles precisam se agregar a um hospedeiro.

Em Português, o clítico *me* apresenta essas características. Ele é sintaticamente ativo, já que é o objeto do verbo. Fonologicamente, porém, ele é deficiente e precisa se agregar ao verbo, tornando o complexo V + clítico uma só unidade em termos fonológicos.

(i) Eu corto-me quando faço a barba.

Pronomes, verbos auxiliares, conjunções e artigos podem ocorrer na forma de clíticos nas línguas naturais.

Existem dois tipos de clíticos: os especiais e os locais. Os primeiros podem se agregar a qualquer palavra desde que esta esteja na posição adequada. Os segundos se agregam às palavras que os regem.

(ii) Ele *me* fez emagrecer.

(*me* ocorre agregado ao verbo principal, apesar de ser o sujeito do verbo dependente)

A posição que os clíticos ocupam na oração pode estar condicionada a vários fatores.

Em certas línguas, a colocação do clítico é determinada pela acentuação ou por outros fatores prosódicos da sentença. Esse parece



(x) Quando *o* viram?

(xi) \* Quando viram-no?

É preciso investigar qual o fator que condiciona o aparecimento desses clíticos em 2ª posição.

*Clitic climbing* (ou subida de clíticos).

Certos tipos de clíticos referentes ao sujeito ou ao objeto de um verbo subordinado podem ocorrer agregados ao verbo da oração matriz.

(xii) Eu *o* fiz correr.

Em (xi), o sujeito do verbo *correr* – *o* – aparece agregado ao verbo matriz.

Em algumas línguas, as formas pronominais podem ser divididas morfofonologicamente em formas plenas e clíticos. Em geral, as formas plenas são usadas para indicar ênfase.

Em Polonês, assim como em várias outras línguas, um clítico pronominal não pode iniciar uma sentença. A forma plena deve ser usada porque a posição inicial da sentença do Polonês é reservada.

Há elementos que exprimem ênfase ou contraste:

#### Polonês

(xiii) *spotykam-go*

eu-encontrar-ele

‘Eu o encontrei’.

(xiv) *jego spotykam*

ele eu-encontrar

‘Foi ele que eu encontrei’ ou ‘*Ele*, eu encontrei.’

#### Clíticos e concordância

Em muitas línguas, os clíticos não podem co-ocorrer com um sintagma nominal / pronominal com a mesma função.

Em Português, por exemplo, o clítico não aparece / não co-ocorre com um sintagma nominal que expressa a mesma relação com o verbo:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(xv) \* *Eu a vi a Maria.*

Dados como (xv) parecem indicar que, os clíticos representam os sintagmas argumentais, eles e os sintagmas nominais precisam estar em distribuição complementar. O uso de um exclui o outro:

(xvi) *Eu a vi.*

(xvii) *Eu vi a Maria.*

Em outras línguas, todavia, há um fenômeno que permite que tanto o clítico quanto o sintagma nominal podem co-ocorrer. Esse fenômeno é denominado na literatura de *clitic doubling* (ou redobro de clítico).

### Fiorentino

(xviii) *La Maria la parla.*

*A Maria ela fala 'A Maria, ela fala'.*

### Espanhol

(xix) *Lo vimos a Juan.*

*'Vimos o João'.*

### Serbo-Croata

(xx) *dajte-mu ja kos)la-ta.*

*Dar-3sg-dativo 3fem-acus camisa-fem.*

*'Dê ela a ele, a camisa'*

Para alguns investigadores, o clítico seria, nesses casos, o argumento do verbo, enquanto que o sintagma nominal redobrado seria uma forma de adjunto:

(xxi) *A Maria / ela fala.*

(xxii) *Vimo-lo / o João*

(xxiii) *Dê-la a ele, a camisa.*

Estruturas como as exemplificadas acima (xxi) – (xxiii) são denominados na literatura de “Deslocamento para a esquerda ou para a direita”.

Nesse tipo de estrutura do Português, o sintagma nominal

ocorre na função e posição de tópico (ou foco?) ou antitópico, enquanto que o argumento do verbo (sujeito ou objeto) é expresso na forma de um clítico (quando objeto) ou de um pronome (quando sujeito).

Para alguns investigadores, todavia, o clítico é um espécie de afixo de concordância nesses casos de recobro, enquanto que o sintagma nominal é o próprio argumento verbal. A relação verbo+clítico e SN é de concordância.

Há, porém, certas propriedades que distinguem clíticos de flexão de concordância:

concordância é obrigatória e clítico são opcionais;

concordância não proíbe redobro, os clíticos podem proibir;

em muitas línguas, a presença de um clítico faz com que o SN (adjunto) tenha ordem livre.

Em línguas como o Chichewa (Bantu), por exemplo, a ordem da oração é SVO. Quando o marcador de objeto ocorre agregado ao verbo, ele libera o SN adjunto que pode ocorrer em qualquer ordem: SOV, OVS, VOS.

#### Chichewa

(xxiv) njûchi zi-na-lúm-a alenje

SVO

abelhas sujeito-passado-morder-indicativo- caçador 'As abelhas morderam o caçador'

(xxv) njûchi alenje zi-ná-wá-lúm-a

abelhas caçador sujeito-passado-objeto-morder-indicativo

SOV

'As abelhas morderam o caçador'

Observa que a ocorrência de *wá* libera o objeto e este pode ocupar qualquer posição na sentença. Esse fato parece indicar que *wá* é o próprio objeto, enquanto que o SN é um adjunto. Seriam os morfemas que aparecem prefixados ao verbo numa seqüência de clíticos?

Afixos ou clíticos?

Em Palavan, os elementos pronominais verificados no verbo são analisados como concordância e não como clíticos. Sendo assim, são formas de concordância que não possuem um *status* sintático independente em nenhum nível de representação.

Palavan é uma língua ‘pro-drop’ ou de argumento nulo. Isso significa que quando não há um sintagma nominal presente, há um argumento nulo estruturalmente representado:

(xxvi) ak-mil’er-ar [pro]                    ‘I bought it’

1sg-comprar-3sg

(xxvii) ak-mil’er-ar a mlai                    ‘I bought the car’

1sg-comprar-3sg carro

Existem alguns casos em que a presença de marcadores pronominais nos verbos ou nomes impede a ocorrência de um sintagma pronominal como nos mostram os dados a seguir:

(xxviii) ak-remurt

1sg-correr

‘Eu estou correndo’

(xxix) \* ak-remurt ngak

1sg-correr eu

‘Eu estou correndo’

Para Georgopoulos, casos como (xxviii) e (xxix) indicam que em (xxviii) já há um argumento sujeito – o pronome vazio *pro*. Sendo assim, um elemento pronominal pleno não pode ocorrer.

Para outros investigadores, todavia, a incompatibilidade entre a flexão de concordância e pronomes livres é um indício de que os marcadores pronominais como em (xxviii) e (xxix) são os próprios argumentos pronominais que aparecem no verbo ou no nome através de um processo de incorporação.

Georgopoulos fornece algumas evidências de que os elementos pronominais verificados nos verbos e nomes são uma forma de concordância. Em primeiro lugar essas formas podem co-ocorrer com sintagmas nominais plenos. Como bem nota o autor, um único argumento verbal não pode ocorrer na forma de dois itens lexicais: um pronominal e um nominal. De acordo com o critério T, só há um

papel semântico para ser atribuído e esse papel só pode ser atribuído a um único argumento. O verbo “matar” seleciona um argumento no papel de paciente e esse papel não pode ser conferido a dois elementos. Além disso, em casos de redobro de clíticos, os sintagmas nominais devem ocorrer acompanhados de uma adposição.

#### BIBLIOGRAFIA

- AOUN, Joseph. *Clitic-Doubled Arguments*. University of Southern California. [MS], 1996.
- BORSLEY, Robert and ROBERTS, Ian. *The syntax of the celtic languages: a comparative perspective*. New York : Cambridge, 1996.
- FONTANA, J.M. “*On the integration of second position phenomena.*” In.: KEMENAD and VICENT, Nigel. *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge : Cambridge, 1997, p. 207-250.
- GEORGOPOULOS, Carol Perkins. *Syntactic variables: resumptive pronouns and A'binding in Palaun*. Dordrecht : Kluwer Academic Publishers, 1991.
- HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to government & binding theory*. 2 ed. Massachusetts : Blackwell, 1994.
- HALPERN, Aaron L. “*Clitics*”. In: Spencer, Andrew and Zwicky, Arnold M. *The handbook of morphology*. Massachusetts : Blackwell, 1998.
- HALPERN, Aaron. *On the Placement and Morphology of Clitics*. California : CSLI Publications, 1995.
- HENDRICK, Randall. “*Morphosyntax*”. In.: Webelhuth, Gert. *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Cambridge : Blackwell, 1995.
- JELINEK, Eloise. *Definiteness and second position clitics in straits salish*. University of Arizona, [mss], 1993
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo : Contexto, 2000.

**OCORRÊNCIA DAS CORREÇÕES  
E RECONSTRUÇÕES NA FALA**

*Adão Aparecido Molina (UEM)*

**1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Este artigo é fruto de uma pesquisa que fizemos com textos escritos e falados, produzidos por alguns alunos de 8ª série e 2º grau, com o objetivo de observar os reflexos da oralidade na escrita e da escrita na fala, e, também, a ocorrência dos mecanismos de correção e reconstrução na fala.<sup>17</sup>

Partimos do princípio de que fala e escrita possuem estreitas relações, porém se processam de maneiras diferentes, tendo em vista que a fala se constrói enunciando, no momento de sua realização, enquanto que a escrita apresenta resultados prontos, isto é, enunciados. Pelo fato da interação se dar, ser simultânea ao processamento da fala são necessários mecanismos que a tornem clara, justamente para que seja interativa, enquanto que os textos escritos não necessitam de tais mecanismos porque o indivíduo tem tempo para refletir sobre o que vai escrever e ainda apagar quando necessário, pois os participantes da interação encontram-se afastados um do outro, não partilham o mesmo tempo e espaço.

Sabendo que os textos escritos apresentam os seus resultados corrigidos, prontos para serem lidos, resolvemos, então, fazer esse estudo para conhecermos os mecanismos utilizados no processo de elaboração da fala.

Solicitamos aos alunos que nos contassem uma história, a qual gravamos, e depois lhes pedimos que a escrevessem, utilizando os recursos da escrita que conheciam, dentro dos padrões gramaticais da norma culta que aprenderam na escola.

Os textos escritos pelos alunos foram transcritos, conforme a fonte, considerando a sua totalidade e a sua originalidade, enquanto

---

<sup>17</sup> Os resultados na íntegra encontram-se expressos em nosso trabalho monográfico denominado “*Reflexos da oralidade na escrita e da escrita na fala*”, desenvolvido durante nossa participação na disciplina “*Oralidade e letramento no ensino-aprendizagem de língua materna*”, do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, oferecido pelo Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá-PR.

que os textos falados foram transcritos, considerando para isso os padrões do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP).

Para conhecermos a escrita e a fala e sabermos como se processa cada uma delas, recorreremos aos postulados teóricos, onde encontramos conceitos e definições de alguns autores sobre esse assunto.

A partir desse material, e também das transcrições, passamos, então, à análise das diferenças entre ambas, procurando mostrar os mecanismos que as diferenciam e os possíveis reflexos de uma na outra, quando utilizadas pelos informantes

Pudemos verificar em toda a extensão dos textos analisados que ocorre com grande freqüência a utilização de diversos mecanismos elaboradores da fala, dentre os quais podemos destacar: as correções, as repetições e as paráfrases.

Comparando os textos falados com os escritos, notamos que não existe igualdade total de conteúdo, porém as histórias são as mesmas. Percebemos, também, que, mesmo conhecendo as duas modalidades, cada informante utilizou a linguagem de maneira particular em sua produção.

Constatamos que, na maioria dos textos analisados, nossos informantes utilizaram construções típicas da escrita na fala, e também da oralidade na escrita. Embora a preocupação dos estudantes fosse articular corretamente a linguagem, eles acabaram por usar, cada um à sua maneira, escrita e fala de formas completamente independentes. Podemos observar isto em todo o *corpus* estudado, em diferentes produções individuais de fala e escrita, onde detectamos uma semelhança de resultados no contexto geral analisado, apontando as diferenças no processo de utilização de cada modalidade (escrita e fala).

## **2. O TEXTO ESCRITO E FALADO**

### **2.1. Conceito de texto:**

O conceito de texto nos quadros da lingüística textual varia conforme o autor e/ou a orientação teórica adotada.

Segundo KOCH (1997: 22):

o texto é uma manifestação verbal constituída de elementos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

É esta também a posição de SCHMIDT (1978: 170), para quem o texto é

qualquer expressão de um conjunto lingüístico numa atividade de comunicação - no âmbito de um jogo de atuação comunicativa - tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível.

A concepção de texto aqui apresentada mostra que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de interação. O texto possui uma pequena superfície exposta e uma imensa área subentendida.

Para se extrair um sentido do texto é necessário recorrer a vários sistemas de conhecimento e ativar processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Como podemos observar, a noção de texto pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas. Falamos ou escrevemos porque desejamos elaborar uma rede de significados com diversas funções, e com o objetivo de nos comunicarmos.

Nesse sentido, com objetivo de comunicação, quando fazemos o uso da língua, ao utilizarmos a escrita, procuramos objetividade em registrar aquilo que queremos passar para os nossos leitores e, ao utilizarmos a fala, recorremos ainda aos recursos paralingüísticos que são comuns nos enunciados, para melhores esclarecimentos ou maior interação.

## 2.2. A Fala e a Escrita

Fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem do mesmo sistema lingüístico, elas possuem características próprias.

Segundo MARCUSCHI (1995) e KOCH (1992), não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma *dicotômica*, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje.

Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico

em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial. É MARCUSCHI (1995: 13) quem escreve: “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.”

HALLIDAY (apud KOCH, 1997: 61) postula que,

enquanto o texto escrito possui maior densidade lexical, o texto falado, ao contrário do que se costuma afirmar, possui maior complexidade sintática. Dessa forma, fala e escrita apresentam tipos de complexidade diferentes.

O que podemos observar é que muitos textos escritos se aproximam mais da fala conversacional. São os casos dos bilhetes, das cartas familiares e dos textos de humor, porque trazem uma linguagem peculiar, cotidiana. E, em alguns textos falados podemos notar proximidades da escrita formal, no caso das conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros.

Há ainda os tipos mistos, em que fala e escrita se confundem e outros tipos intermediários.

Com base nos relatos acima, é que se estabeleceram algumas diferenças entre fala e escrita. Citaremos algumas dentre as mais mencionadas:

FALA	ESCRITA
Contextualizada.	Descontextualizada
Implícita.	Explícita.
Redundante.	Condensada.
Não-planejada.	Planejada.
Fragmentada.	Não-fragmentada.
Incompleta.	Completa.
Pouco elaborada.	Elaborada.
Pouca densidade informacional.	Densidade informacional.
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas.	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante.
Pequena frequência de passivas.	Emprego freqüente de passivas.
Poucas nominalizações.	Abundância de nominalizações.

Devemos observar que nem sempre essas características são específicas de uma ou de outra modalidade, tendo em vista que a gramática é projetada para a escrita, o que leva muitas vezes a uma visão preconceituosa da fala.

Segundo KOCH (1992), a fala possui características próprias:

1 – É relativamente não-planejável, de antemão, por sua natureza altamente interacional; necessita ser localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada a cada novo “lance” do jogo da linguagem;

2 – O texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “pôr a nu” o próprio processo da sua construção;

3 – O fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional.

4 – O texto falado apresenta, pois, uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua;

5 – A escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto dinâmica.

Observemos que no texto falado o planejamento ocorre juntamente com a fala, porque há necessidade de interação, esclarecimento. Por isso a sua correção é simultânea.

O falante precisa ser claro; o seu discurso tem que ser compreendido. Para que isso ocorra, então, muitas vezes ele faz interrupções, retoma alguns pontos e tenta explicar, corrigir ou modificar, para que haja interação. Nesse sentido é que podemos observar os reflexos da escrita na oralidade.

Sabemos que um texto escrito apresenta os seus resultados prontos, já elaborados, corrigidos, enquanto que a fala, por ser momentânea, nela o falante necessita de muitos recursos para se fazer claro. Aí entram as correções, as repetições, as paráfrases, os reparos, todos esses recursos que, embora quebrem a seqüência do assunto, também o fazem tornar-se mais objetivo.

HALLIDAY (apud KOCH, 1997: 63) capta bem essa diferença, utilizando a metáfora do quadro e do filme.

Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página – por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele acontece, viajando através do ar – por trás dele é como se existisse não um quadro, mas um filme.

TERRA (1997) postula que a linguagem falada é bastante utilizada em relação à escrita, porém as gramáticas tradicionais sempre se baseiam nesta, por considerarem que ela seja mais permanente que aquela. Segundo ele, basta lembrar o que diziam os antigos ro-

manos: “*verba volant, scripta manent*”, isto é, as palavras voam, aquilo que está escrito permanece.

SAUSSURE, (1995: 35-36), afirma:

Mas como se explica tal prestígio da escrita?

1º Primeiramente, a imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido, mais adequado do que língua através dos tempos.(...)

2º Na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas e duradouras que as impressões acústicas; dessarte, eles se apegam, de preferência às primeiras. A imagem gráfica acaba por impor-se à custa do som.

3º A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. Possui seus dicionários, suas gramáticas; é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; a língua aparece regulamentada por um código; ora, tal código é ele próprio uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso: a ortografia, e eis o que confere à escrita uma importância primordial. Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural.

4º Por fim, quando existe desacordo entre a língua e a ortografia, o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o lingüista; mas como este não tem voz em capítulo, a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade; a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem de direito.” (Grifo nosso)

Sabemos que uma língua vive na fala das pessoas e aí se realiza. Por isso, a vida de uma língua está na fala, porque é através desta que os indivíduos se comunicam. Mesmo assim, até a escola gira em torno da escrita, porque há uma preocupação em ensinar a norma lingüística padrão, motivo pelo qual a gramática é voltada para a escrita, mesmo quando trata de questões tipicamente orais, ou seja, questões da fala.

Muitas vezes a escola ensina a ler e a escrever, não considerando o conhecimento prévio e a formação oral já existente na concepção de linguagem do aluno. Por isso em alguns casos a escola acaba por limitar e até excluir o próprio aluno de seu contexto (o da escola):

Conforme MATENCIO (1994: 15-16),

Mas a vida está dentro e fora da escola! E frequentemente o aprendizado do aluno fora dos limites da instituição escolar lhe é muito mais motivador, pois a linguagem da escola nem sempre é a do aluno. A escola que **exclui** porque não consegue atender toda a clientela; **limita** porque são péssimas as condições de trabalho e de formação dos professores; **reduz** porque a norma culta padrão é a única variante aceita, e os mecanismos de naturalização dessa ordem da linguagem são apagados.” (Grifo nosso).

A fala pertence exclusivamente a cada indivíduo que a utiliza. É o aspecto individual da linguagem humana. Cada falante tem o domínio da língua que fala e, em decorrência disso, pode usá-la como bem lhe aprouver, dentro das regras preestabelecidas pelo contrato coletivo ajustado com os demais falantes.

OSAKABE (*apud* Geraldi et *alli*, 1997: 123) defende que

‘do ponto de vista de sua aprendizagem, a língua escrita e a língua oral apresentam dificuldades de natureza distinta. (...) A escrita atua como complemento da oralidade, cumprindo certas atribuições que se situam além das propriedades inerentes a esta.’ Além disso, ‘mediatizada por estratégias mais tensas e sistemáticas de aprendizagem, a escrita achou-se e acha-se profundamente marcada pela sua assimilação por parte de camadas sociais que, por condições de privilégio, mais a manipulam (...). Ela guarda, não por essência, mas por razões estratégicas, marcas dessas mesmas camadas.’

A partir daí podemos perceber a relação da escrita com o social, considerando-se que saber escrever é ascender socialmente. Já nos textos produzidos na escola, geralmente o estudante preocupa-se em não fugir das formalidades da escrita, procurando passar os seus conhecimentos nessa produção, porém sabemos que na fala ele usa recursos próprios da língua falada, como a mímica, a entoação, a ênfase. Mas quando a sua competência textual é insuficiente para escrever, ele acaba, de forma inconsciente, fazendo uso de construções típicas da oralidade.

### 3. ANÁLISE DOS MECANISMOS DE ELABORAÇÃO DA FALA

No momento das gravações procuramos deixar os informantes à vontade, para que pudessem falar de uma maneira tranqüila. Mesmo assim percebemos que, principalmente no início, eles apresentaram dificuldades. Por isso, em alguns casos, foi necessário parar, dar um tempo, para que retomassem novamente a fala e continuassem, então, a contar suas histórias.

Na maioria dos textos analisados podemos perceber que os textos falados ocuparam um espaço menor, porque foram transcritos

de maneira compacta, isto é, não possuem parágrafos nem outras pontuações específicas da escrita, tais como: vírgulas, pontos, etc. Embora estejam repletos de repetições, hesitações, correções, prolongamentos, que são mecanismos comuns na fala, estão separados apenas pelas pausas, enquanto que os textos escritos seguem as normas de pontuação e a estrutura gramatical da língua escrita. Por isso ocuparam um maior espaço na sua transcrição.

A seguir apresentaremos o *corpus* deste trabalho que é constituído por **textos falados** (A) e **escritos** (B) de cada informante.

### TEXTO Nº 1

#### O feitiço vira contra o feiticeiro

##### Versão A:

- 1            Numa manhã comum... normal como qualquer outra... saiu o cachorro e/ saiu o cachorro e seu dono para passear... compraram pão e jornal... como sempre..... em uma manhã seca e árida... du/ de verão... saíram um cachorro e seu dono... pra sai/ pro seu passeio matinal... compraram pão e jornal... estavam muito tranquilos... quando éh::/ quando de repente encontraram um::... açogueiro... passaram por um açogueiro... que estava cuidando... do produto de su/ da sua sobrevivência... onde... o cachorro foi até o açogueiro... querendo um pouco de carne para si... e o açogueiro é... o açogueiro... brigou... não gostou... e foi... fala prô/... e foi afastar o cachô/ o cachorro... enquanto todos... pensavam que o cachorro... queria morder o açogueiro para pegar a carne... na verdade... o açogueiro é que bateu... e machucou o cachorro... que ficou aos berros... gritando em um beco e seu dono procurava... éh::... e seu dono procurava... o cachorro e não encontrava... e quando encontrou... viu o cachorro... perdido... num beco... jogado... sangrando... e o açogueiro... em vez de prestar socorros... sumiu.

##### Versão B:

- 1            Em uma manhã seca e árida, um homem e seu melhor amigo cão, saíram à rua para seu passeio matinal.  
Tudo estava tranquilo, como sempre compraram pão e jornal.  
Mas sem que seu dono percebesse, o cão correu, seguiu um homem, um açogueiro, que cuidava do produto de sua sobrevivência. Todos pensaram que o, “pobre homem”, seria molestado, porém em defesa de seu trabalho, o homem fez o inesperado, pobre cão, fora obrigado da maneira mais cruel a aprender que não se deve mexer no que não lhe pertence.  
Enquanto o dono do cão preocupado, procurava seu bicho de estimação  
10          olhando por todo canto e todo lado, o animal encontrava-se aos berros jogado em um beco, o açogueiro tinha sumido.

(Meriele, 16 anos, 2º ano, 2º grau).

TEXTO Nº 2

A vida

Versão A:

- 1 tudo começou num sábado... eu com meu pai trabalhávamos numa construção... num sobrado que nós tamos fazendo pra nós mesmos... quando era mais ou menos déis horas da manhã... meu pai subiu no andaime ih:... estávamos fazendo a caxaria das vigas para pôr laje... ih:... e ao segurar a tá-bua... ele me chamou para ir ajudá ele... mas quando eu cheguei na escada 5 prá subi no andaime junto com ele... eu escuto um estrondo ih:... quando eu olho para trás eu vejo meu pai caindo... e junto... e as tábuas do andaime caindo em cima do pé dele ih:... fiquei até meio bobo na hora... mas nunca tinha visto aquilo acontecer de perto... ainda mais com parente meu... meu 10 pai gritando de dor me chamou prá tirar seu sapato... mas ele com muita experiência de vida sabia que a... na hora que o sangue esfriasse ele não ia conseguir tirar a bota... então... corri lá e tirei a bota dele... ih:... ele imediatamente começou a chamar a minha mãe porque nós moramos no fundo e aí: a 15 minha mãe veio e nós levamos ele lá para dentro de casa..... e aí ela tão desesperada começou a puxar o pé do meu pai... massagear... fazer de tudo... para ver se havia apenas des/ destroncado mas meu pai não parava de gemer de dor... então minha mãe dispensou a ajuda dos vizinhos porque na hora do 20 estrondo todo mundo veio à minha casa para ver o que tinha acontecido... aí eu... aí nós decidimos levá ele ao pronto socorro... chegando lá transferiram ele para o hospital de Sarandi... pois lá... não havia vaga... e lá no hospital de Sarandi os médicos cons/ constataram que ele havia quebrado o pé..... ih:... o médico ainda quis assustar minha mãe porque disse que fez o que/ que fez o que pôde depois da cirurgia toda né... fez o que pôde e não e/ e que ele não ia andar mais como uma pessoa normal né... ele ia ficar mancando a vida in- 25 teira... mas o susto naquele dia foi tão grande que nem fome senti logo eu... na minha idade na adolescência... havia de sentir muita fome... mas naquele dia... só conseguia sentir tristeza dentro de mim... então minha mãe e eu... com muita fé... rezamos por ele... e após... ele ter saído do hospital ele ficou engessado seis meses... e graças a Deus... hoje ele anda normalmente... não 30 ficou com nenhUm defEito... nenhuma seqüEla... apesar das dores que ele sEnte quando o tempo muda para chuva... como diz ele né... mas fora i/ fora isso ele/ ele tá/ ele tá bem... e o principal ele ainda continua o que mais gosta... continua fazendo o que mais gosta que é trabalhar... ih:... hoje passado três anos... do acontecimento... estamos quase terminando a nossa obra... e vi 35 que a vida é cheia de surpresas

Versão B:

- 1 Em um belo dia, mais precisamente no sábado, eu com meu pai,

trabalhávamos na construção ou seja um sobrado em que nós estávamos construindo para nós mesmos.

5 Quando era mais ou menos 10:00 horas, da manhã o inesperado acontece, meu pai subiu no andaime, pois estávamos fazendo a caixa-ria das vigas, para iniciar a colocação das lajes e ao segurar uma tábua, ele me chama para ir ajudá-lo, mas quando eu cheguei à escada para subir, escuto um estrondo e imediatamente olho para trás para ver o que havia acontecido e por minha surpresa, vi meu pai caindo no chão e todas aquelas tábuas caindo sobre seu pé. Fiquei meio bobo na hora, pois nunca tinha visto isto acontecer de tão perto e ainda por cima com um parente meu.

10 Meu pai gritando de dor me chamou para tirar seu sapato, pois ele com muita experiência de vida, sabia que quando o sangue esfriasse ele não conseguiria tirar o sapato. Eu desesperado tirei e comecei então a chamar pela minha mãe, pois nós moramos no fundo, ela veio correndo e no mesmo instante os vizinhos chegaram para ver o que tinha acontecido, para prestar socorro. Eu e minha mãe levamos meu pai para casa e então ela começou a puxar o pé do meu pai, massagear, fazia de tudo para ver se havia destroncado, mas meu pai não parava de gemer de dor.

15 Então minha mãe dispensou a ajuda dos vizinhos e decidiu levá-lo ao pronto socorro, com nosso próprio carro, chegando lá, transferiram-o para o hospital de Sarandi, pois lá não havia vaga. Já no hospital de Sarandi, os médicos constataram que meu pai havia quebrado o pé, então o médico falou para a minha mãe que fez o que pôde e que meu pai não iria andar mais como uma pessoa comum, ele ficaria mancando a vida inteira.

20 Naquele dia o susto foi tão grande que nem fome senti, mas sentia uma tristeza imensa dentro do meu coração.

30 Então minha mãe e eu com muita fé, rezamos por ele. Após isso, ele ficou engessado por 6 meses e graças a Deus, ele anda normalmente, não ficou com nenhum defeito, apesar das dores que ele sente, quando o tempo muda para chuva, mas fora isso está tudo bem e o principal ainda continua fazendo o que mais gosta “trabalhar”. Hoje passado três anos do acontecimento estamos quase terminando a nossa obra e vi que a vida é cheia de surpresas.

(Elissandro, 17 anos, 3º ano, 2º grau).

### TEXTO Nº 3

#### A lebre e a tartaruga

##### Versão A:

1 num bosque encantado há muito tempo vivia uma lebre muito/ muito convencida... ela ganhava fácil fácil todas as corridas... e vivia contando vantagem... e os outros bichos já estavam cansados né... de ouvir... ( ) os outros bichos concordavam... que ela era mais rápida mas todos já estavam cansados de ouvir ela cantando vantagem... sobre suas corridas... uma tarde uma tartaruga que já estava cansada de ouvir ela cantando vantagem disse... “você

- é muito veloz... mas:: eu aposto que... você não consegue::... fazer um trajeto mais longo... eu ganho de você”... daí a tartaruga rolou no chão... de tanto rir... e falou a ela... “você dona tartaruga... perdeu o juízo”... ela falou “sim... quero apostar”..... daí a lebre rolou... no chão de tanto rir... e disse para a tartaruga... “você dona tartaruga... ganhar de mim... perdeu o juízo”... aí a tartaruga falou... “quero apostar”..... e a aposta foi feita... o trajeto foi acertado... realmente era muito longo... mas a tartaruga assim... não tava com medo... ela já tinha combinado com as outras tartarugas... pra cada uma correr um pedacinho... aí no dia do trajeto... a lebre já tava cantando vantagem de novo... com a tartaruga... ( ) no dia da partida antes deles saírem a lebre pegou e disse... “é melhor você correr... eu só vou ficar esperando dois dias na linha de chegada”... eles partiram... a lebre... levantou poeira/ a lebre saiu levantando poeira... deixando a tartaruga para trás... mas ela nem se incomodou... porque né... as tar/ as outras tartarugas já estavam lá..... a éh... a lebre parava... para descansar e também para namorar as coelhinhas em cada lugar que viviam... até que numa curva ele viu a lé/ a tartaruga... daí ele pen/ ele pensou com ele mesmo... até que ela corre bem né... mas daí ele saiu correndo e conseguiu ultrapassá-la... aí numa outra curva ele viu a tartaruga de novo... aí ele correu... e foi/ e conseguiu ultrapassá-la... isso foi ocorrendo ao trajeto todo... daí quando ela parou para namorar mais uma vez a... coelhinha... uma/ a tartaruga verdadeira ajudada pelos outros animais... passou por um atalho e ficou pertinho da rota final né... daí a lebre quando chegou na linha/ perto lá da linha de chegada... ela viu a tartaruga... começou acelerar... acelerar... daí mas a tartaruga ganhou e a lebre muito humilhada... de uma derrota... éh::... prometeu que nunca mais ia sair provocando os outros bichos

#### Versão B:

- 1 Em um bosque encantado, há muito tempo, vivia uma lebre muito convencida.
- 5 Ela ganhava fácil, fácil todas as corridas contra os outros bichos do bosque e ficava contando vantagem durante dias e dias, cada vez aumentando mais a sua vitória.
- Os outros bichos concordavam que ela era a mais rápida, mas todos já estavam cansados de ouvir a lebre contando vantagem.
- 10 Uma tarde, a tartaruga, que já estava cansada da conversa mole da lebre disse:
- Você é muito veloz, mas aposto que, em uma corrida mais longa, até eu ganho de você.
- 15 A lebre rolou no chão de tanto rir.
- Você? Dona tartaruga ganhar de mim? Perdeu o juízo?
- Quer apostar? - revidou a tartaruga.
- E a aposta foi feita.
- 20 O trajeto foi acertado. Realmente era muito longo, mas a lebre já estava cantando vantagem de novo. Quando eles se encontraram para dar a saí-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

da, a lebre disse:

- É melhor correr. Eu só vou esperar 2 dias na linha de chegada.

25 E eles partiram. A lebre saiu levantando poeira e deixando para trás a tartaruga, que nem se incomodou. Ela tinha combinado com todas as tartarugas do bosque que cada uma ia correr um pedacinho da corrida no lugar dela.

A lebre que não sabia do truque, da tartaruga, ia correndo na frente, despreocupada, namorando todas as coelhinhas que via no caminho.

30 Até que, ao fazer uma curva, viu lá na frente a tartaruga (nós sabemos que era outra tartaruga, mas ela não).

“Até que ela correu bem. Deve ter passado à frente quando eu estava distraída”, pensou a lebre.

35 Mas era fácil ultrapassá-la, começou a acelerar e passou correndo por ela.

Até que, em outra curva, lá estava a tartaruga de novo. E mais uma vez ela correu para ultrapassá-la. Isso continuou por todo o trajeto.

40 A verdadeira tartaruga, ajudada por outros animais, foi por um atalho e chegou bem perto da rota final.

A lebre quando alcançou a reta, viu a tartaruga quase cruzando a linha de chegada. Correu o mais que pode, mas a tartaruga ganhou.

Muito humilhada com a derrota, a lebre prometeu a todos que nunca mais ficaria provocando os outros bichos.

(Nemara, 14 anos, 8ª série).

No texto falado- versão A-, nossa informante nº 1, mostra tudo aquilo que esperamos desse tipo de texto. Bastante típico, difere da versão escrita; é um texto pequeno, e, em relação ao escrito, apresenta menor densidade porque está repleto dos mecanismos da fala. Ela começa a história e, já na terceira linha, após uma pausa prolongada, a reinicia, repetindo tudo o que já havia dito. Utiliza esse mecanismo como forma de localizar-se e monitorar o seu discurso.

O texto B - versão escrita- apresenta uma linguagem simples e difere do texto falado porque é mais condensado. A versão oral é mais esclarecedora. Quanto ao que houve com o cachorro, a versão escrita não traz uma explicação suficiente para que se entenda o que aconteceu.

Conforme se pode observar nas transcrições dos textos falados, na oralidade, o fluxo de informação pode se desenvolver de modo contínuo e rápido. Pode, também, apresentar-se de forma truncada, dando origem à descontinuidade e a um ritmo fragmentado da progressão temática.

Esses casos de descontinuidade configuram o fenômeno da

ruptura, considerada, segundo KOCH et alii (1990: 146), “*como um dos processos de demarcação de unidades discursivas na seqüência de informações.*”

As **interrupções definitivas** e as **suspensões momentâneas do tema** são características próprias da linguagem falada. Inversamente, a escrita mostra apenas o resultado elaborado.

Para facilitar a compreensão do texto falado, os interlocutores criam situações que geram desordenação ou desarticulação no sistema sintático oral, o que leva ao emprego, de maneira significativa, da redundância.

Para fazer referências às características da linguagem oral dialogada, é necessário remeter-se às regras de planejamento que sustentam esse tipo de linguagem.

Segundo OCHS (apud KOCH et alii, 1990: 148),

...o discurso não planejado é aquele sem reflexões prévias e preparação organizacional anterior à sua expressão, e o discurso planejado é aquele pensado, projetado antes de sua manifestação. Aponta tendência da escrita para ao planejado e da oralidade para o não planejado, pela diferença de situação em que um e outro se desenvolvem. Assim, uma conversação espontânea é relativamente não planejável, é administrada passo a passo. Quando o locutor constrói sua fala esta tem conseqüências diretas na fala de seu interlocutor, gerando monitoramento recíproco e influenciando diretamente no fluxo de informações.

Como mecanismos de elaboração da fala, podemos citar as **pausas e hesitações**, as **correções**, as **inserções** e a **reconstrução**. Esses mecanismos provocam uma descontinuidade na progressão temática, porém sua utilização é necessária para facilitar a articulação e a compreensão do texto falado.

Observando atentamente os textos 1.A , 2.A e 3.A , podem-se detectar os mecanismos mais comumente usados pelos falantes.

### 3.1. As pausas e as hesitações<sup>18</sup>

São organizadores importantes na efetivação da linguagem porque marcam os momentos de sua elaboração e planejamento. As

---

<sup>18</sup> (Nota do editor): A formatação que o autor preparou não pôde ser aproveitada nessa edição. Por isso, as referências às “linhas” não coincidem sempre, pelo que pedimos atenção especial do leitor.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

hesitações, ou pausas, preenchidas dão tempo ao falante de se preparar e monitorar a sua fala. Geralmente aparecem como reduplicações de artigos, de conjunções, ou mesmo de sons não lexicados, como *ah ah*, ou *ah:: eh::* e outros. Às vezes funcionam para o ouvinte como um pedido de socorro. Para ilustrar, observamos algumas ocorrências nos textos transcritos.

### Texto 1. A.:

Hesitações:

Na linha 4 :

... quando éh::/ quando de repente...

Nas linhas 9 e 10:

... e seu dono procurava... éh::... e seu dono procurava...

### Texto 2.A.:

- Hesitações:

Na linha 3 :

... ih::...estávamos fazendo a caxaria...

Na linha 5 :

... eu escuto um estrondo ih::...

Nas linhas 16 e 17:

... ele havia quebrado o pé..... ih::... o médico...

Na linha 26:

... trabalhar... ih::... hoje passado três anos...

### Texto 3.A.:

Hesitações:

Na linha 17:

... já estavam lá..... a éh::... a lebre parava...

Nas linhas 25 e 26 :

... de uma derrota... éh::... prometeu que nunca mais ia sair...

### 3.2. As correções

Sabemos que, ao escrevermos, dispomos de tempo para pensarmos e, conseqüentemente, planejamos aquilo que desejamos escrever e ainda dispomos de materiais para retificarmos quando erramos. Por isso, quando apresentamos um texto escrito, ele já está pronto, passado a limpo. É o resultado polido da nossa produção. Na fala, não há essa possibilidade, porque ela se apresenta explícita no momento de sua realização e tudo o que se fizer é definitivo. Por isso é que o falante tem necessidade de fazer correções, para apresentar o seu discurso de maneira compreensível, para se fazer entender, tornando claro aquilo que diz. A correção funciona como um processo de edição da fala.

Existem vários tipos de correções, porém a que veremos é a autocorreção auto-iniciada, de iniciativa própria do falante, logo após a sua falha.

#### Texto 1.A.:

- Correções:

Nas linhas 2 e 3:

... du/ de verão...

Na linha 3 :

... pra saí/ pro seu passeio matinal...

Nas linhas 4 e 5:

... encontraram um::... açogueiro...

... passaram por um açogueiro.

Na linha 5 :

... do produto de su/ da sua sobrevivência...

Na linha 7 :

... e foi falá prô/... e foi afastar o cachô/ o cachorro...

#### Texto 2.A.:

- Correções:

Nas linhas 1 e 2 :

... numa construção... num sobrado que nós tamos fazendo pra nós mesmos...

Na linha 14 :

... aí eu... aí nós decidimos...

Texto 3.A.:

- Correções:

Nas linhas 7, 8 e 9 :

... daí a tartaruga rolou no chão... de tanto rir...

... daí a lebre rolou... no chão de tanto rir...

Nas linhas 15 e 16 :

... a lebre... levantou poeira/ a lebre saiu levantando poeira...

Na linha 17:

... as tar/ as outras tartarugas...

Nas linhas 17 e 18 :

.. a lé/ a tartaruga...

Na linha 22 :

... uma/ a tartaruga...

### 3.3. As inserções

Manifestam-se no discurso por meio de frases hóspedes que interrompem a seqüência sintática da frase, mas com propósito defnitivo de comunicação, como: contato, esclarecimentos, citações, atenuações, ressalvas, indicações atitudinais modais e avaliações. A seguir veremos algumas inserções feitas por nossos informantes, com intenção de esclarecimento.

Texto 2.A.:

Nas linhas 1 e 2 :

... num sobrado que nós tamos fazendo pra nós mesmos...

Na linha 3 :

... estávamos fazendo a caxaria das vigas para pôr laje...

Nas linhas 13 e 14 :

... porque na hora do estrondo todo mundo veio à minha casa para ver o que tinha acontecido...

Texto 3.A.:

Na linha 13 :

... a lebre já tava cantando vantagem de novo... com a tartaruga...

### 3.4. A reconstrução

É outro fenômeno que interfere no curso contínuo da progressão temática, provocando retenção do ritmo de escoamento da informação. Dá-se por meio de mecanismos de **repetição** ou **adjunção**.

A seguir, apresentaremos alguns tipos de reconstrução bastante utilizados: a **repetição** e a **paráfrase**.

#### 3.4.1. A repetição

A **repetição** engloba desde a repetição sem variação até a com variação maior ou menor da forma, onde se encontram as paráfrases, podendo haver um auto ou heterocondicionamento. As repetições podem ser imediatas ou posteriores ao termo reconstruído. O falante recorre com muita frequência a esse tipo de reconstrução, pois através dela procura reforçar aquilo que disse, tentando ser claro, ou seja, buscando uma melhor interação. Através da repetição o falante monitora o seu discurso.

Texto 1.A.:

- Repetições:

Na linha 1 :

... saiu o cachorro e/ saiu o cachorro e seu dono...

Nas linhas 6 e 7 :

... e o açogueiro é... o açogueiro...

Texto 2.A.:

- Repetições:

Na linha 17 :

... porque disse que fez o que/ que fez o que pôde...

Nas linhas 24 e 25 :

... mas fora i/ fora isso ele/ ele tá/ ele tá bem...

(Nesse trecho há um truncamento e as repetições são precedidas de hesitações).

Texto 3.A.:

- Repetições:

Na linha 1:

... muito/ muito convencida...

Nas linhas 11 e 12 :

... ela já tinha tinha combinado...

Nas linhas 24 e 25 :

... começou acelerar... acelerar...

#### 3.4.2. A paráfrase

A **paráfrase** envolve “o grau mais elevado de reformulação no processo de recorrência de uma informação.” (FUCHS, apud KOCH et alii, 1990: 166). Através dela, o locutor restaura o conteúdo de um texto. “A paráfrase oscila entre a reprodução pura e simples do conteúdo e sua deformação.” (idem, p. 166)

A **paráfrase**, inversamente às **correções**, não exclui o termo parafraseado, mas o apresenta restaurado. Por isso, normalmente, assume extensões maiores. Ela retoma, em parte, ou no todo, o conteúdo de um enunciado, expressando uma idéia igual ou semelhante a este. O falante também a usa a fim de ser melhor compreendido por seu interlocutor.

Todos os mecanismos que envolvem o fluxo de informações são meios encontrados pelo falante para tornar o seu discurso compreensível. Ele ainda pode utilizar os recursos paralingüísticos a fim de obter uma maior interação, enquanto fala.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Por isso consideramos importante o estudo de tais mecanismos, pois é através deles que conseguimos entender como a fala se processa no discurso.

Texto 1.A.:

- Paráfrase:

Na linha 1 :

Numa manhã comum... normal como qualquer outra...

Texto 2.A :

Paráfrases:

Nas linhas 11 e 12 :

... começou a puxar o pé do meu pai... massagear... fazer de tudo...

Nas linhas 18 e 19 :

... não ia andar mais como uma pessoa normal... ele ia ficar mancando a vida inteira...

Texto 3.A:

- Paráfrases:

Nas linhas 2, 3 e 4 :

... e os outros bichos estavam cansados né... de ouvir...

... mas todos já estavam cansados de ouvir... (paráfrase).

Nas linhas 23 e 24 :

... daí a lebre quando chegou na linha/ perto lá da linha de chegada...

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

## OS NOMES PRÓPRIOS NA SOCIEDADE FLUMINENSE

*Maria Lucia Mexias Simon (USS/UVA)*

*Célia Regina Costa Corrêa e Castro (USS)*

*Helenice Villela da Costa (USS)*

O presente relato faz parte de trabalho maior, onde se procuraram possíveis motivações na escolha, por parte dos pais, dos nomes dos filhos, assim como as tendências do "gosto" e do "modismo". Fizemos pesquisa na Paróquia de N. Sra. da Conceição no município de Paty do Alferes, nos anos de 1918, 1938, 1948 e 1958; na Paróquia de Mendes, no ano de 1928 e na Paróquia de Santa Rita, município de Vassouras nos anos de 1968 e 1972. Os municípios visitados são vizinhos, tendo, até a alguns anos atrás, constituído um só município. Como a pesquisa, na verdade, iniciou-se em 1998, contamos oitenta anos para trás, uma geração; ficou o último intervalo menor que os outros, considerando-se que nos últimos anos aceleraram-se os fatores de mudança da sociedade em geral. Deixamos, aqui de citar os nomes coletados, por ser a relação muito extensa. Apresentaremos as primeiras observações realizadas, a saber:

### ANO DE 1918

Nota-se forte influência religiosa já que os nomes com maior incidência (mais de cinco) são os nomes de santos de grande devoção popular:

Antônio – 33 ocorrências;	Francisco – 9 ocorrências;
João – 15 ocorrências;	Joaquim – 7 ocorrências;
José – 31 ocorrências;	Luiz – 10 ocorrências;
Manoel – 32 ocorrências;	Mário – 7 ocorrências;
Pedro – 10 ocorrências;	Sebastião – 19 ocorrências;
Maria – 43 ocorrências + 8 ocorrências nos compostos + 43 invocações de Nossa Senhora	

Não é grande o número de nomes fugindo ao sistema fonológico e ortográfico brasileiro; Franklin, Hylyto, Ivanhoe, Jones, Lafayette, Lindorf, Norbert, Nelson, Waldonier, Welson. Em alguns casos, tomou-se para pré-nome o que, em sua língua original é sobrenome, pelo pouco uso, no Brasil, de tratarem-se as pessoas pelo so-

brenome.

Os nomes que se poderiam dizer patrióticos extraídos de línguas indígenas, são em pequeno número: Iracema (embora anagramático), Juracy, Jurema

Os nomes de personagens históricos, ou mitológicos, aparecem, mas não em quantidade expressiva: Alexandre, Alfredo, Anníbal, Archimedes, Arthur, Aroldo, Cícero, Euclides, Franklin, Heitor, Herculano, Lafayette, Quintiliano. Não se deve, aqui, esperar motivação inspirada no personagem histórico; é possível que a escolha seja feita com base na eufonia (ou disfonia ?), ou em homenagem a outra pessoa.

Os nomes de nítida inspiração bíblica também aparecem: Abel, Benjamina (?), Daniel, Davíd, Judith, Rachel, Melchides, Natanael, Raphael, Ruth.

É freqüente a oscilação de grafia: Luís / Luiz, Rosa / Roza.

Estamos conscientes de que taxar um antropônimo de estrangeiro é, também, uma questão de mais cedo ou mais tarde, de maior ou menor assimilação fônica e gráfica. Sabemos que os nomes migram. Com a invasão dos bárbaros, a Península Ibérica recebeu antropônimos germânicos, hoje totalmente tidos como portugueses. O mesmo ocorreu, em menor quantidade, com nomes árabes e eslavos.

Porém, o que vem confirmar fortemente as palavras de Umberto Eco<sup>19</sup> é o grande número de nomes claramente fabricados, ou, em outra hipótese, com falha de audição e / ou pronúncia e, conseqüentemente, de grafia: Adalice, Adalmiro, Alacides, Aldemira, Algemir, Algesira, Almerita, Alvany, Anestilde, Annaides, Arizá, Ascendina, Aurino, Brandina, Delvira, Donaria, Dorcellina, Eddevin, Enedito, Eracina, Erasto, Erotildes, Flausina, Florisena, Florsina, Gracilina, Herlock, Horcilia, Inevelino, Irine, Janyra, Jocelina, Jony, Jone, Merendina, Nazaria, Olindina, Orcilia, Orcilio, Orzino, Reulinda, Ruterica, Valde, Welson, Zena. Nessa relação são de se supor nomes de irmãos, pela semelhança, e repetição de nomes de outras pessoas, por gosto, ou por homenagem.

Embora alguns dos nomes citados se afastem do sistema fo-

---

<sup>19</sup>Jamais cheguei a me sentir à vontade com os nomes próprios brasileiros. Desafiam qualquer dicionário onomástico e só existem naquele país. 1995, p. 157.

nológico do português, pode-se dizer que são, na maioria, familiares, ao menos ao soar; reconhecidamente, de origem árabe, aparece apenas, Jamile

Os nomes duplos não são muito comuns, predominando aqueles que se iniciam por Maria.

#### ANO DE 1928

Permanece a maior frequência entre os nomes de inspiração religiosa. Com cinco, ou mais incidências encontramos:

Antônio – 11;	João – 10;
José – 6;	Luis – 6;
Manuel – 6;	Maria (isoladamente) – 19;
Maria (nos compostos) – 5;	Sebastiana – 6;
Sebastião – 12 ocorrências.	Elsa – com 8 ocorrências.

Os nomes duplos não são comuns, encontrando-se apenas nos compostos com Maria e no original Norma Elisa (homenagem a familiares?). Também não ocorrem variantes gráficas, talvez por ser sempre o mesmo funcionário a fazer as anotações. Somente aparece a forma – Luis – com a grafia dita padrão. São numerosos os casos de emprego de y sobretudo quando é vogal tônica e nos nomes de aparência não da língua portuguesa. As formas Elio, Elena, Eloisa apontam tendência de um mesmo funcionário.

Os nomes totalmente estranhos ao nosso sistema fônico e gráfico também não são frequentes, registrando-se apenas: Aydée, Joe (com perda da noção de que se trata, na verdade, de um hipocorístico). As formas Odeth, Wilson Lucy, Geny, Edson, Walter, Miltom, Nelso (sic) não são mais sentidas como não brasileiras, tornaram-se muito usuais. Em alguns casos à adaptação fônica já se seguiu a adaptação gráfica, sem maiores dificuldades.

Os nomes de inspiração bíblica estão representados em: Abel, Adão, Dinah, Edith, Joel, Jonas, Rubem. Não se pode afirmar serem alguns homônimos de vultos históricos, literários ou mitológicos uma homenagem, simples questão de gosto, ou repetição de nome de pessoa mais próxima.

Comprovando a criatividade reinante no setor temos: Aliete, Chenair, Delania, Edyl, Everino, Genil, Ivolina, Josina, Lesi (Maria), Lourindo, Nilva, Oleta, Valdenira, Waldemira, Walderino.

ANO DE 1938

Nota-se maior pulverização, isto é, os únicos nomes com mais de vinte incidências são Maria e José. Não se leva em conta o número absoluto, porque a tendência normal é a de aumento de população.

Com mais de cinco incidências observa-se:

Antônio – 14 ocorrências;	Francisco – 8 ocorrências;
João – 8 ocorrências;	José – 34 ocorrências;
Luís / Luiz – 7 ocorrências;	Manoel – 13 ocorrências;
Maria – 21 + 26 invocações a N. Sra.;	Maria José – 6 ocorrências;
Nadir – 7 ocorrências;	Pedro – 8 ocorrências;
Sebastião – 18 ocorrências;	

Permanece a tendência a escolher nomes com inspiração religiosa.

Quanto aos nomes com grafia estranha ao sistema da língua portuguesa, em vigor na época, encontramos apenas: Shirley, com probabilidade de influência do cinema, e mais – Nilson e Nilton (com grafia aportuguesada) e também Nelson, Nely, Milton, Lucy, Wilson. Algumas dessas formas e mais – Ivan, Ivette, Valter, Waldemar já estão afeiçoadas, fonologicamente ao nosso sistema.

No setor de nomes “patrióticos” temos: Maurity, o anagrama Iracema e seu freqüente acompanhante, por paronomásia, Iraci, e mais Yara, Aracy, Juracy, Moacyr, com algumas variantes de grafia entre *i e y*

Na presente listagem, encontramos apenas – Agenor como nome de personagem histórico e / ou mitológico.

A oscilação de grafia, além da já mencionada, aparece nas formas Manoel / Manuel, Nilto, Nilso e Aparecida / Aparecida, sem nenhuma razão etimológica para a consoante dupla. A preferência por grafemas não muito usuais, consoantes duplas ou mudas pode ser uma questão de gosto, como pode ser homenagem a outra pessoa: Odethe/Odette; Tereza/Thereza; Herondina/Erondina.

A inspiração no Velho Testamento e nos Evangelhos aparece em: Anna, Benjamim. Josuel (?), Moysés, Nazareth (como nome simples), Barnabé, Dalila. David, Elias, Gabriel e Joe.

Nos nomes duplos, a grande maioria é de nomes formados

com Maria: 61 incidências com Maria em primeiro lugar e 8 incidências em segundo lugar. Em nomes masculinos, há apenas um José Maria. Aparece o exótico Lilá Maria, a forma Maculada Maria e, até, Mariasinha.

Abundam os exemplos dos nomes evidentemente fabricados: Alacrino, Alaur, Anelísia. Anidir, Arrudo, Atacir, Aujacira, Ayrce, Balba (forma anterior a Balbina?), Cedir, Delaney, Dorcelina, Edes, Eles, Elides, Elmídio, Elocy, Elzeario, Enicéa, Enil, Fífia, Flaeste, Halda (composto com – da Aparecida), Ilaider, Irenice, Isaira, Isordi, Jocelino, Jocilia, Jorcele, Vantmir, Juhair, Lauredir, Margariano, Margarina, Devanil, Elazir, Mille, Mauri, Risseolindo, Naide, Naldina, Nercidia, Nesilda, Odaildo, Odinéa, Olina, Onoel, Osair, Dinaly, Reolinda, Rodináh, Salmina, Sannes, Waldete, Waldíra, Onice, Zena, Zimir.

Aparecem adjetivos como nome próprio: Cisalpino, Vital e mais o nome de família Hernandez, como pré-nome.

Algumas dessas formas já apareceram em outra relação, o que faz crer em imitação ou homenagem. Outras formas são, evidentemente, variantes de grafia. Nos nomes mais longos, pode-se pensar em junção de sílabas extraídas de outros nomes, talvez parte do nome do pai, parte do nome da mãe. Os nomes semelhantes não são obrigatoriamente de gêmeos, já que o registro pode ser feito muito depois do nascimento, aproveitando-se a vez para registrar vários filhos.

#### ANO DE 1948

Ainda aumenta a pulverização com menor número de nomes de alta incidência. Esses, porém, são aproximadamente, sempre os mesmos, ao redor da motivação religiosa:

Antônio – 21 ocorrências;	Luís / Luiz e compostos – 10;
João – 16;	José e compostos – 39;
Jorge – 18;	Manuel / Manoel – 9;
Maria (nome simples) 14 ocorrências;	Maria como nome duplo – 48;
Maria com invocações de Nossa Senhora – 25 ocorrências	

Aumenta consideravelmente o número de nomes duplos aparecendo até triplos: Maria Manoela da Conceição e Alzira Maria da

Conceição. A forma – da Conceição aparece freqüentemente como segundo elemento. Trata-se da Paróquia de N. Sra. da Conceição, com tendência mais acentuada no ano em vista. Como nome duplo masculino, conta-se um Sidney Maria.

De nomes ainda não afeitos ao sistema fonológico e gráfico da língua portuguesa temos exemplo em – Georgette, Bernadette e Jeanette, já não causando estranheza.

O anagrama Iracema, com seu acompanhante Iraci, Piracema e Piraci (derivação regressiva ?) e mais Juraci, Jurema, Moacyr preenchem a cota dos brasileirismos.

A dupla grafia ainda está presente, até com formas inusuais: Altamiro / Altemiro; Clemilda / Cremilda; Dulcenéa / Dulcineia; Edenéia / Edinéa; Eunice / Eunicia; Odette ! Odete; Ruth / Rut. No setor de nomes bíblicos e mitológicos, encontramos Eva, Hely, Joel, Léa, Lucas, Miguel, Miriam, Esculápio e Homero.

Mais uma vez, a maior freqüência é a dos nomes inventados ou com forte variante fônica e/ou gráfica: Adair, Adenéria, Adicéa, Adirçon, Alcinéa, Altaídes, Anelina, Arandy, Aslecy, Atailda, Atair, Calminda, Civ, Clevelandio (sic), Darício, Dejaci, Delaide, Delço, Dirço, Dismar, Dorisvão, Elair, Esly, Gerval, Gisalda, Hermito, Inadil, Inelí, Irisney, Ivanilde, Jandir, Jones, Josumar, Laurdinéa, Liêda, Marinaldo, Mazir, Meriolanda, Niens, Onina, Orlamir, Protoleo, Renio, Renir, Rosena, Salemar, Solon, Sonoli, Uilson, Wilsonli, Zina e, mesmo, o diminutivo – Carminha.

Novamente, os nomes semelhantes nos chamam atenção: podem ser irmãos não obrigatoriamente gêmeos, como já foi dito. As formas criadas por junção de sílabas de outros nomes podem se repetir, perdida a noção de sua motivação.

#### ANO DE 1958

Carlos – 7, com os compostos; João – 18, com os compostos;

Jorge – 9 ; José – 18, com os compostos;

Luis – 9, com os compostos; Paulo – 11 ocorrências.

Maria – 2 como nome simples, 5 invocações de N. Sra. e 19 ocorrências com compostos, sempre femininos;

O número de incidências não traz novidades, mantendo-se a

inspiração religiosa:

Continua aumentando o número de nomes duplos e aparece um nome triplo: Alexandrina Sandra Inês.

No setor de nomes bíblicos e mitológicos aparecem: Eva, Gabriel, Gerson, Job, Josias, Moisés. Nem sempre os nomes bíblicos são conscientizados como tais; por vezes é apenas questão de preferência. Exemplo: Eva de Fátima.

Nos brasileirismos, temos três Iracema, duas Jandira e uma Juraci.

Como formas variantes, registram-se: Ademi / Ademir; curiosamente só há Luís assim grafado, na presente relação.

Nomes que não nos soam como portugueses são as formas Hidetashi (explica-se pela migração japonesa), Renan, Underberg (sic) e Wanderley, deixado pelos holandeses e tornado usual.

No setor da criatividade, podemos registrar: Alanir, Anagilda, Arcelene, Berceliomim, Clarecida, Erandir, Evani, Lauredy, Lisy, Ineide, Nelsy, Oelia, Valdair e Valkenedia.

#### ANO DE 1968

Nota-se um acentuado aumento na preferência pelos nomes duplos, com dois triplos: Tania Solenir de Fátima e Maria Sonia Aparecida. Assim, aparece alta incidência de nomes que “se dão bem com outros”. O campeão é Carlos, com 30 incidências, apenas duas como nome simples; seguem-se – Luís/Luiz, com 23 ocorrências; José, com 21 ocorrências; Antônio, com 11 ocorrências; João, com 23 ocorrências; Paulo, com 7 ocorrências; Jorge, com 5 ocorrências. Quanto aos nomes femininos, o campeão absoluto é Maria com 38 ocorrências e mais duas para nomes masculinos. Perdura o sentimento religioso, mantendo-se os nomes dos santos populares. A devoção até mesmo se soma em Aparecida de Fátima, Rita de Fátima.

Com o grande número de nomes duplos, o espectro diminuiu consideravelmente, tornando-se, os nomes, combinações de uns poucos, preferenciais, fazendo lembrar o sistema da Roma Antiga.

Os brasileirismos, ao que se vê, não estavam na moda, à exceção de Janaina, mais africanismo que indianismo. Da mesma forma, nota-se a ausência de nomes de personagens históricos, contan-

do-se apenas com Julio Cesar, Marco Antonio e Joana d'Arque (sic) e, talvez, Keney. No setor bíblico e mitológico, observamos somente: Aladim, Elias, Edem, Josias, Laerte, Moisés e Salomé (para homem, em nome composto).

Continua ocorrendo a dupla grafia: Cátia/ Katia; Marineti/ Marinete; Luís/ Luiz; Rosemari/ Rosemary/ Rosemere/ Rosemeri/ Rosimeri.

Nomes estranhos à grafia portuguesa, com nítida preferência pelo “estrangeiro”, também nessa relação são poucos: Bianca, Cláussem, Hamiltom, Hudson, Edson, Liliane, Mary, Niltom, Sancler, Shirlei, Simone, Wanderlei e Wilson. Para a maioria desses nomes, não há mais consciência de que sejam importados, por se terem tornados muitos usuais.

Quanto à relação de nomes inventados pelo doador, ou, copiados, sem nenhuma etimologia, ao menos que se saiba, encontramos: Alanil, Alcimar, Aldecir, Silena, Claudenir, Danilson, Dicéa, Divinéa, Drali, Edimilso, Ezilma, Faurião, Gilama, Idevone, Inete, Ivonete, Josemar, Juciara, Lucimar, Hamilta, Marineti, Marzelo, Neri Leide (composto), Olazo, Otanil, Rosânia, Rosiná, Sanusa, Sideni, Sonitária, Vanuza (famosa cantora da época) e Waldecy. O fato de alguns nomes terminarem pela sílaba -mar, pode-se dever à junção do nome paterno ao -mar de Maria, do nome materno.

#### ANO DE 1972

Os nomes duplos constituem maioria na presente relação, com preferência por aqueles que já foram assinalados em 1968. Como já se viu, esse fato cria repetição de alguns nomes mais eufônicos, nos compostos.

Nota-se preferência por:

Alexandre – 9;	Ana – 24 apenas em compostos;
Carlos – 56, só em compostos;	Claudia – 5, mais 5 nos compostos;
Claudio/Cláudio – 11;	Jorge – 10;
José – 42, apenas 2 isoladamente;	Luís – 44, apenas 1 isoladamente;
Marcelo/Marcello – 12;	Marcia/Márcia – 19;
Marcio/Márcio – 16;	Paulo – 29 ocorrências;

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Roberto – 17 ocorrências; Rogério – 10 ocorrências;

Maria – 45, dessas 1 como nome simples, 44 nos compostos, com 11 Maria Aparecida

A tendência à escolha de nomes curtos, dissílabos surge juntamente com a preferência pelos compostos, combinações desses nomes. Notam-se alterações na moda. Aparecem, com frequência, nomes antes raros, como Cláudio, Márcio. A religiosidade faz-se presente, de maneira insólita; em por exemplo: Adriana Therezinha, Aguinalda Aparecida, Andréa Aparecida, Andrelúcia Aparecida. Adriana Aparecida, Aparecida de Fátima, Carla Aparecida, Conceição Aparecida, Cristiane Aparecida, Eudénice Aparecida, Gilzára de Fátima, Glória de Fátima, Glória Celeste, Jandiára Aparecida, Jorgina Aparecida, Litânia ( sic ) Aparecida, Luciana Goreti, Lurdes de Fátima, Miriam Aparecida, Palmira de Fátima, Rosilda Aparecida, Selma das Graças, Shirlei Aparecida, Simone Aparecida. Não se abre mão do direito à criatividade, mas não se deseja perder as bênçãos das protetoras, que podem mesmo aparecer mais de uma no mesmo nome.

Quanto a nomes de personagens históricos, só registramos três incidências de Wellington e um Silas, sem que se possa garantir o conhecimento da origem, além dos bastante popularizados, Alexandre, Julio César e Marco Antonio.

No setor de nomes bíblicos e mitológicos, nota-se uma relativa frequência. Aparecem Benjamim Elias (2), Gerson, João Batista, Joel, Jonas (2), Miriam (2), Moyses, Raquel, Rubens, Susana Ester.

Quanto a brasileirismos, podemos observar: Janaína, Jandiára (talvez aglutinação), Jandira e Ubirajara.

Entre os nomes que não nos soam como da língua portuguesa, contam-se: Anderson, Anderson Clayton (composto), Chirley (sic), Wilsre (masculino, num composto – sic), Dayana, Douglas, Francinetti, Giuliana, Jansen, Kely, Karina, Káti (sic), Micheline, Pablo, Robson, Vanderson. Wagner, Wallace, além de outros já citados.

O direito à livre escolha não foi abandonado, com a presença de: Adeílson, Adnilson, Alcilene, Altemir, Arilson, Aziane, Cazilda, Clarizilda, Claudemir, Claudinei, Cleuvis, Clieres, Depaulo, Edilson, Enivaldo, Eudénice, Franzimar, Galdecio, Genessi, Gíane, Gilar, Glausio, Gleg, Ilceléne, Ivanilson, Ivanuzia, Jaine, Jonacéli, Joséena,

Lanusa, Laurecir, Lone, Maiélson, Mair, Marcilene, Marilón, Mauricéa, Merelandi, Moémia, Nivander, Odair, Rauling, Reila, Roliana, Roney, Roseney, Rosicler, Rosilda, Rosinea, Rudinei, Sanclair, Saulimar, Sidcley, Sirio, Steption Luiz (composto sic), Valdelino, Valtecy, Vanderson, Vanise, Varlei, Wechait Queles (composto -sic), Zumáyse.

Alguns desses nomes poderiam ser adotados para indivíduos do sexo masculino ou do sexo feminino; a sonoridade nem sempre nos esclarece. A repetição de alguns deles em mais de uma lista, como já vimos, pode ser homenagem a parentes ou amigos, assim como um gosto pelo nome.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Poétique*. Paris : Mille et une nuits, 1997.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CASSIRER, Ernst. *Langage et mythe*. Paris : Les éditions de Minuit, 1973.
- COSERIU, Eugenio. El plural en los nombres propios. In: —. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid : Gredos, 1973.
- ECO, Umberto. *O pêndulo de Foucault*. Rio de Janeiro : Record, 1995.
- ELIA, Silvio. *Ensaio de filologia e lingüística*. Rio de Janeiro : Grifo, 1975.
- EPSTEIN, Isaac. *O signo*. São Paulo : Ática, 1986.
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome*. Rio de Janeiro : Imago, 1976.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris : Librairie Honoré Champion, Éditeur, 1965.
- METZELTIN, Michael. *O signo, o comunicado, o código*. Coimbra : Almedina, 1978.
- PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem e comunicação*. São Paulo : Cultrix, 1989.
- RAMAT, Anna Giacalone e RAMAT, Paolo. *Las lenguas indoeuropeas*. Madrid : Ediciones Cátedra, 1995

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ROSA, João Guimarães. *Noites do sertão*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Schwarcz, 1997.

SCHIAVO, José. *Dicionário de personagens bíblicos*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, [s /d].

TERWILLIGER, Robert F. *Psicologia da linguagem*. São Paulo : Cultrix, 1974.

VICTORIA, Luiz A . P. *Dicionário ilustrado de mitologia*. Rio de Janeiro : Tecnoprint, [s/d].

**PROCESSO DE EXPRESSÃO POPULAR NA “CENA TRIMALCHIONIS” DE PETRÔNIO**

*Edison Lourenço Molinari (UFRJ)*

A “Cena Trimalchionis” descreve um banquete realizado na casa do liberto Trimalcião, que enriquecera no comércio. Trata-se de um fragmento do *Satiricon* de Petrônio, que nos chegou mutilado, tendo-se conservado somente os livros quinze e dezesseis. Os convidados, apesar de alforriados, conservam traços de se a origem popular. Na “Cena”, eles sentem-se inibidos com a presença do anfitrião e só ficam à vontade para conversar, quando este se retira do triclinio (sala de refeições), entre os capítulos 41,9 e 46.

Através desses personagens, Petrônio revela-nos a mentalidade da plebe romana de seu tempo, além de registrar fatos do latim corrente. Enquanto ao nível do narrador é utilizado o latim clássico (já enriquecido com formas do latim imperial e da língua familiar), ao nível dos libertos vem documentado o latim popular, em suas características fonéticas, morfossintáticas e lexicais. Ocorrem ainda inúmeras figuras de estilo de sabor popular e expressões proverbiais, de que trataremos neste trabalho.

A ação se passa possivelmente em “Puteoli” (atual Pozzuoli), e os libertos aparecem na seguinte ordem: Dama, Seleuco, Filerote, Ganimedes e Equionte.

### 1. DAMA

Dama é um liberto de pouca instrução, que se expressa através de frases curtas, sem ordenação lógica, além de usar palavras e expressões populares. Seu gosto pelo vinho é realçado por palavras longas extremamente expressivas: “... cum pataracina poposcisset...” (41,10) Como ele tivesse ele tivesse pedido uma enorme taça de vinha...

Dama é uma epicurista que, bastante bêbado, filosofa sobre a fugacidade do tempo que deve ser aproveitado: “Dies, inquit, nihil est. Dum uersas te, nox fit. Itaque nihil melius est quam de cubiculo recta in triclinium ire.” (41,10) O dia não dura nada, disse ele. Enquanto te viras, já é noite. E assim nada é melhor que ir direto da cama para a mesa.” Como esse banquete é realizado no inverno, o

liberto recomenda o consumo do vinho para combater o frio intenso: “Tamen calda potio uestiarius est. (41,11) Porém uma bebida quente vale por um guarda-roupa.” Aqui destacamos a expressividade da metáfora obtida pelo emprego do substantivo “uestiarius” para designar o vinho. Podemos aproximá-la de nossas expressões casaco de pobre e agasalho de pobre, aplicadas pelo povo à cachaça. Verificamos também a forma sincopada “calda” em lugar de “calida”. O próprio Dama reconhece seu estado de embriaguez, ao empregar a seguinte hipérbole: “Vinus mihi in cerebrum abiit.(41,12) O vinho me subiu à cabeça.” Observamos também nesta frase o emprego do masculino “uinus” em lugar do neutro “uinum”, o que comprova a tendência da língua corrente para eliminar o neutro em proveito do masculino.

## 2. SELEUCO

Seleuco é um homem pessimista que se torna melancólico sob o efeito do álcool. Fala inicialmente sobre o banho diário, empregando uma pitoresca metáfora de estilo popular: “Ego, inquit, non cotidie lauor; baliscus enim fullo est: aqua dentes habet, et cor nostrum cotidie liquescit.”(42,1) Eu não tomo banho todo dia, diz ele; com efeito o banho é pisoeiro: a água tem dentes, e o coração vai-se derretendo dia a dia.” A primeira metáfora nos faz lembrar que nas tinturarias romanas os tecidos eram tratados com substâncias alcalinas e pisados durante a lavagem e a limpeza. Daí a imagem relacionada aos efeitos do banho quente sobre o corpo, segundo o liberto. O caráter concreto e realista dessa metáfora é reforçado pela comparação da água a mordidas sobre o corpo. Por isso, o liberto bebe vinho para espantar o frio, empregando uma expressão grosseira, na qual o verbo declarativo é combinado ao helenismo “laikázein”, prostituir-se: “frigori laecasin dico”. (42,2) Eu mando o frio se f...”

A seguir, Seleuco revela sua afetividade, ao lembrar seu amigo falecido Crisanto: “Homo bellus, tam bonus Chrysanthus animam ebulliit.” (42,3) Crisanto, um sujeito legal, tão bom, bateu as botas.” Vemos aqui o emprego “bellus” em lugar de “ebullio” provém de “bulla”, bolha de ar, e a expressão citada acima revitaliza a forma corrente “animam efflare”, soltar o último suspiro. A pessoa do morto ainda é muito forte na mente do liberto, conforme deduzimos de sua afirmação, na qual a repetição do advérbio “modo” adquire

valor intensivo: “Modo, modo me appellauit”. Ainda há pouco ele me chamou.” E conservando no pensamento a idéia expressa na metáfora anterior, Seleuco desabafa, ante a fragilidade humana e a inevitabilidade da morte, comparado os homens a bolha de ar: “Vtres inflati ambulamus. Minoris quam muscae sumus. (...) nos non pluris sumus quam bullae.” (42,4) Nós andamos como odres cheios de ar. Valemos menos que as moscas. Não valemos mais que bolhas de ar”. Note-se ainda a construção do trecho em estilo paratático.

Ao lembrar que seu amigo ficou cinco dias sem beber nem comer, Seleuco recorreu a um novo eufemismo sobre o desaparecimento de Crisanto: “Tamen abiit ad plures.”(42,5) Porém ele partiu para o outro mundo”. No mundo greco-romano acreditava-se que a região dos mortos era mais populosa que o mundo dos vivos. Daí o emprego de “plures”, numerosos, para designá-la. Os nomes do deus dos mortos “Pluto, Plutones e Dis, Ditis” também estão ligados à noção de grande quantidade, pois esse deus reina sobre um mundo superpovoado de alma.

Na opinião do liberto foram os médicos que acabaram com Crisanto, aliados ao mau destino, “malus fatus”, que perseguia o pobre homem. Seleuco é fatalista, daí a forma masculina “fatus” em lugar do neutro “fatum”, pois aqui o destino é uma força personalizada e divinizada. Quanto aos médicos, eles constituem somente um reconforto moral: “animi consolatio”(42,5)

Referindo-se ao caixão do amigo, Seleuco emprega mais um eufemismo, dizendo “uitali lecto” em lugar de “mortali lecto”: “Tamen bene elatus est, uitali lecto, stragulis bonis” (42,6). Todavia ele teve um belo enterro, no seu leito vital, com uma bela mortalha.” O liberto ainda lança duras críticas à viúva que não pranteara devidamente o marido, atacando violentamente as mulheres: “Sed mulier quae mulier miluinum genus. Neminem nihil boni facere oportet; aequae est enim ac si in puteum conicias. Sed antiquus amor cancer est.” (42,7) Mas as mulheres tanto uma como outra são uma raça de abutres. Ninguém devia fazer para elas nada de bom; é como se enchesse d’água um poço. Mas um velho amor é uma doença incurável.” Ressaltamos aqui a rapacidade proverbial dos abutres; a construção negativa pleonástica; a expressão proverbial “in puteum conicere” aplicada a uma ação praticada inutilmente; a desoladora reflexão sobre o amor que encerra a fala de Seleuco.

### 3. FILEROTE

Filerote é um otimista que ama os prazeres da vida e assim reage às palavras de seu antecessor: “*Viuorum meminimus.*” (43,1) Lembremos os vivos. “Apesar dessas palavras, ele pronunciará a oração fúnebre de Crisanto, cujos méritos ele resume com um expressivo paralelismo sintático: “*honeste uixit, honeste obilit.*” Viveu com dignidade, morreu com dignidade.”

Crisanto venceu na vida, porque era um homem econômico, chegando até a avareza, enfatizada pela crueza das palavras de Filerote: “*Ab asse creuit et paratus fuit quadrantem de stercore mordicus tollere. Itaque creuit, quicquid creuit, tanquam fauus.*” Ele veio do nada e estava pronto para apanhar na m..., com os dentes um quarto de asse. E assim cresceu, e como cresceu! – como um favo de mel.” O asse era uma moeda romana de pouco valor e metaforiza a origem humilde de Crisanto; o favo de mel era o símbolo da prosperidade e ressalta a sua ascensão econômica.

No entanto, Filerote não perde a oportunidade de falar mal do morto. Reconhece sua irreverência, justificando-a: “*De re tamen ego uerum dicam, qui linguam caninam comedi: durae buccae fuit, linguosus, discordia, non homo.*” (43,3) Todavia, eu que comi a língua de um cão, falarei a verdade sobre o caso: ele era um desbocado, um linguarudo, um brigão e não um homem de bem.” Observemos que os romanos consideravam o cão o símbolo da indecência e da maldicência; a construção sintática do tipo “*discordia, non homo*” que sintetiza a personalidade do morto, aparece em outras passagens da “Cena”.

O irmão de Crisanto, por outro lado, era generoso com todos: “*Frater eius fortis fuit, amicus amico, manu plena, uncta mensa.*” (43,4) O irmão dele foi um homem corajoso, amigo dos seus amigos, um mão aberta, com a mesa farta. “A prodigalidade desse homem pode ser atestada pelos três segmentos binários encontrados neste trecho: “*amicus amico, manu plena, uncta mensa*”.

Crisanto enfrentou inúmeras dificuldades no início de suas carreira: “*Et inter initia malam parram pilauit, sed recorrexit costas illius prima uindemia.*” (43,4) E no início da vida ele depenou uma ave de mau agouro, mas sua primeira vindima consertou-lhe os costados.” A “*parram*” era uma ave agourenta, e a expressão “*malam parram pilauit*” equivale em português a “comeu o pão que o diabo

amassou; a expressão metafórica “*recorexit costas illius*” ressalta o seu êxito no comércio. Na verdade ele enriqueceu graças a uma herança, da qual recebeu mais do que lhe cabia, segundo a maldizente Filerote: “... *illius mentum substulit...*”(43,4) Isto o fez erguer a cabeça.”

Suas desavenças com o irmão levaram-no a fazer o testamento para um estranho: “*Et ille stips, dum fratri suo irascitur, nescio cui terrae filio patrimonium elegavit.*”(43,5) E esse imbecil, desde que está de mal com o irmão, legou seus bens a um João-ninguém qualquer.” Aqui reconhecemos o termo injurioso “*stips*” e a expressão proverbial “*terrae filius*” que designa um indivíduo qualquer. Por isso Filerote justifica o procedimento do morto, citando um provérbio onde ocorre uma expressiva repetição verbal: “*Longe fugit, quisquis suos fugit.*”(43,6) Foge para longe aquele que foge dos seus”. Esse homem, porém, ficou arruinado, porque confiara nos escravos que ele escutava como se fossem oráculos, o que leva o liberto a concluir sabiamente que o segredo é a alma dos negócios: “*Ninquam autem recte faciet qui cito credit, utique homo negotians.*” Nunca, porém, agirá com prudência aquele que confia em alguém de imediato, principalmente um negociante.”(43,6)

Apesar disso, ele aproveitou a vida, era um protegido da sorte, sabia ganhar dinheiro: “*Plane Fortunae filius. In manu illius plumbum aurum fiebat.*”(43,7) Era um filho da deusa Fortuna. Na mão dele o chumbo virava ouro.” Ele viveu mais de setenta anos, tinha uma saúde de ferro, sem um fio de cabelo branco: “*Sed corneolus fuit, aetatem bene ferebat, niger tanquam coruus.*”(43,7) Mas era resistente como um chifre, suportava bem o peso da idade, e seu cabelo era negro como um corvo.” Possuía um vigor sexual incrível e gostava muito de rapazes, o que faz Filerote afirmar com maliciosa ironia que ele era um homem devotado à deusa Minerva: “*omnis Minervae homo*”(43,8). Como Minerva era a deusa da sabedoria, Crisanto era um homem que sabia escolher de acordo com suas tendências naturais. O liberto encerra sua fala com um pensamento epicurista, que freqüentemente aparecia nas inscrições tumulares, para resumir o necrológio do amigo: “*hoc solum enim secum tulit*”. Com efeito só levou isto consigo.” Em outras palavras, só levou seus dotes pessoais, pois nada se carrega deste mundo.

#### 4. GANIMEDES

Ganimedes é um homem revoltado contra o alto custo de vida, sente saudades do tempo passado, quando todos eram felizes. Por isso, a sua fala gira em torno de dois planos temporais antitéticos: um passado de fartura e um presente de miséria. Ele começa criticando Filerote, por ficar alheio ao sofrimento da plebe: “Narrat is quod nec ad terram pertinet, cum interim nemo curat, quid annona mordet.”(44,1) Ele fala de coisas que não interessam, enquanto ninguém vê como o preço do trigo é escorchante.” Vale aqui registrar a expressão proverbial “quod nec ad terram pertinet” e a expressiva metáfora “annona mordet”, aplicada “a elevação de preços que morde o bolso do pobre. Além da inflação e da seca, os edis, são cúmplices dos comerciantes desonestos: “Aediles male aueniat, qui cum pistoribus collidunt.” (44,3) Malditos sejam os edis que estão mancomunados com os padeiros: Protege-me que eu te protegerei.” Além da imprecação lançada contra os edis, notemos que a ruptura brusca do período realça o provérbio aplicado à venalidade desses magistrados. Para expressar sua indignação, Ganimedes emprega as seguintes hipérboles: “Itaque populus minutus laborat; nam isti maiores maxillae semper Saturnalia agunt.”(44,3) E assim a raia miúda sofre; pois essas enormes mandíbulas sempre festejam as Saturnais.” As “maxillae” são os comerciantes gananciosos, e as Saturnais eram festas celebradas no fim do ano, a partir de 17 de dezembro, com folguedos, trocas de presentes e liberdade absoluta, revivendo a época de prosperidade em que Saturno governou a Itália.

Ganimedes se recorda de que, quando ainda era um menino, havia um orador famoso chamado Safínio, que tinha coragem de combater os maus administradores e tinha um temperamento explosivo: “piper, non homo”(44,6) Ele era uma pimenta, não um homem, pois estava sempre irritado. Daí a utilização de mais uma hipérbole, para designá-lo: “Is quacunque ibat, terram adurebat”(44,7) Por onde quer que ele andasse, queimava o chão.”

Apesar disso, ele era um homem íntegro, um amigo sincero, de toda a confiança, virtude ressaltada pelo seguinte provérbio: “... cum quo audacter posses in tenebris micare”(44,7) Com ele poderias ousadamente jogar a morra no escuro.” Nesse jogo, os dois jogadores levantam alguns dedos ao mesmo tempo, e o adversário deve adivinhar o número de dedos levantados. Safínio seria incapaz de

trapacear mesmo no escuro. Sua oratória no conselho dos edis era invencível, porque ele não usava floreios literários: “Nec schemas loquebatur sed directum”(44,8) Não falava complicado, ia direto ao assunto.” Observe-se que o neutro “schema”, figura de estilo, foi flexionado como feminino. A grandiosidade dos discursos de Saffínio é enaltecida com um bela metáfora de efeito musical: “Cum age-ret porro in foro, sic illius uox crescebat tanquam tuba.”(44,9) Quando falava no foro, a voz dele crescia como o som de uma trombeta.” Ganimedes revela ainda um traço da psicologia popular, ao lembrar que Saffínio cumprimentava gentilmente a todos como se fosse um deles, chamando cada um pelo nome.

Voltando aos problemas atuais, o liberto faz um novo paralelo entre o passado e o presente, desta vez falando da fartura dos velhos tempos: “annona pro luto erat”(44,10) A colheita do trigo era abundante como a lama do chão.” Além disso o pão que custava um asse dava de sobra para duas pessoas; hoje o pão é menor que um olho de boi. A vida na colônia vai de mal a pior: “Haec colonia retrouersus crescit tanquam coda uituli.”(44,12) Esta colônia cresce para trás como cauda de bezerro. “Aqui temos uma comparação colhida ao ambiente rural e a forma popular “coda” em lugar da forma clássica “cauda”.

Esses desmandos ocorrem porque os homens não reagem contra o edil desonesto. O liberto emprega uma expressão grosseira sobre a virilidade dos habitantes locais, além de aludir à covardia da raposa e à bravura do leão: “Sed si nos coleos haberemus, non tantum sibi placeret. Nunc populus est domi leones, foras uulpes.”(44,14) Mas se nós tivéssemos testículos, ele não se fartaria tanto. Hoje o povo se comporta em casa como leões, lá fora como raposas.”

Para Ganimedes todo esse sofrimento é um castigo dos deuses, porque todos só pensam no dinheiro, esquecidos de suas obrigações religiosas: “Nemo enim caelum caelum putat, nemo ieunium seruat, memo Iouem pili facit, sed omnes opertis oculis bona sua computant.”(44,17) Com efeito ninguém acredita que o céu é o céu, ninguém observa o jejum, ninguém faz caso de Júpiter, mas todos contam suas riquezas de olhos fechados.” Aqui encontramos a anáfora do pronome “nemo”, realçando o desprezo às práticas religiosas e o genitivo de preço “pili” enfatizando o desprezo ao deus Júpiter.

Então o liberto recorda que antigamente as matronas participavam das “nudipedalia”, procissões que elas seguiam descalças, subindo a ladeira em direção ao templo de Júpiter, para suplicar ao deus que enviasse chuva à terra. E assim todos voltavam para casa, felizes com o atendimento de suas súplicas, molhados como ratos: “udi tanquam mures” (44,18); em português diríamos molhados até os ossos. Hoje, porém, os campos estão secos porque os homens abandonaram a religião: “Itaque dii pedes lanatos habent, quia religiosi non sumus.”(44,18) E por isso os deuses têm os pés cobertos de lã, porque nós permemos o sentimento religioso.” A expressão “pedes lanatos habere” alude ao costume de se amarrarem com faixas de lã os pés da estátua de Saturno, e que eram desatadas durante as festas celebradas em homenagem ao deus. O liberto entende que a impiedade humana provoca a indiferença dos deus aos sofrimentos da colônia.

## 5. EQUIONTE

O trapista Equionte, apreciador dos jogos do anfiteatro, é um otimista diate da vida: “Quod hodie non est, cras erit: sic uita truditur.”(45,2) O que não acontece hoje, acontecerá amanhã: assim corre a vida.” Para ele o mal está nos próprios homens que precisam aprender a ver tudo com bons olhos: “Non debemus delicati esse; ubique medius caelus est. Tu si aliubi fueris, dices hic porcos coctos ambulare.”(45,3-4) Não devemos ser derrotistas; por toda a parte se acha o meio do céu. Se tu estiveres em outro lugar, dirás que aqui os porcos já andam cozidos.” Além do caráter proverbial desse trecho, notemos a divinização do mundo celeste indicada pelo emprego de “caelus” masculino em lugar do neutro “caelum”.

Em seguida Equionte passa a falar dos espetáculos de gladiadores. Esses jogos de origem etrusca eram inicialmente realizados durante as cerimônias fúnebres; passaram a ser oferecidos ao público pelos candidatos e a cargos eleitorais, na esperança de conquistar a vitória nas urnas. Oficializados pelo Senado Romano em 105 A.C., eram considerados uma atividade infame de que participavam prisioneiros de guerra, criminosos condenados, escravos e até voluntários.

Equionte afirma que o magistrado municipal Tito oferecerá durante três dias um espetáculo grandioso, graças à herança recebida de seu pai: “Ferrum optimum daturus est, sine fuga, carnarium in medio, ut amphitheatrum uideat”.(45,6) Ele fornecerá ferro de primei-

ra qualidade, sem fujões, e um abatedouro no meio, para que todo o anfiteatro o veja”. A suntuosidade do evento, que deixará o nome de Tito na história da cidade, é ressaltada pelas metonímias “ferrum” que designa as melhores armas, e “fuga” substantivo abstrato: combatentes fugitivos; notamos ainda o emprego do masculino “amphitheater”, em lugar do neutro “amphitheatrum”. A afirmação do liberto mostra-nos a crueldade e a violência desses jogos apreciados pela plebe romana.

Entre os combatentes está o intendente de Glícon que fora surpreendendo mantendo relações sexuais com sua senhora, fato que o liberto menciona usando um irônico eufemismo: “qui deprehensus est cum dominam suam delectaretur”(45,7); o qual foi surpreendido quando dava prazer a sua senhora.”

Para Equionte, Glícon, que não vale um sestércio, “sestertiarus homo” (45,8), expôs ao público sua própria vergonha, ao atirar o intendente às feras. Culpando a mulher infiel, Equionte aplica-lhe o termo injurioso “matella”, urinol, com o sentido de ordinária, desavergonhada. Além disso, ele não perdoa a covardia do marido traído, que não tomou a atitude que o caso exigia, aplicando-lhe o seguinte provérbio: “Sed qui asinum non potest, stratum caedit”(45,8). Mas quem não pode bater no burro, bate na sela.”

Como se isso não bastasse, Hermógenes, o pai da adúltera, era um ladrão, uma ave de rapina; portanto, a erva daninha nunca poderia dar bons frutos: “Ille miluo uolanti poterat ungues rescare; colubra restem non parit.”(45,9) Ele era capaz de cortar as garras de um milhafre voando; uma cobra não gera uma corda.” Nós diríamos: tal pai, tal filho. Por esse motivo, Glícon vai ficar com essa mancha que só a morte vai limpar: “nec illam nisi Orcus delebit.” Somente Orco poderá apagá-la.” Aqui vem empregado metaforicamente o nome do deus do mundo das trevas, para indicar a morte. Orco é um teônimo da mitologia popular, enquanto Plutão pertence à mitologia erudita.

Em seguida Equionte fala sobre Maméia, um candidato às eleições, que oferecerá um baquete e distribuirá dois denários a cada convidado. Agindo assim, ele vencerá nas urnas seu adversário Norbano, com grande vantagem. O liberto emprega uma metáfora colhida às atividades náuticas para ressaltar a vitória nas urnas: “Scias oportet plenis uelis hunc uinciturum.(45,11) Convém que

saibas que ele vencerá a todo o pano.” Observemos ainda a forma popular “uincitulum” em lugar da forma clássica “uictulum”.

Norbano, por outro lado, ofereceu um espetáculo com gladiadores tão decrepitos que não resistiriam a um sopro dos adversários. Ele já assistira a lutas de bestiários muito melhores (criminosos condenados que combatiam as feras quase sempre desarmados). A caricatura dos gladiadores de Norbano possui um realismo expressivo: “Occidit de lucerna equites; puteres eos gallos gallinaceos: alter burdubasta, alter loripes, tertiarus mortuus pro mortuo, qui haberet neruia praecisa.”(45,11) Ele fez morrer cavaleiros pintados em lanternas; eram uns frangotores: o primeiro parecia um burro de carga, o segundo puxava da perna, o terceiro que substitui um companheiro morto tinha os tendões cortados.” Convém aqui ressaltar a alusão ao costume de se decorar as lamparinas com cenas ligadas aos jogos dos anfiteatros. A descrição acima constitui uma hipóbole que destaca a péssima qualidade do espetáculo. Segundo Equionte somente um lutador trácio combateu dentro das regras do esporte; os outros eram uns covardões, conforme atesta o emprego metonímico do substantivo abstrato aplicado aos péssimos lutadores: “plane fugae mearae”(45,12), nada mais que simples fujões.” O liberto simula um diálogo com Norbano, aplaudindo-o com ironia e citando um provérbio que traduz a ajuda recíproca: “Manus manum lauat”.(45,13) Uma mão lava a outra.”

Mudando de assunto, Equionte fala sobre o que pensam os libertos sobre a educação dos filhos. Ele dirige a palavra ao mestre de retórica Agamênon, convidando-o para visitá-lo. Ele tem um filho que poderia tomar lições com Agamênon. O menino é muito inteligente, sabe dividir por quatro, gosta de caçar passarinhos, tem vocação para a pintura, está adiantado na gramática, embora seu mestre não seja tão dedicado a sua tarefa: “Ceterum iam Graeculis calcem impingit et Latinas coepit non male appetere...”(46,5) Além do mais, ele já domina o grego e começa a aprender razoavelmente o latim.” Assinalemos a metáfora de sabor popular “calcem impingit”, dá um pontapé, e a negativa atenuada “non male”, aplicadas “a inteligência do estudante.

Equionte não quer que o filho enfrente as dificuldades por que ele passou na vida. Para garantir o seu futuro, comprou para o menino uns livros de leis, para que o mesmo se torne um advogado e ga-

ranta o sustento diário exercendo essa profissão: “Habet haec res panem”.(46,7) Esta profissão garante o pão de cada dia.” Se o filho não se der bem, ele vai mandá-o aprender um ofício: “aut tonstrenum aut praeconem aut certe causidicum, quod illi auferre non possit nisi Orcus”. O ofício é barbeiro, pregoeiro ou advogado, o que nem a morte poderá tirar-lhe.” Em lugar dos nomes das profissões, aqui foram empregados por metonímia os designativos daqueles que as exercem; novamente vemos o nome de deus Orco aplicado à morte, por metáfora.

Como um bom pai, o liberto incentiva o filho a estudar, ensinando-lhe um provérbio sobre a importância do saber: “quicquid discis, tibi discis.”(46,8) Tudo aquilo que aprendes, aprendes para ti.” Observe-se o paralelismo sintático no emprego reiterado da forma verbal “discis”, enfatizando o valor da educação. Com exemplo de quem venceu na vida estudando e fazendo muitos esforços, Equionte cita o advogado Filerote, que carregava nas costas fardos para vender. Esse homem superou todos os obstáculos e hoje ele já mede forças com o magistrado Norbano, citado anteriormente. Graças a seus estudos ele não vai morrer de fome: “si non didicisset, hodie famem a labris non abigeret.”(46,8) Se ele não tivesse estudado, hoje não afastaria a fome dos lábios.”

Equionte encerra seu discurso, ressaltando a importância do saber como um patrimônio inalienável, a única riqueza que ninguém poderá nos tirar: “litterae thesaurum est, et artificium nunquam moritur.” A cultura é um tesouro, e o talento nunca se perde” Neste provérbio o neutro “thesaurum” está empregado no lugar do masculino “thesaurus”, registrando-se mais uma vez, na fala de um liberto, a confusão entre os gêneros masculinos e neutro.

Aqui termina a conversa dos libertos, com o retorno de Trimalção ao triclínio.

#### BIBLIOGRAFIA

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. 4. éd. rev. Paris : PUF, 1969.

LAVEDAN, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie et des antiquités grecques et romaines*. 3.éd. rev. et mise à jour. Paris : Hachette, 1931.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MAIURI, Amadeo. *La cena di Trimalchioni*; saggio, testo e commento. Napoli : Raffaele Pironti, 1945.

PARATORE, Ettore. *Il Satyricon di Petronio*. Fireze : Felice Le Mounir, 1933. 2v.

PERROCHAT, Paul. *Pétrone; le festin de Trimalcion*. 2. éd. rev. corr.. Paris : PUF, 1952.

PÉTRONE. *Le Satiricon*. 7. tir. Paris : Belles Lettres, 1970.

PETRONIUS ARBITER. *Cena Trimalchionis*; testo critico e commento di Enzo V. Marmorale. Firenze : La Nuova Italia Editrice, 1948.

SULLIVAN, J.P.. *The Satyricon of Petronius*; a litterary study. London : Faber and Faber Limited, 1968.

## AULAS DE PORTUGUÊS COM ESTILO

Vito Manzollito (UFRJ/CiFEFiL)

POSSENTI, Sírio. *Mal comportadas línguas*.  
Curitiba : Criar Edições, 2000, 125 p.

Qualquer um que se dedique à leitura dos principais jornais do país certamente já teve oportunidade de verificar que, em todos eles, é possível encontrar uma coluna semanal, dedicada a análises e a comentários de fatos relativos à língua portuguesa. Assinadas, invariavelmente, por professores, jornalistas ou escritores, o enfoque é sempre prescritivo, sendo objetivo dos autores ajudar o cidadão comum a falar e a escrever melhor, isto é, de acordo com a norma culta da língua.

Na verdade, “aulas de português” ministradas por meio da imprensa escrita não constituem novidade para os brasileiros, já que essas colunas atuais nada mais são do que uma nova versão dos chamados “consultórios gramaticais”, comuns na primeira metade do século passado, nos quais estudiosos como Mário Barreto e Cândido de Figueiredo esclareciam dúvidas dos leitores relacionadas aos mais variados tópicos lingüísticos.

De modo geral, todos já sabem que o espaço ocupado pela norma culta na sociedade brasileira atualmente é, devido a fatores igualmente conhecidos, muito grande. No entanto, a língua, na condição de fenômeno social, cultural e histórico, também vem sendo estudada sob outras perspectivas. As crônicas que compõem o livro *Mal comportadas línguas* (título de uma das crônicas), de autoria do Professor Sírio Possenti, do Departamento de Lingüística da UNICAMP, são exemplo disso.

Abarcam variados itens lingüísticos, tratados, como é de se esperar de um lingüista, sem preocupações normativas. Inicialmente publicados no *Jornal de Jundiá*, os textos, agora reunidos em livro, poderão despertar o interesse não apenas dos estudantes e profissionais da área de Letras, mas também do público em geral, que desfrutará de crônicas leves, criativas e escritas com inteligência, perspicácia e sagacidade.

Numa delas, o Professor Possenti explicita a diferença de

ponto de vista existente entre os textos que produz e os escritos pelos autores dos grandes jornais:

Faço força para cumprir minhas promessas, mas às vezes não consigo. Tinha me prometido não falar mais das bobagens que se lêem nas colunas do Prof. Pasquale.<sup>20</sup> Poderia parecer implicância. Mas juro que não é questão pessoal. Tanto não é, tanto é apenas diferença de doutrina, que comento aqui o mesmo assunto de que tratei no texto anterior, uma avaliação de Josué Machado sobre um caso de acentuação. Ambos (não) pensam da mesma maneira (“Escrever a fala ou ler a escrita?”, p. 15).

Em outra, utiliza um editorial de jornal paulista para tecer comentários acerca do sistema pronominal português:

Estou dando toda esta volta para preparar um pequeno comentário sobre um fato que anotei lendo “O Estado de São Paulo”. Trata-se de um jornal conservador não só na política, mas também, talvez principalmente, na linguagem. Pois foi exatamente no editorial do dia 11/03/2000 que, comentando o comportamento dos juro americanos e a política recente da OPEP, ambos com reflexos no nosso bolso, o vetusto jornal escreveu que “o aquecimento excessivo da economia americana faz ele perder o sono com ameaça de inflação” (ele, no caso, é Alan Greenspan).

Pois é. Apesar da escola, apesar do conservadorismo do jornal, apesar do manual de estilo, apesar da rigorosa supervisão de Eduardo Martins, aí está o “faz ELE perder”.

Claro que a construção não é estranha. É provável que muitos sequer percebam que “deveria” ser estranha. Mas a escola diz que é. As gramáticas dizem que é. O Manual do Estadão deve dizer que é. Que o correto seria “fá-lo perder o sono”. Alguns acharão até feio, pensarão que há um cacófato. Talvez tenham razão.

A moral é que “ele” tem cada vez mais cara de objeto. As formas oblíquas estão desaparecendo. Até no Estadão. Melhor: sem que ele saiba (“Sem estrondo”, p. 28-9).

Ao longo do livro, não só questões de linguagem são discuti-

---

<sup>20</sup> Pasquale Cipro Neto, conhecido professor de Língua Portuguesa, autor da coluna “Ao pé da letra”, publicada em *O Globo*. Escreve também em outros jornais do país e apresenta ainda o programa “Nossa língua portuguesa” (TV Cultura).

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

das. Assuntos do cotidiano também encontram espaço. Em “Do riso ao trote” (p.117), por exemplo, temas como violência em instituições de ensino e piadas preconceituosas e/ou racistas são abordados, o que pode fazer aumentar o grupo de leitores potenciais da obra.

**CASTRO ALVES  
EM 68 VERSÕES DE “O NAVIO NEGREIRO”**

*José Pereira da Silva (UERJ)*

**ALVES, Castro.** *Tragédia no mar (o navio negreiro)*. Cotejo do manuscrito com 63 textos integrais e cinco parciais, no total de 15.998 versos, por Antônio José Chediak. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2000, 695 p.

Considerando que edição crítica não é sinônimo de crítica literária, nem crítica de estilo, nem “observação de pé de página para esclarecer referência do autor ou para comentários de natureza pessoal”, Chediak lembra que “A edição crítica visa a restabelecer a pureza original de um texto” (p. 10) e, como os heróicos filólogos de Alexandria “colacionavam manuscritos da antigüidade, até chegarem ao texto ideal”, preparou esse primoroso trabalho, sem, no entanto, pretender chegar a sua edição crítica definitiva, como fizeram Segismundo Spina e Leodegário A. de Azevedo Filho nas *Cantigas de Pero Mafaldo* e nas *Cantigas de Pero Meogo*, respectivamente.

Mas, esperançoso, regozija:

Felizmente, desde algum tempo se começou a compreender, neste país, que se torna indispensável zelar-se pelo admirável patrimônio literário que nos foi legado. Essa compreensão há de fazer com que, no futuro, a geração de agora não veja dilapidado o produto de sua criação espiritual, tal como foi o do jovem Poeta que pôs seus versos a serviço de nobilíssima causa. (p. 13)

Na “Introdução” (p. 23-43), uma síntese biográfica de Castro Alves é seguida de esclarecedores comentários críticos abonados por autores renomados sobre o poeta e sobre “A Tragédia no Mar”, entre os quais se encontram Afrânio Peixoto, H. Lopes Rodrigues Ferreira, Jorge Amado e Pedro Calmon.

No capítulo 3 se faz a recensão, com a descrição do autógrafo “de 13 páginas”, doado por Adelaide de Castro Alves Guimarães a Múcio Teixeira, que pertenceu à Casa de Rui Barbosa (segundo informação de Hans Jürgen W. Horch) e hoje se encontra no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, segundo Américo Jacobina Lacombe (em carta a A. J. Chediak, transcrita à p. 46).

Nesse capítulo se descrevem as duas primeiras redações públicas do poema, que saíram n' *O Myosote* (1869) e no *Jornal da Tarde* (1870), cotejando-se um a um todos os versos em que há qualquer divergência entre o texto impresso e o manuscrito, com os respectivos comentários esclarecedores, cotejando-se, a seguir, a edição (1921) da Livraria Francisco Alves com a edição do Centenário de nascimento do poeta (1947). A seguir, faz-se a colação do texto do *Jornal da Tarde* com a edição de 1921 e desta com o manuscrito, com o texto de *Poesias Escolhidas* e da edição de *O Myosote* com as *Poesias Escolhidas*.

Nesse capítulo ainda se dá a constituição do original autógrafo, com os comentários crítico-filológicos feitos a partir do manuscrito autógrafo em cotejo com as primeiras edições conhecidas, detendo-se demoradamente no tratamento da pontuação, descrevendo-se sucintamente os diversos textos integrais e os textos parciais a que o autor teve acesso.

A colação, resultante da paciência filológica do pesquisador, relaciona verso a verso, em cada um dos numerosos textos integrais e parciais, cada uma das mais insignificantes variações encontradas.

Em quase cinquenta páginas, retifica (no "Apêndice") algumas críticas apresentadas por Múcio Teixeira, um dos mais citados estudiosos do Poeta dos Escravos e sua obra, ao que acrescenta um quadro demonstrativo dos versos e do número de variantes, um vocabulário do poema, fac-símile do original autógrafo e sua leitura, fac-símile da edição de *O Myosote*, a bibliografia e um índice onomástico.

Ao final do cotejo dos 63 textos integrais e cinco parciais (identificados com algarismos romanos), Antônio José Chediak mostra que, dos 240 versos do Poeta imortal, apenas seis são idênticos ao original, 26 versos têm apenas uma variação e um deles – o verso 88: "Porém que vejo aí... que quadro de amarguras!" – apresenta 13 variações. São alterações de vária ordem: erros de revisão; troca de palavras; substituição de minúscula por maiúscula; mudança de pontuação; uso de apóstrofo indevido; etc., que o incansável estudioso mostra e comenta, caso a caso, verso a verso, para restabelecer totalmente a forma e a entoação dada ao poema pelo Poeta. (4ª capa).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PEIXOTO, Afrânio (Org.). *Castro Alves: o poeta e o poema*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Ed. Nacional, 1942.

FERREIRA, H. Lopes Rodrigues. *Castro Alves*. Rio de Janeiro : Pongetti, [s.d.].

AMADO, Jorge. *A B C de Castro Alves*. São Paulo : Martins, 1967.

CALMON, Pedro. *Castro Alves: o homem e a obra*. Rio de Janeiro : J. Olympio; Brasília : INL, 1973.

HORCH, Hans Jürgen W. *Bibliografia de Castro Alves*. Rio de Janeiro : INL, 1960, p. 46.

## INSTRUÇÕES EDITORIAIS

1. A *Revista Philologus* do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) tem por finalidade básica a publicação de trabalhos nas áreas de Filologia e Linguística. Devem os mesmos, de preferência, pertencer a autores filiados ao CiFEFiL.
2. Os artigos, que forem apresentados, podem ser inéditos ou não e de responsabilidade do(s) autor(es), sendo seus originais apreciados e avaliados pela Equipe de Apoio Editorial;
3. Cada trabalho apresentado ao CiFEFiL deve seguir estas normas:
  - 3.1. Os originais devem ser digitados em Word para Windows;
  - 3.2. Configuração da página: A-5 (148 X 210 mm) e margens de 25 mm;
  - 3.3. Fonte Times New Roman, tamanho 10 para o texto e tamanho 8 para citações e notas;
  - 3.4. Parágrafo justificado com espaçamento simples;
  - 3.5. Recuo de 1 cm para a entrada de parágrafo;
  - 3.6. Mínimo de 05 e máximo de 20 folhas;
  - 3.7. As notas devem ser resumidas e colocadas no pé de cada página;
  - 3.8. A bibliografia deve ser colocada ao final do texto, se o(s) autor(es) julgar(em) importante sua inclusão como parte informativa da temática global do artigo;
  - 3.9. Os artigos devem ser precedidos de um resumo de, no máximo 300 palavras, com indicação de três palavras-chaves e, **se possível**, sem gráficos, sem figuras e sem caracteres especiais.
4. Os artigos devem ser enviados por e-mail ou em disquete (**com cópia impressa**) até o primeiro mês do quadrimestre de sua pretendida publicação

À

**REVISTA PHILOLOGUS**

**A/C de José Pereira da Silva**

**Rua Visconde de Niterói, 512/97**

**20.943-000 – Rio de Janeiro – RJ**

Outras informações podem ser adquiridas pessoalmente, por telefone e fax (0XX21) 569-0276, pelo endereço eletrônico [pereira@uerj.br](mailto:pereira@uerj.br) ou através da home page [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br).